# Ângela Thalassa

### Correio Paulistano:

# O primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna

- O jornal que "não ladra, não cacareja e não morde" -

Mestrado em Comunicação e Semiótica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA, na Área de Concentração Signo e Significação nas Mídias, Linha de Pesquisa Epistemologia da Comunicação e Semiótica das Mediações, sob a orientação do Profo Dr. Norval Baitello Júnior.

PUC São Paulo 2007

Prof <sup>o</sup> Dr. Norval Baitello Júnior (Or	ientador)
Prof <sup>o</sup> Dr. Antonio Adami	
Prof <sup>o</sup> Dr. Luciano Guimarães	
	A Marcelino "Pão e Vinho", maninho, primeiro exemplo de amor às Ciências

Humanas, à Música e a outras Artes.

Quanta saudade!

#### Α

Dóris Luiza Thalassa Soliman, filhinha. De surpresa, ela se aproximava trazendo nas mãozinhas suco geladinho e sanduíche com o melhor queijo quente do Brasil. Pelo carinho nas longas horas de estudo, por compreender minhas ausências, amparar o choro, dar beijinhos de ânimo, reclamar e dividir sua especial infância com esta minha pequena aventura de dois anos.

#### **Agradecimentos**

Jornalista e Ms. Geraldo Rodrigues, intelectual e amigo, por despertar meu interesse pelo Correio Paulistano, pelos livros com os quais surgia de repente.

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliana Vianna Brito, querida professora dos tempos colegiais que, num reencontro vinte anos depois, simplesmente disse todas as palavras que eu precisava ouvir.

Prof<sup>o</sup> Dr. Norval Baitello Júnior, orientador desta pesquisa, transmissor de um poderoso vírus: ter carinho para com os nossos alunos, conhecer-lhes o nome, as dificuldades, as qualidades...

Professores Drs. Antonio Adami e Luciano Guimarães, pelo interesse no processo qualificatório, pela participação na Banca Examinadora.

Prof<sup>o</sup> Dr. Eugênio Trivinho, meu primeiro professor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/São Paulo: exemplo de ética, disciplina e dedicação, lançador de faíscas.

CNPQ, pelo financiamento desta pesquisa.

Prof<sup>a</sup> Marli Reis, pela leitura, pelas palavras de incentivo.

Prof<sup>a</sup> Conceição Ribeiro, amiga, pela leitura, pelas conversas, pelo incentivo.

Prof<sup>o</sup> Milton Bueno e Cristina, pela militância ética, pelos livros emprestados.

Sandra, irmã caçula, pelos socorros, pelas pacientes impressões e reimpressões.

Regina Borges, amiga e cabeleireira, por acreditar em mim e, claro, pelo penteado prometido para o dia do exame... Cabelos sãos, mente sã!

Fabiano Spada, pela diagramação.

Correio Paulistano: o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna - O jornal que "não ladra, não cacareja e não morde"-

O presente trabalho busca compreender o jornal Correio Paulistano (1854-1963) — primeiro diário de São Paulo e o terceiro do Brasil — e sua relação com o movimento modernista, demonstrada pela comparação entre as matérias publicadas por ele e pela concorrência. Os jornais eleitos para análise são, além do Correio Paulistano, o *Estadã*o, o *Jornal do Commérci*o, a *A Gazeta* e a *Folha da Noite* (posteriormente, *Folha de São Paulo*). As matérias escolhidas são as que retratam a cobertura da Semana de Arte Moderna, que provam que o Correio Paulistano foi o único a dar cobertura favorável ao evento, reconhecendo o vanguardismo do movimento modernista e contrariando a elite e a imprensa da época, que os consideraram "subversores da arte", "espíritos cretinos e débeis" ou "futuristas endiabrados". Apesar disso, nesta época, o jornal era representante do Partido Republicano Paulista, dirigido e sustentado por aristocratas, tradicionalistas e passadistas.

A descoberta da presença marcante de Menotti del Picchia na redação - ou *Helios* como costumava assinar a coluna *Chronica Social*, palco da prática de seu jornalismo literário e convincente - foi fundamental para compreendermos as diferenças gritantes na tônica da cobertura da Semana de 22, que pode ser apontada como um dos casos polêmicos que não recebeu tratamento maniqueísta por uma imprensa que historicamente se fecha em *pool*. Esse conflito só foi possível graças à postura do Correio Paulistano.

Nascido sob a monarquia, republicano por convicção, ora liberal ora conservador, rebelou-se contra forças políticas influentes e posicionou-se contra Vargas, sendo por ele empastelado por vários anos. O apoio ao movimento modernista representa uma rebeldia a mais na tumultuada vida do "conservador" Correio Paulistano. Sombra e reflexo de importantes transformações políticas e sociais que culminaram na sociedade e na imprensa de hoje, o objeto é tratado como parte do resgate da memória histórica do nosso jornalismo.

Como ferramenta para este estudo foi fundamental o concurso de autores como Nelson Werneck Sodré, Juarez Bahia, Paulo Duarte, Alberto de Souza (imprensa); Mário da Silva Brito, Francisco Alambert e Charles Harrison (Modernismo); José Maria Bello, Lilia Schwarcz e Leonardo Trevisan (História). Na formação do senso crítico quanto aos processos comunicacionais que transparece ao longo do trabalho, apontamos os autores Paul Virilio, Eugênio Trivinho, Krishan Kumar, Harry Pross, James Hillmann, Edgar Morin, Vilém Flusser, Jean Baudrillard, Boris Cyrulnik e Norval Baitello. Quanto à metodologia foram aplicados os métodos histórico e comparativo – o primeiro, permitindo a reconstrução histórica do cotidiano do jornal; o segundo, possibilitando a verificação das diferenças entre as coberturas jornalísticas à época da Semana de Arte Moderna.

Palavras-chaves: Correio Paulistano, história da imprensa paulista, Modernismo, Semana de Arte Moderna, Menotti del Picchia.

# Correio Paulistano: the first newspaper of São Paulo and the coverage of Modern Art Week - the newspaper that "doesn't bark, doesn't clucking and doesn't bite" -

The current research looking for to comprehend *Correio Paulistano* newspaper (1854-1963) – first daily of São Paulo and third in Brazil – and its relation with modernist movement showed by the comparison between their articles published and other published by their competing newspapers. *Correio Paulistano* and other newspapers were chosen for such analysis as *O Estadão*, *Jornal do Commércio*, *A Gazeta* and *Folha da Noite* (currently *Folha de São Paulo*). The chosen articles could prove that *Correio Paulistano* was the unique one that gave favorable coverage to the event recognizing the avant-garde of modernist movement and went against to the elite and the press at that time which considered the movement as "subversives of art" and "silly and cretin spirits" or "devilish futurists". Besides at that time *Correio Paulistano* was the newspaper of representative of São Paulo Republican Party which was directed and financed by aristocracy and traditionalist and nostalgic people.

The discovering of Menotti Del Picchia outstanding presence in editorial staff – or *Helios* as he used to sign the principal article entitle *Chronica Social* and that was stage of his literary and convincing journalism practice – was fundamental to understanding some gross keynote differences in coverage of 22 Week which could be pointed as one of polemical cases that didn't receive a manipulated approach by a press that historically use to work closing in pool. Such conflict just was possible because this mentioned *Correio Paulistano* position.

This newspaper arose during monarchical period and was republican by conviction – sometimes liberal sometimes conservative. It was rebel against political influenced forces and kept against position face to Vargas government and was been slapsticked during several years by these government forces. The support to the Modernist Movement was considered an extra rebelliousness in this conservative *Correio Paulistano* tumultuous life. Our object is approached as part of our journalism historical memory recovering when we consider *Correio Paulistano* as shadow and reflection of important political and social changes which culminated in the current society and press.

As instrument for the developing of this reasearch could be consider the incursion of authors as Nelson Werneck Sodré, Juarez Bahia, Paulo Duarte, Alberto de Souza (press), Mário da Silva Brito, Francisco Alambert e Charles Harrison (Modernism), José Maria Bello, Lilia Schwarcz and Leonardo Trevisan (History). In critical sense formation referring to the communicational processes which can be visible in the research trajectory we can named authors Paul Virilio, Eugênio Trivinho, Krishan Kumar, Harry Pross, James Hillmann, Edgar Morin, Vilém Flusser, Jean Baudrillard, Boris Cyrulnik and Norval Baitello.

**Keywords**: Correio Paulistano, press history of São Paulo State, Modernism, Modern Art Week, Menotti del Picchia.

### Introdução

Correio Paulistano: Cento e nove anos de história em cem páginas		01
História e lirismo em capítulos	·	03

Das dificuldades do percurso .......06

## Capítulo I

O nascimento e a morte do "bandeirante da imprensa paulista"	09
1.1 O Correio Paulistano funda a imprensa diária em São Paulo	10
1.1.1 Primeira edição – 26 de junho de 1854	17
1.1.2 Segunda edição – 27 de junho de 1854	20
1.1.3 Terceira edição – 28 de junho de 1854	22
1.1.4 Sétima edição – 04 de julho de 1854	23
1.1.5 Vigésima terceira edição – 22 de julho de 1854	24
1.2 O vento que sopra da redação ora é liberal ora conservador	25
1.3 Cinquentenário: abram alas para a chegada do século XX	42
1.3.1 No 95º aniversário: "as confidências de um anfitrião da história bandeira	nte
	44
1.3.2 Centenário: "um século de tradição a serviço de SP e do Brasil"	46
1.4 Morte sem decadência: a última edição de um arauto do jornalismo4	19
1.5 Joaquim Roberto de Azevedo Marques: o "exhaurido vexillario"	53

# Capítulo II

diário e o cotidiano de uma terra em construção
2.1 O contexto histórico do século XIX: idéias que atravessam oceanos 59
2.2 A Vila de São Paulo de Piratininga: o som de um burburinho no silêncio dos
matagais70
2.3 O "Partido dos Velhos": o jornal torna-se órgão oficial do Partido Republicano
Paulista (PRP)77
2.4 A carta de Campos Sales: o poderio econômico ameaça e cumpre
Capítulo III
Movimento modernista: o jornal dos oligarcas pretende ser moderno, vanguardista e polêmico
3.1 Da Europa em guerra para SP: por aqui, modernistas inspirados pelo progresso
3.2 Luxo e cultura nos anos de 1920: A "Paulicéia Desvairada" desponta 102
3.3 Debates pela imprensa: modernistas são defendidos na Chronica Social, coluna
de Menotti del Picchia
Conclusão
Correio Paulistano:
arauto, conservador, liberal, modernista147
Um salto de vanguarda151
Referências Bibliográficas154

<b>Anexos</b> 158	}
-------------------	---

O jornalismo é conflito, e quando não há conflito no jornalismo, um alarme deve soar.

(Eugênio Bucci em "Sobre ética e imprensa")

# Introdução

# **Correio Paulistano:**

cento e nove anos de história em cem páginas

O Correio Paulistano foi um dos maiores jornais da imprensa brasileira e formou pessoal e tecnologia que permitiram o surgimento de outros jornais tão fundamentais quanto ele, mas não pioneiros, como o *Diário Popular*, hoje *Diário de São Paulo*; *A Província de São Paulo*, atualmente *O Estado de São Paulo* e a *Folha de São Paulo*, bem mais recentemente formada a partir da união entre *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite*. O mais antigo deles – *A Província* – só foi lançado vinte e um anos depois do Correio Paulistano.

À época de sua fundação, ele foi o primeiro jornal independente não atrelado a um partido político ou a uma escola literária; o primeiro a ser publicado diariamente em São Paulo e por longo período de tempo; o primeiro a ser impresso em máquina de aço (abandonando o sistema de prelo manual à mão escrava capaz de rodar apenas 25 jornais por hora); o primeiro que montou oficinas a vapor; o primeiro que saiu às segundas-feiras; o primeiro a ser impresso numa máquina rotativa e o primeiro a sair em grande formato. Foi ainda o primeiro jornal matutino a estampar clichês e a contratar fotógrafos para seu corpo de redação, num momento em que notícias ilustradas eram privativas dos "vespertinos escandalosos" (sim, a neoplasia da imprensa já germinava suas células...). Foi o segundo a usar linotipos e o terceiro a completar um centenário em plena circulação no Brasil.

A importância deste objeto de estudo, contudo, não se dá por seus aspectos materiais ou técnicos *a priori*. Sua maior relevância, avalio, está no pioneirismo de ser um jornal diário numa terra sem leitores, de maioria escrava e analfabeta. Ser composto à luz de lampião numa São Paulo que dormia cedo para escapar ao cerco de perigosos lobisomens escondidos pelos matagais e pelas ruas esburacadas que arranjavam o pequeno núcleo colonial. E a despeito de dificuldades hoje inimagináveis, atravessar o período histórico – considerado pelos pesquisadores da

área como aquele que maiores transformações trouxe à vida cotidiana do ser humano - que transcorre entre a segunda metade do século XIX até a segunda metade do século XX.

#### História e lirismo em capítulos

"O nascimento e a morte do bandeirante da imprensa paulista" é o título do capítulo I. Nele abordei a fundação do jornal e o panorama da imprensa no Brasil colonial. Fiz também uma pesquisa *in loco* em algumas edições, inclusive na primeira, datada de 26 de junho de 1854, analisando-as pelos pontos de vista editorial e tipográfico. O aspecto político foi outro bastante esmiuçado: a postura ora liberal ora conservadora do jornal, recurso utilizado para sua sobrevivência em tempos de forte centralismo monárquico, foi pensada sob a ótica da dificuldade de se manter um jornal diário – com poucos anunciantes e baixo número de leitores - sem esbarrar na dependência dos organismos oficiais.

Algumas edições especiais são contempladas neste primeiro capítulo: 50°, 95° e 100° aniversários de fundação. E por falar na fundação do Correio Paulistano, seu fundador, Joaquim Roberto de Azevedo Marques não foi esquecido. Teve sua vida investigada e, num cruzamento de dados um tanto quanto impossível de ser aqui explicado, cheguei a montar sua árvore genealógica que compreende, inclusive, outros pioneiros da imprensa. Azevedo Marques ganhou minha simpatia: seu aspecto sisudo guardava honradez e frustração. E nenhuma *fofoca* consegui descobrir sobre a vida dele para lhes contar agora e quebrar esta geleira: teve 16 filhos com a mesma mulher, trabalhou exasperadamente, era um jornalista idealista e não aceitou propinas em seu jornal!

O que não consegui realizar de modo plenamente satisfatório neste primeiro capítulo foi o levantamento mais apurado das causas que levaram ao encerramento das atividades do jornal em 1963, depois de 109 anos. Tal ocorreu em razão da impossibilidade de acesso às últimas edições que, há anos, encontram-se ainda em processo de restauração e gravação em microfilmagem, não estando disponíveis à consulta pública. Formulei, contudo, duas hipóteses para o seu fechamento.

"Novas idéias, velhos lobisomens e o vínculo comunicativo entre um jornal diário e o cotidiano de uma terra em construção" foi o tema escolhido para o capítulo II. Impossível, para a linha de estudos da comunicação com a qual compartilho idéias, desconsiderar o vínculo entre o meio de comunicação e a cultura no qual ele está inserido. Por isso, fundamento o capítulo na passagem da sociedade agrária para a industrial, o "momento" que faz toda a diferença na história da história das nossas vidas e da vida do Correio Paulistano.

São Paulo colonial, escravidão, imigração, República, desenvolvimento urbano, Educação, a passagem da imprensa dos amanuenses (pessoas pagas para copiar à mão os jornais) até as poderosas rotativas. Nada disso poderia deixar de aparecer no corpo deste trabalho, pois contar a história do Correio Paulistano é contar a trajetória de São Paulo. Mas, se a futura maior metrópole do Hemisfério Sul anda de carruagem no século XIX, da Europa sopram idéias que atravessam oceanos e contaminam nossa muito recém formada elite cultural. No capítulo II as principais teorias e os mais influentes teóricos em voga no Velho Continente neste momento, aparecem como forma de contextualizar as bases da formação do germe do conceito de "nação brasileira", que inflama as páginas dos jornais, as conversas nas praças, nos cafés...

As "novas idéias" que sopram da política, das artes e da cultura balançam por aqui velhas estruturas de poder herdadas dos colonizadores e a política café-comleite da República Velha se obrigará a ganhar outros temperos, assunto que também surge no capítulo II. Em sua tese apresentada à USP (*Os Arautos do Liberalismo*, um estudo sobre o *Estadão* também editado em livro), a prof<sup>a</sup> Maria Helena Capelato mostra o quanto o estudo de jornais é de extrema importância para a compreensão de um período histórico. Como a idéia de "nação brasileira" ultrapassa a barreira do *Made in Europe* para chegar ao "verde-amarelo" e ao "indianismo" dos modernistas é o mote do capítulo seguinte:

"Movimento modernista: o jornal dos oligarcas pretende ser moderno, vanguardista e polêmico". O assunto do capítulo III concentra nosso principal objetivo: entender a ligação entre o Correio Paulistano e o movimento modernista. Ao final do capítulo, analisei matérias publicadas nos principais jornais em circulação em fevereiro de 1922, das quais extraí alguns adjetivos oferecidos aos artistas: "subversores da arte", "frutos verdes de espíritos cretinos", "mentes débeis", "ruidistas da arte", "futuristas enfoncè", "escandalosos", "extravagantes", "idiotas", "desequilibrados", "aberrações" e mais uma lista de outros.

No Correio Paulistano – o único jornal da grande imprensa a cobrir a Semana de Arte Moderna de forma positiva e a reconhecer o vanguardismo do movimento – o tom era de exaltação e exultação com a nova forma artística e o enterro do parnasianismo. Antes, porém, de chegar a esta comparação de matérias jornalísticas da cobertura da Semana de 22 propriamente, o capítulo III passa pelo contexto social-histórico que desembocou no modernismo no resto do mundo e no Brasil. Lá fora, o pessimismo causado pelas dores da I Guerra Mundial; aqui, o

entusiasmo com a nova metrópole que se levantava com o dinheiro do café. Nacionalismo, fascismo, capitalismo, greves, comunismo... misturas explosivas.

Naveguei também pelo luxo e pela cultura dos anos de 1920 - a década que transformou estruturalmente todo o mundo e é considerada o berço do Brasil moderno. Registro ainda diversas matérias publicadas no Correio Paulistano entre 1913 e 1921, que alimentaram o espírito modernista antes da Semana de 22.

#### Das dificuldades do percurso

Estando clara a importância do objeto e sua categoria de meio produtor de cultura e de cultura produzida por seu meio ambiente, numa simbiótica relação de sombra e reflexo, ao enfrentar as dificuldades de minha tarefa, não poucas devido a sua própria natureza, elenquei algumas para apontá-las neste espaço.

Não dispomos ainda de registros históricos adequados sobre a imprensa brasileira. Mesmo os autores que sabidamente são referências para a história da nossa imprensa, como Nelson Werneck Sodré, Juarez Bahia e Freitas Nobre, têm em suas obras preocupantes lapsos de tempo histórico e falhas na precisão de dados. Isso digo a respeito do Correio Paulistano, embora seja grande a probabilidade que o mesmo ocorra com outros importantes meios de comunicação. A dissertação ora apresentada representa um resgate, uma compensação dessa perda histórica.

Dada a dificuldade com as referências bibliográficas concentrei-me em beber direto na fonte principal. Novas agruras. O material microfilmado disponível na Biblioteca Municipal de São Paulo "Mário de Andrade" é o mesmo presente no acervo do Centro Cultural de São Paulo e está incompleto. Na primeira, uma única máquina em pleno funcionamento! Na principal biblioteca da grande metrópole deste

imenso país! No Centro Cultural um número maior de máquinas, porém, uma única com regulagem total de foco.

É fácil entender: o material microfilmado utilizado na pesquisa tem entre cem e cento e cinqüenta anos, sua qualidade está prejudicada desde o original, com páginas mutiladas, manchadas e amareladas, há inúmeros trechos apagados ou ilegíveis, o português é arcaico, as letras miúdas etc. e sem a regulagem total de foco a única leitura possível foi à lupa. Um enorme dispêndio de tempo e energia. Máquinas antigas, quebradas, acervo não digitalizado e - pasmem! - cópias ao módico valor de R\$3,60 a unidade (cfme. decreto do atual prefeito publicado durante as férias, precisamente em 29 de dezembro!), sendo necessárias quatro cópias para cada página de jornal em razão da falta de recursos técnicos da máquina.

No Arquivo Público do Estado de São Paulo o acervo de jornais antigos é bem mais amplo e lá encontrei todas as edições que necessitava, além de ser possível conseguir-se material em CD (aguardando-se entre vinte e trinta dias), porém, uma reforma interminável o manteve fechado por cerca de dois meses.

Estes "detalhes" que aponto têm como alvo lembrar que o descaso com a pesquisa bebe na mesma nascente da falta de cuidados com a Educação. A esta crítica, não me furto.

#### Considerações sobre a linguagem e os anexos

Ao longo de todo o corpo textual aparecem citações de autores e réplicas de artigos publicados em jornais cuja linguagem original foi preservada. Desta feita, os leitores encontrarão *arvore* (sem acento), *bello* (belo) ou *paiz* (país). E frases como: "cortava o silêncio o vulto mysterioso e lesto de um noctívago retardatário deslisava rente á parede, sob o alongado beiral dos telhados ennegrecidos, escondendo a

guitarra trovadoresca nas dobras da capa fluctuante e larga". Assim escolhi para preservar a fidelidade e a essência estética dos textos, uma vez que mantê-los em seu original não comprometia o entendimento global.

Em relação aos anexos faz-se necessário desculpar-se pela prejudicada qualidade das cópias, tiradas a partir de fotos da tela de microfilmes.

#### Dos objetivos e métodos

Gostaria, ainda, de esclarecer quais foram os meus objetivos ao apresentar esta pesquisa, focando-os em três pontos:

- 1 Resgatar a importância do jornal Correio Paulistano entre os maiores de São Paulo e do Brasil.
- 2 Cobrir a lacuna existente nas publicações que retratam a história da nossa imprensa.
- 3 Elaborar um trabalho que sirva de apoio para futuras pesquisas acadêmicas e jornalísticas.

Por fim, guardo para o futuro o desejo de aprofundar alguns aspectos desta dissertação, pois em que pesem consideravelmente a aplicação dos métodos histórico e comparativo – o primeiro, permitindo a reconstrução histórica do cotidiano do jornal; o segundo, possibilitando a verificação das diferenças entre as coberturas jornalísticas à época da Semana de Arte Moderna - aponto a falta da metodologia da memória oral, um recurso interessante para cobrir a lacuna de documentos. Abandonei este método pela dificuldade de localização dos descendentes das pessoas que foram mais diretamente envolvidas com o jornal e o conseqüente dispêndio de excessivo tempo que esta empreita acarretaria.

## Capítulo I

# O nascimento e a morte do "bandeirante da imprensa paulista"

### 1.1 O Correio Paulistano funda a imprensa diária em São Paulo

Correio Paulistano (1854-1963) foi um dos maiores jornais do Brasil e na sua longevidade de mais de cem anos carrega o título de verdadeiro primeiro diário da história de São Paulo e um dos primeiros do país¹. Fundado em 26 de junho de 1854, sob responsabilidade de um antigo tipógrafo, Joaquim Roberto de Azevedo Marques (1824-1892)², o Correio Paulistano circulou até 31 julho de 1963³, quando publicou sua edição de número 33.882.

Lançar um jornal diário diante das condições da época e conseguir mantê-lo fora atitude corajosa. Imprimiu edições diárias em quase todos os seus 109 anos, sendo bi-semanário apenas entre 14 de julho de 1855 e 01 de agosto de 1858. Ocupava um endereço no "triângulo histórico" (no conhecido centro velho de São Paulo), na hoje Rua Líbero Badaró, prédio 14-A (onde funcionou a Associação Cristã de Moços e a Sociedade Científica), então Nova de São José, nº 47. Rua de terra, só calçada vinte anos depois para receber o imperador (figura 3). Bahia (1972, p. 27) dá brilho ao momento (apesar de a história do jornal ocupar parágrafo único em

<sup>1</sup> Um ano antes foi lançado em São Paulo *O Constitucional* com projeto de ser diário, mas durou apenas poucas edições. No Brasil, o primeiro diário surgiu em 1821 – o *Diário do Rio de Janeiro*, cujas atividades encerraram-se em 1878. O *Diário de Pernambuco*, lançado em 1825, é o mais antigo ainda em circulação em toda a América Latina.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Sobre o fundador do Correio Paulistano leia o item 1.5 deste capítulo.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Esta é a última edição disponível, entretanto, o jornal circulou ainda até o mês de setembro; tais edições estão sendo restauradas pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo.

seu livro): "muitos jornalecos apareceram de 1830 a 1854, quando veio à luz o Correio Paulistano".

No ano de seu lançamento houve um recenseamento realizado a mando de José Antonio Saraiva, presidente da Província de São Paulo<sup>4</sup>, que contou "15.253 almas". Estudiosos da área acusaram erro na pesquisa e o presidente se defendeu alegando falta de orçamento para a correta operação censitária. Após estudos e comparações com outros censos, trabalha-se hoje com o número de 22 mil habitantes para a época, a maioria analfabeta e escrava.

Apesar do custo proibitivo, surpreendentemente, o <u>Correio Paulistano</u> foi o 64º jornal de São Paulo (SODRÉ, 1966, p. 88)<sup>5</sup> e se afirmou num tempo em que as folhas tinham vida dura e curta e a (ex) vila de São Paulo de Piratininga<sup>6</sup> a economia calcada em manufaturas de chapéus. Até então, São Paulo havia convivido, em razão da proibição de D. João VI, príncipe regente de Portugal, de haver tipografias na colônia, com jornais impressos em Londres como o *Correio Brasiliense* (1808-1822), *O Investigador Português* e até com folhas manuscritas. É importante frisar que o primeiro jornal manuscrito que circulou em São Paulo foi *O Paulista*, lançado em 1823 pelo tio do fundador do <u>Correio Paulistano</u>, professor de Gramática Latina e Retórica.

-

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Os Estados da Federação eram denominados Províncias anteriormente à Proclamação da República. E antes de serem Províncias, Capitanias Hereditárias.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> O Correio Paulistano foi o 64º entre 1827, data de lançamento do Farol Paulistano, primeiro jornal impresso na cidade, e 1854, data de lançamento do Correio Paulistano.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Sobre o desenvolvimento de São Paulo ler no capítulo II o item 2.2.

Por vezes, burlar os colonizadores resultava em experiências gloriosas como a de Líbero Badaró<sup>7</sup> no *O Observador Constitucional* (1829), já num tempo em que surgiam os primeiros jornais (não diários) impressos na cidade. O primeiro deles foi o *Farol Paulistano* (1827-1831), o que demonstrava o quanto São Paulo estava atrasada em relação à imprensa brasileira, fundada pelo semanário *A Gazeta do Rio de Janeiro*, em 1808, por ordem do mesmo D. João VI, instalado naquela cidade, então capital do Império. (Vianna, 1945). As matérias limitavam-se aos documentos oficiais da família real.

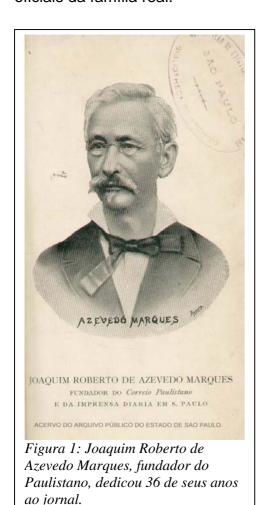




Figura 2: Pedro Taques de Almeida Alvim, o primeiro redator do Correio Paulistano, fez fama entre os colegas do Largo São Francisco.

\_

O médico e jornalista Giovanni Baptista Líbero Badaró foi assassinado em 1830 por policiais ligados à D. Pedro I. Houve grande manifestação popular e aumentou a insatisfação com o imperador, acusado pela morte do jornalista. Pedro I abdicou um ano depois. Tornou-se célebre a frase dita por Badaró no momento de sua morte: "Morre um liberal, mas não morre a liberdade!".

O ano do lançamento do jornal (1854) fora também o da chamada *política de conciliação*<sup>8</sup> (1853-1868), um acordo proposto por D. Pedro II pelo qual governavam juntos conservadores e liberais, que arrefeceu a luta entre as antigas agremiações. Sem o debate entre os meios de imprensa, o jornalismo ficou um tanto quanto prejudicado. Havia *O Ypiranga*, lançado em 1849, depois de a Revolução Praieira ter explodido em Pernambuco e, embora o presidente da Província fosse um conservador, o jornal saía em defesa do Partido Liberal. Os acadêmicos tratavam exclusivamente de filosofia, arte, literatura e direito: *Revista do Ensaio Philosophico Paulistano* e *Ensaios Literários do Atheneu Paulistano*. Parecia clara a carência de outros periódicos.

O serviço tipográfico era caríssimo tanto para a impressão de livros quanto de jornais. Diante da economia, da demografia, das tendências literárias, sociais e políticas, o lançamento de um diário demonstraria audácia e vanguardismo. Uma pergunta então se poderia fazer: se a imprensa "de combate" tinha perecido pela extinção dos partidos aos quais os meios de comunicação estavam ligados, por que o Correio Paulistano daria certo? Encontramos na edição de lançamento palavras que jogam luz a essa questão. "(Lançamos) no intuito de fundar uma tribuna livre, aberta a todas as aspirações e a todas as queixas, sem restrições na esfera do pensamento religioso ou partidário". O Correio Paulistano, portanto, estabelecia-se como um jornal livre, num momento em que todos os jornais existentes representavam um partido político ou uma escola acadêmica. E os atrelados a

\_

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> A *política de conciliação:* D. Pedro II estabeleceu o Ministério da Conciliação para alternar no poder liberais e conservadores, que mantinham aliança no estratégico ponto da escravidão. A partir de 1860, o desenrolar de acontecimentos importantes põe em xeque tanta cordialidade: proibição do tráfico (desde 1850), a expansão cafeeira, alavanca de desenvolvimento do país, e a Guerra do Paraguai (1865-1870).

partidos mantinham mornas as discussões por conta da política imperial conciliatória. Resta-nos acompanhar a construção e a desconstrução desse ideal.

Azevedo Marques, o fundador, traz para o jornal a experiência de haver gerido a tipografia do órgão oficial do Partido Liberal e convida para ser seu editor um conhecido membro do Partido Conservador, Pedro Taques de Almeida Alvim (1824-1870)<sup>9</sup>. Ele fica pouco, até 1856, mas procura dar vida ao diário. Taques era um boêmio altamente intelectualizado, um espírito à frente de sua época, e fez do Correio Paulistano o jornal mais aberto, moderno, tolerante e debatedor da tradicionalista cidade (Duarte, 1972).

Além da figura de Azevedo Marques, portanto, nos seus dois primeiros anos o Correio Paulistano esteve firmemente atrelado ao seu redator, Pedro Taques, que fez fama na época do *O Clarim Saquarema*, pequeno órgão humorístico que defendia o Partido Conservador e atacava a "golpes de ridículo" as personalidades mais festejadas do Partido Liberal. Sua existência, entretanto, não se dava ao léu: contrapunha-se ao panfleto do Partido Liberal de nome *Meteoro*. O Correio Paulistano não noticiou nem a entrada nem a saída de Pedro Taques. Curiosamente, era sistema dos jornais da época diluir a responsabilidade pessoal do redator numa responsabilidade coletiva e anônima.

O redator, entretanto, parecia constrangido dentro dos moldes clássicos da organização inicial do Correio Paulistano. E seu espírito criativo parece ter-se

inauguração da Railway Co. (depois RFFSA), cujo trem descarrilou no primeiro dia de funcionamento

da linha SP-Santos. Foi correspondente do Jornal do Commércio do RJ e deputado provincial pelo

Partido Conservador.

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Pedro Taques já havia redigido outros jornais como o *Íris* (1849) e *O Clarim Saquarema* (1851). Fez parte das primeiras turmas da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Usava o pseudônimo caipira Segismundo José das Flores para publicar, principalmente, poesias. Uma delas ridicularizava a

tornado mais sombrio do que aquele que o fizera conhecido entre jornalistas e estudantes de Direito.

Debalde procurei vestígios positivos da passagem de Taques por esse jornal: o seu engenho, dado á jocosidade e á pilheria, não podia nenhumamente revelar-se nas columnas graves, severas, de uma autoridade cathedrática, de uma circumspecção professoral, immutável, que o Correio Paulistano manteve desde seu início até bem poucos annos atraz. (SOUZA,1904, p. 23, sic)

Este fato nos leva a acreditar que todos os créditos pela experiência da imprensa diária em São Paulo foram somente de Azevedo Marques ou que a marca editorial do <u>Correio Paulistano</u> fora a mesma de seu fundador. Embora essa informação pareça contraditória com relação à fornecida por Duarte (1972), que classificou o <u>Correio Paulistano</u> como "o jornal mais aberto, moderno, tolerante e debatedor da tradicionalista cidade" (cfme. página 14), assim não a consideramos, pois, embora se mantendo acanhado seu redator e, ao analisarmos suas primeiras edições nada tivéssemos descoberto de "aberto" ou "debatedor", o <u>Correio Paulistano</u> desempenhava um papel de vanguarda para seu tempo.

Apuramos, através da análise das primeiras edições, que devido à *política de conciliação* proposta pelo imperador para todo o país, Azevedo Marques mantivera o jornal "imparcial", embora oferecesse um apoio sereno ao Conselheiro Saraiva, presidente da Província. Só raramente publicava artigos de fundo, restringindo-se aos atos oficiais, notícias do interior de São Paulo, da Corte e das demais

Províncias. Donde concluímos que foi esse jornalismo insosso que manteve cativo o espírito de Pedro Taques.



Figura 03: A Rua Nova de São José teve seu nome trocado para Líbero Badaró após o assassinato do jornalista de 32 anos. Coincidentemente, nesta rua funcionou a primeira e a última sede do Correio Paulistano.



Figura 4: Sede do jornal Correio Paulistano, na atual Rua Libero Badaró.

A análise de algumas edições, escolhidas pela importância e disponibilidade de material legível, nos fala mais sobre a fundação desse diário:

### 1.1.1 Primeira edição – 26 de junho de 1854 – segunda-feira

Página analisada: capa

Tamanho: 37 X 28 cm

Número de páginas: 4

Número de colunas: 3

Tiragem: 450 exemplares

Nº de habitantes em São Paulo: cerca de 22 mil

Circulação: "o jornal sai todos os dias exceto os de guarda" (informação contida na capa).



Figura 05: A capa da 1ª edição do Correio Paulistano está autografada pelo seu fundador, Joaquim Roberto de Azevedo Marques.

É preciso despojar-se daquilo que se conhece como um grande jornal, grande mídia, ou imprensa de massa nos dias atuais para se compreender a importância do Correio Paulistano para a época. Para conhecê-lo, passaremos a uma análise de sua primeira edição, lançada numa segunda-feira, 26/06/1854, que nos revela detalhes importantes. Ela traz na capa (região central, abaixo da logomarca) as informações: "Impresso na Tipografia Imparcial de propriedade de Marques e Irmão. Redator: Pedro Taques de Almeida Alvim. Dimensões variáveis". E esclarece: "Publica todos os artigos de interesse geral gratuitamente. Cobra as de interesse particular. Anúncios de assinantes terão inserção gratuita, não excedendo 10 linhas." Esta é também uma edição sem anúncios.

Do ponto de vista de uma análise tipográfica, a leitura de um jornal organizado em três colunas corridas de página inteira é bastante trabalhosa. O texto que termina na última linha da primeira coluna continua na primeira linha da segunda coluna, assim como o texto da última linha da segunda coluna continua na primeira linha da terceira coluna. Todo o texto corre na íntegra, sem intertítulos e sem apoio de imagens caricatas<sup>10</sup>, as quais só seriam introduzidas na imprensa paulista dez anos depois da fundação do <u>Correio Paulistano</u>.

Na primeira edição, na primeira coluna, o título: "Prospecto" e um texto aqui reproduzido na íntegra por tratar-se do primeiro texto publicado pelo jornal e por

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Caricatura, a "linha que brada", considerada um diálogo entre a pintura histórica e os retratos. O primeiro periódico ilustrado do Brasil surgiu em Recife, em 1831, e foi batizado *O Carcundão*. Em São Paulo tal só aconteceu em 1864-1865, período em que durou *O Diabo Coxo*, lançado pelo famoso caricaturista do Império, Ângelo Agostini, em parceria com Américo de Campos e Antonio Manoel dos Reis. O primeiro personagem abordado pelos caricaturistas foi o médico Oswaldo Cruz em razão da polêmica campanha de vacinação contra a febre amarela e a varíola.

revelar a preocupação com uma importante e eterna discussão na vida da imprensa nacional e internacional até os dias de hoje.

#### "Prospecto"

O Correio Paulistano, que hoje começa sua carreira jornalística, vem, também, abrir uma nova hera na imprensa desta província. Então, forçoso é confessá-lo, que a imprensa não tem correspondido por modo satisfatório à sua sublime missão (E o texto continua reclamando que os jornais do império estão a serviço de interesses pessoais, num trecho pouco legível).

Por outro lado, os interesses reaes da província, erão postos de parte, porque os interesses de partido tem tudo desnaturado e confundido. Nestas circunstâncias, entendemos fazer um importante serviço à nossa bella província publicando o Correio Paulistano, cuja missão é a de oferecer uma IMPRENSA LIVRE (destaque do autor).

(Correio Paulistano, 26 de junho de 1854, 1ª edição, capa, sic)

Um texto, como se vê, iluminado pelas discussões que perpassam esses 152 anos de imprensa diária no Brasil e em várias partes do mundo. O desejo de que cada lançamento de um órgão de imprensa se faça em benefício da novidade e da ruptura com o passado ("nova hera"), representado sempre pela "má imprensa"; o objetivo – nunca alcançado – de que os interesses coletivos suplantassem os de origem pessoal ("a imprensa não tem correspondido por modo satisfatório à sua sublime missão"); o sonho, nunca abandonado por muitos jornalistas, que a imprensa tivesse verdadeiramente liberdade de publicar, distanciando-se das

amarras políticas (como na época) e das amarras comerciais (que predominam hoje mais do que as políticas dentro das redações).

Na segunda coluna, sob o título "Correio Paulistano", uma matéria informa "que no dia 21 do mês que corre fez juramento sagrado o novo presidente da Província: José Antonio Saraiva". O texto saúda o novo presidente, depois critica as constantes mudanças no cargo. Promete apoio à Saraiva se ele trabalhar pela honra da Província. "O Correio Paulistano não é jornal de partido; seu fim está ligado à honra da Província" (cortando a frase ao meio, o texto continua na página 2).

Traz ainda informações oficiais sobre o Senado e a Câmara. No expediente diz:

A redação queria tamanho maior, mas são várias as dificuldades de quem está nascendo. Duas pessoas entregam pontualmente o jornal e pedirão assinatura a todos que o receber. No caso de recusa tenham a bondade de devolvê-lo.

(Correio Paulistano, p. 02, 1<sup>a</sup> edição - 26/06/1854)

### 1.1.2 Segunda edição - 27 de junho de 1854 - terça-feira

Observa-se a mesma estrutura tipográfica da edição número 01; as notícias correm por conta de informações oficiais da Câmara e do Senado. Sai o primeiro anúncio (como os seguintes teve inserção gratuita): um aviso a todos para que não façam negócios com tal senhor em razão de o mesmo ter letras protestadas pelo

padre local. Esta edição também marca o início da publicação dos folhetins<sup>11</sup> pelo jornal.



Figura 6: Esta é a capa da 2ª edição do Correio Paulistano, publicada em 27/06/1854.

Folhetim, gênero que mistura jornalismo, literatura, jocosidade e seriedade, considerado erroneamente por críticos como um tipo de "baixa literatura". Publicadas em capítulos que se sucediam nas edições dos jornais essas histórias fizeram muito sucesso e estiveram presentes na formação literária de escritores importantes como Machado de Assis. Já em 1830 chegavam ao Brasil em jornais estrangeiros em língua inglesa ou francesa. Em português, o primeiro jornal a publicar um folhetim foi *O Chronista*, no Rio de Janeiro, em 1836.

### 1.1.3 Terceira edição – 28 de junho de 1854 - quarta-feira

Observam-se pequenas alterações na tipologia empregada nos anúncios, diferenciando-os dos textos jornalísticos. São publicados na última coluna da página 04 com o título "ANNUNCIOS". Falam da venda de fazendas (tecidos vindos do Rio de Janeiro, capital); empregos em armazéns para rapazes entre 12 e 14 anos, aulas de piano, aluguel de escravos, aulas de florete e espada (esgrima) e que na Rua do Imperador, nº 01, necessita-se alugar uma ama-de-leite.



#### 1.1.4 Sétima edição – 04 de julho de 1854 - terça-feira

Sob o título "Notícias do ultimo vapor", o Correio Paulistano traz notas extraídas de jornais sobre acontecimentos na Europa (os jornais não são citados, mas sabe-se que um deles era o Diário do Rio de Janeiro, fundado em 01 de junho de 1821). Esta edição também esclarece que a administração do jornal é uma empresa literária (editora), que não interfere na redação (politicamente) e que o Correio Paulistano tem correspondentes nos pontos mais importantes da Província.



### 1.1.5 Vigésima terceira edição - 22 de julho de 1854

Observa-se um anúncio na página 04 de cabeça para baixo, revelando a pouca intimidade com recursos tipográficos na época. Os folhetins têm força e continuam por edições a fio. Publica ainda o *"Expediente da Presidência"* (da presidência da Província), num laço que se estreita com os organismos oficiais.



Figura 9: Correio Paulistano, 22/07/1854 - a página 04 passou a ser dedicada aos anúncios.

#### 1.2 O vento que sopra da redação é ora liberal ora conservador

Era praxe aplaudir apenas as peças dramáticas e pelas pantomimas manifestava-se o público somente com gargalhadas. "Certa noite, porém, a comédia era de tal modo jocosa que o auditório, obliterado repentinamente em seu bom senso, esqueceu a pragmática, as conveniencias sociaes e o próprio decoro, e prorompeu tresloucadamente em palmas estrondosas". (SOUZA, 1904, p. 20, sic)

O caso foi visto como mostra de anarquia num prédio de ordem pública e mexeu de tal modo com a sociedade paulista, que modificou a calmaria da cidade. Depois de dois dias de intenso falatório, o <u>Correio Paulistano</u> interveio publicando um artigo no qual alegava que o episódio fora um "movimento irresistível, necessariamente desculpável, porquanto não houvera premeditação intencional das palmas". O artigo acalmou os ânimos e o <u>Correio Paulistano</u> mostrava sua influência sobre seus leitores, estabelecendo um vínculo entre o ser que comunica e o que se torna produto da comunicação.

Se o jornal vivia seus momentos gloriosos também as dificuldades não o deixavam em paz. Desde sua fundação até 14 de fevereiro de 1855, o <u>Correio Paulistano</u> manteve-se com o mesmo formato e impressão em papel florete (um tipo de papel em folha inteira, porém, dobrável em três colunas, em princípio importado da Espanha). A partir desta data, aumentou o tamanho quando contratado para publicar atos da Assembléia Provincial, mas retornou ao velho formato tão logo esta fonte de recursos secou. Na sua gestão interina, Amaral Gurgel suspendeu a publicação dos atos oficiais (NOBRE,1950). Em 24 de maio do mesmo ano, o jornal já era publicado em tamanho ainda menor do que o inicial, numa época de grande

carência de recursos e apoio. Em julho, entra em enorme crise financeira. Azevedo Marques ao invés de suspender a publicação da folha, passou a lançá-la duas vezes por semana, depois de haver sido diária por um ano e 16 dias ininterruptos. A data de 14 de julho de 1855 marca o último número dessa primeira fase diária. É válido ressaltar que essa crise financeira também esteve ligada a um período de descompromisso da (pequena) população letrada com a leitura do jornal, pois o mesmo era vendido por seus entregadores separadamente e através de assinatura, cujas vendas também diminuíram.

Este período de dificuldade, iniciado em maio de 1855, permanece até 01 de agosto de 1858. Justificando-se através de um artigo, Azevedo Marques promete circular diariamente pelo menos nos meses de funcionamento da Assembléia Provincial (constantemente o imperador mandava fechá-la), mas a promessa foi apenas irregularmente cumprida. Essa situação de vai-e-vem financeiro, que ainda se repetiria inúmeras vezes, não era um caso específico do <u>Correio Paulistano</u>: as mesmas razões haviam suspendido a publicação de *O Ypiranga* depois de 14 anos.

[...]

A obra do jornalismo no Brasil, onde a imprensa vegeta sob o peso dos grandes salários do pessoal typographico, ainda escasso, do custo exorbitante do papel e outros materiais importados e, mais que tudo, do gravoso porte de circulação, verdadeiras azas de chumbo impostas á ave transmissora do pensamento, a obra do jornalismo no Brasil requer pesados sacrifícios pecuniários. Aos productos dessa sagrada industria scasseiam consumidores, porque geralmente os súbditos de um regimen que se mantem por ausência da opinião, não podem sentir a falta das liberdades que a imprensa procura reivindicar.

(O Ypiranga, artigo publicado em 12.12.1869, sic)

Através da leitura deste artigo podemos compreender os problemas que afligiam os heróicos jornalistas da época, os mesmos que atormentam hoje os de veículos de pequena imprensa: dependem de verba pública (não só das prefeituras, mas também das câmaras municipais), o que põe esses pequenos jornais muito próximos da manipulação política a favor de interesses pessoais e partidários; arcam com altos custos de serviços gráficos; abrem mão de profissionais especializados em razão de custos salariais e terminam por perder a qualidade, principalmente, a do texto, já que os recursos tecnológicos para o desenvolvimento de *design* são de mais fácil acesso, pelo menos atualmente.

Sem recursos, o <u>Correio Paulistano</u> cede a pressões do Partido Conservador e a ele adere publicamente, perdendo prestígio entre seus leitores. A ação foi considerada por muitos como "um passo dado para trás". Trocar de posição diversas vezes seria uma constante na vida do jornal, mas, nem só as questões financeiras pesaram na decisão de Azevedo Marques de se ligar a um partido, como não fizera durante a *política de conciliação*. De fato, ele havia compreendido que a *conciliação* proposta pelo imperador a todos os partidos, o "apagamento dos ódios", era um eufemismo totalmente ilusório.

Azevedo Marques sacrificava princípios políticos e relações pessoais pela sobrevivência do jornal que, sob seu comando, sempre viveu em aperto financeiro, já que ele evitava ao máximo os conluios. Sodré (1966, p.190) explica essas mudanças de posição política ao dizer que os jornais de vida longa no Brasil foram sempre conservadores, mesmo o Correio Paulistano, apesar de seus intervalos liberais. E Chagas (2001, p. 198) nos lembra que o próprio Azevedo Marques escreveu em editorial que deixava a linha liberal para a conservadora por "circunstância de caráter financeiro".

O largo período entre 1858 a 1882 foi de reorganização para o <u>Correio Paulistano</u>. Ligando-se ao Partido Conservador passou a receber novamente a subvenção do governo e retomou sua impressão diária. Em 1859, o presidente da Província, José Joaquim Fernando Torres, assinou autorização para a publicação dos atos oficiais (o jornal chegou a ficar parado por uma semana por falta de papel). Em artigo, Azevedo Marques promete continuar "franqueado a todas as opiniões honestas". Vale a pena analisar as mudanças ocorridas no período em questão.

A sede, que já havia deixado a Rua Nova de São José (Líbero Badaró) para se fixar na Rua do Ouvidor (atual José Bonifácio), em 1860, muda-se para a Rua do Rosário (15 de novembro), 49. Ali, o <u>Correio Paulistano</u> conseguiu contratar pessoal para o trabalho tipográfico e administrativo (José Maria Lisboa, que depois de 14 anos deixará o jornal para ajudar a fundar seu principal concorrente) e abriu um escritório permanente para recebimento de anúncios. Até então era impresso num prelo de pau movido à mão escrava e a tiragem permanecia nos mesmos 450 exemplares do ano de seu lançamento.

O jornal experimenta o progresso inaugurando uma Alauzet marca A (figura 10) em 1863, a primeira máquina de aço da imprensa paulista. A tiragem sobe para 700 números e o prelo de madeira manual é aposentado. O conteúdo tipográfico foi completamente remodelado. Depois, sobe novamente a tiragem para 850 exemplares assim que a Alauzet passa a ser movida a vapor, em 1869. Mais de vinte anos depois o jornal seria produzido na moderna "Máquina de Marinoni" (figura 11).

Foi o <u>Correio Paulistano</u>, portanto, o primeiro jornal de São Paulo a introduzir tais melhoramentos em suas oficinas. Nos primeiros dias, a curiosidade popular foi enorme. Houve romaria de todas as classes sociais para ver a impressão do jornal

na nova máquina. O povo se apertava e se acotovelava nas oficinas e até nas portas da rua. Segundo Souza (1904, p. 56, sic), "deram-se alguns esmagamentos e scenas de pugilato."

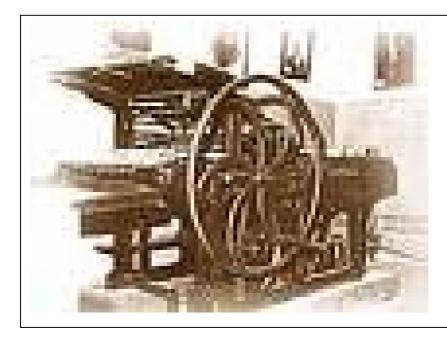


Figura 10: A Alauzet foi a primeira máquina de aço da imprensa paulista e aposentou o prelo de madeira de funcionamento manual, que imprimia apenas 25 jornais por hora. O Correio Paulistano foi o primeiro jornal a trabalhar com uma dessas máquinas em São Paulo.

Figura 11: A máquina de Marinoni (foto) substituiu a Alauzet nas oficinas do Correio Paulistano. Depois, seria a vez da moderníssima Koenig & Buaer. (fotografia extraída do livro de Marius Vachon: Les Arts et les Industries du Papier en France 1871-1894 (Librairies-Imprimeries Réunies, Paris), page 153)



Entre os anos de 1866 e 1872, a *Secção Livre* tornou-se a mais importante e comentada coluna do jornal. Publicava reclamações dos leitores e debatia assuntos como filosofia, religião, direito, ciências, artes e letras. Os artigos eram assinados por pseudônimos ou iniciais. Até 1872, o português Antonio Gonçalves Batuíra foi o entregador oficial do <u>Correio Paulistano</u>; tomando gosto pelo ofício, mais tarde dirigiu o quinzenário espiritualista *Verdade e Luz*.

Foi 1866 um ano importante para a capital paulista, que iniciava o caminho rumo ao "progresso" comunicando-se com outras localidades populosas via estradas de ferro, e em razão da guerra entre Brasil e Paraguai (1865-1870)<sup>12</sup>, já em curso (MAESTRI, 2001). Neste ano, o poder estava nas mãos do PP (Partido Progressista), liga heterogênea de elementos moderados do Partido Conservador e do Partido Liberal, e o presidente da Província era José Tavares Bastos, apoiado pelo Correio Paulistano. O redator, Américo de Campos<sup>13</sup>, por sua vez, sentia-se pouco à vontade no cargo em razão de seu "temperamento revolucionário e combativista". Parece-nos que o dominou a mesma inércia que anos antes refreara Pedro Taques.

Um fato marcante então se deu por conta de um artigo considerado ofensivo pelo chefe de polícia local. Azevedo Marques permitiu ao redator Américo de

\_

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> Sobre os acontecimentos históricos do século XIX que compartilharam espaço nas páginas do Correio Paulistano ler no capítulo II o item 2.1.

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Américo de Campos (1835-1900), formado pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e promotor público, fez da imprensa uma tribuna para defender seus ideais abolicionistas e republicanos. De 1865 a 1874 foi redator do Correio Paulistano, de onde saiu para fundar em 1875, com Rangel Pestana, A Província de São Paulo. Em 1884, com José Maria Lisboa, deixa A Província de SP (depois O Estado de SP) para fundar o Diário Popular, atualmente Diário de São Paulo (ler mais no capítulo II, item 2.4). Proclamada a República foi nomeado cônsul do Brasil em Nápoles, onde faleceu (ler mais no capítulo II, item 2.3).

Campos (que também editava o humorístico *Cabrião*<sup>14</sup>), publicar na *Secção Livre* uma reclamação assinada contra a polícia por esta não agir quando o autor do artigo e seu jornal foram atacados por um grupo de acadêmicos. O chefe de polícia era amigo íntimo de José Tavares Bastos (o presidente da Província) e ameaçou (por escrito, vale frisar) suspender o contrato oficial entre o <u>Correio Paulistano</u> e a Assembléia Provincial "si continuasse a agazalhar na Secção Livre quaisquer artigos ou reclamações contra a polícia". (SOUZA,1904, p. 40, sic)

Sentindo-se ferido em sua dignidade, Azevedo Marques rompeu com quem chamou de "presidente prepotente". Resultado imediato: o contrato que havia sido lavrado por resolução votada na Assembléia foi arbitrariamente suspenso. O presidente também recrutou funcionários do jornal para o serviço militar e para a Guerra do Paraguai. Em contraposição, o jornal aventou uma campanha férrea de oposição ao presidente "todos os dias e em todos os tons". Iniciou-se um tiroteio: o promotor público Martinho Prado Júnior (1843-1906) foi removido da Comarca de Santos por ser irmão de Antonio da Silva Prado (1840-1929)<sup>15</sup>, redator do *Diário de* 

-

O humorístico Cabrião (1866-1867) foi um dos primeiros jornais ilustrados do Brasil. Seus editores eram, além de Américo de Campos, Ângelo Agostini – o caricaturista do Império – e Antonio Manoel dos Reis. O trio já havia editado outro ilustrado – o Diabo Coxo (ler a nota 10). Cabrião significa "indivíduo que importuna sem parar", exatamente o que o jornal fez com o Império, com sátiras fantásticas.

Antonio da Silva Prado (tio-avô de Caio Prado Jr., considerado intelectual brasileiro contemporâneo) foi deputado e senador na Assembléia Provincial e primeiro prefeito de São Paulo entre 1898-1910; chegou a ser dono do Correio Paulistano. Martinho (avô de Caio) também foi político, assim como o pai dele, Antonio Caio. O patriarca da família foi o trisavô de Caio, Antonio da Silva Prado, Barão de Iguape (1798-1875), homem forte do Império, que transmitiu seu título por

São Paulo, órgão conservador que acompanhou o Correio Paulistano na campanha "contra o presidente prepotente". Também foi demitido da promotoria da cidade Francisco Quirino dos Santos por ser genro de Azevedo Marques.

Muda o governo e o Correio Paulistano baixa o tom. A Assembléia Provincial reconhece o direito de contrato que o jornal detinha, porém manda o caso para a análise do Judiciário. Enquanto o processo corre, o Correio Paulistano foi especialmente "liberal". Em 1868, caem os progressistas porque o imperador escolheu um conservador para um cargo no qual deveria estar um candidato liberal. E como já não poderia deixar de ser o Correio Paulistano alinha-se novamente com a corrente conservadora.

Desafiados, os progressistas reaproximam-se dos liberais para fazerem frente aos conservadores. Em 17.07.1868, a Assembléia Provincial é mais uma vez dissolvida e com isso as indecisões políticas "cessam": a monarquia manteria dois partidos constitucionais, que delimitam bem seus campos de atuação - liberal e conservador. É o fim da política de conciliação. Insatisfeitos, os liberais mais "radicais" deixam o partido e a idéia republicana começa a tomar vulto. Eles transformam o Club Radical da Corte em diversos clubes de republicanos e lançam, em 1870, um manifesto "que abalara profundamente os melhores espíritos da sociedade paulista", fundando o Partido Republicano<sup>16</sup> (COSTA, 1987). Em toda a Província ocorre o mesmo: os clubes radicais se constituem na bandeira republicana. Azevedo Margues, mesmo estando no poder o Partido Conservador,

gerações. A família Silva Prado foi das mais ricas e tradicionais de São Paulo com atividades no café, na política, na imprensa, no comércio, nas indústrias, finanças, ferrovias, na cultura e na arte.

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> Sobre o Partido Republicano e o Partido Republicano Paulista (PRP), do qual o Correio Paulistano foi órgão oficial, ler mais no capítulo II, item 2.3.

publica artigos de Américo de Campos e próprios aplaudindo os ideais liberaisrepublicanos.

O texto seguinte descreve o espírito desse tempo.

Não estávamos mais na tosca região ancestral pouco preparada para vencer na conquista penosa do futuro, e a capital não era mais a cidade escura, silenciosa e deserta, segregada de toda útil convivência de civilização anterior. A iluminação a gás embelezava noturnamente a cidade, as vias férreas cortavam os campos, galgavam serras, transpunham rios, ligando o sertão e a marinha a sede oficial do governo; as linhas de bonde com toda sua lentidão primitiva e rotineira aproximavam do centro os arrabaldes e facilitavam a circulação urbana; a imprensa e a arte tipográfica tomavam incremento, desenvolviam-se, melhoravam [...] se a população não aumentou em quantidade, sua qualidade cultural tinha aumentado com a leitura de livros e jornais da Corte e toda sorte de obras do estrangeiro. (SOUZA,1904, p. 45-46)

Por essa época, o <u>Correio Paulistano</u> entra numa briga contra a Cia. que executava a linha Santos-Jundiaí que, tendo carros de 1ª, 2ª e 3ª classes mandou retirar os bancos da 3ª classe para voltar a vender mais bilhetes das outras duas categorias mais caras. Havia outros problemas com os bondes: as viagens só aconteciam até às 20h30 e não havia iluminação interna, o que facilitava "certas liberdades escabrosas determinantes de viris protestos e bengaladas recíprocas". Os bondes passavam pela Rua Nova de São José (local da primeira sede do <u>Correio Paulistano</u>, atual Líbero Badaró) e descida do Acú (hoje ladeira de São João), "cujo c da ultima syllaba o engenheiro que traçou a planta de 1854 cedilhou

respeitosamente por motivos de pudicicia e de limpeza moral dignos do applauso honesto de todas as almas pósteras. (SOUZA,1904, p. 48, sic)

Em 17 de julho de 1872, os republicanos fazem uma reunião visando firmar uma organização forte e duas figuras marcam suas presenças: Azevedo Marques e Américo de Campos. Por dois anos, até a saída de Américo de Campos, o <u>Correio Paulistano</u> consegue manter seus artigos republicanos. Em 1874, deixando uma carta que não revela seus verdadeiros motivos, Américo deixa o jornal e se junta ao grupo que lançaria a *A Província de São Paulo*<sup>17</sup> (folha fundada em 04 de janeiro de 1875).

Muitas coisas estariam para mudar na vida de Azevedo Marques e do <u>Correio</u>

<u>Paulistano</u>, pois não resistindo às pressões impostas pela concorrência do novo diário, dentro de alguns anos ele se veria obrigado a vendê-lo. Tudo isso muito antes d'ele se tornar órgão oficial do Partido Republicano. Estas questões serão retomadas no capítulo II, nos itens 2.3 e 2.4.

Para fazer frente ao novo jornal em cuja direção estavam os republicanos, em 04 de dezembro de 1877, o <u>Correio Paulistano</u> assina contrato com o Partido Conservador. Dali em diante, o jornal serviria oficialmente para a defesa do programa doutrinário e dos interesses políticos deste partido. No ano seguinte, com a ascensão ao poder na Província do Partido Liberal, o jornal faz uma oposição implacável. Por exigência dos chefes paulistas do Partido Liberal, Joaquim Roberto de Azevedo Marques Filho é demitido do cargo de secretário da Academia de Direito.

. .

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> A Província de São Paulo passa a ser O Estado de São Paulo, em 1889. Sobre a relação entre este jornal e o Correio Paulistano leia no capítulo II o item 2.4, que também esclarece os motivos que levaram Américo de Campos a deixar o Correio Paulistano.

O ano seguinte marca também mudanças na imprensa de São Paulo. O jornal *Diário de São Paulo* (lançado em 1865), de propriedade do Cel. Paulo Delphino da Fonseca (primo de Azevedo Marques), deixa de ser publicado e todo o seu material tipográfico vai para o <u>Correio Paulistano</u>, inclusive mais uma máquina a vapor. Nesta data, ele passa a ser editado em grande formato.

Depois de cinco anos resistindo ao cerco dos conservadores, Azevedo Marques não pôde se opor nem ao poderoso Antonio da Silva Prado, chefe da União Conservadora (cfme. nota 15, p. 31) nem à concorrência de *A Província de São Paulo*, que já está completamente estabelecida. O ano é 1882 e o *Barão de Iguape* finalmente compra o jornal com quem já flertava desde que chefiava o *Diário de São Paulo* e colaborou com o <u>Correio Paulistano</u> quando este foi perseguido pelo presidente da Província.

O irmão dele, Antonio Caio da Silva Prado, assume a redação e o Padre Adelino Jorge Montenegro torna-se uma espécie de editor-gerente. José Maria de Azevedo Marques, um dos filhos do fundador do <u>Correio Paulistano</u>, faz as funções de guarda-livros e revisor. Azevedo Marques fica por perto e se torna o responsável pelas oficinas e pela gerência (cargo do qual seria demitido duas semanas depois de proclamada a República). Ele volta a ser o editor ainda no mesmo ano, já que Padre Adelino logo deixa a sua função.

Esse período encerra o que foi chamada de "fase de reorganização" do Correio Paulistano e inaugura a chamada "fase moderna de consolidação e progresso" (de acordo com uma classificação de Alberto de Souza, 1904). Tal divisão de fases se deveu à injeção de recursos proporcionada pelo poder econômico do novo proprietário. Desde o início da gestão de Antonio Prado até 06

de agosto de 1883, o <u>Correio Paulistano</u> saiu também às segundas-feiras e se tornou o primeiro jornal paulista a realmente ser publicado todos os dias.

A sistemática perseguição do <u>Correio Paulistano</u> ao Partido Liberal prosseguiu até a data de 19 de agosto de 1885, quando este caiu do poder. Com a nova ascensão dos conservadores, o jornal cresce. Pouco mais de um ano depois, o secretário da Província, Estevam Leão Bourroul assume a redação e, naturalmente, Azevedo Marques volta às oficinas. Na verdade, ocorria que desde que o Partido Conservador passou a ser mandatário do jornal, Azevedo Marques subia e descia do comando da redação a cada passagem de políticos no cargo, sendo, entretanto, sempre mantido por perto porque efetivamente era o único que entendia do processo de confecção de uma folha do início ao fim. Podemos imaginar o quanto isso custava ao seu espírito empreendedor e altivo.

O ano é 1887 e "tudo" está por acontecer: a abolição, a queda do Império, a República. Agora, ainda que ligado ao Partido Conservador, o <u>Correio Paulistano</u> vivencia esses momentos históricos intensamente e pode advogar a abolição<sup>18</sup>. Antonio Prado tomou a iniciativa de promover uma histórica sessão no Teatro São José, em 15 de dezembro deste ano, que teve influência na mudança legal que determinou o fim da escravidão no Brasil.

Cinco meses depois dessa reunião saiu finalmente a decisão parlamentar que culminou na assinatura da lei. No encontro em questão, os barões e políticos presentes deram-se conta, em alto e bom som e em conjunto, que a continuidade da escravidão os expunha aos riscos da perda do poder. Poucos dias após promulgada

-

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> Os Conservadores não advogaram a abolição por princípio, mas às vésperas dos acontecimentos que precipitaram a queda do Império, inclusive a abolição, adaptaram-se aos novos rumos da política para manterem seus vínculos com o poder.

a lei, nova troca na redação do jornal: sai Estevam Bourroul entra Paulo Egydio de Oliveira Carvalho.

Pouco antes da Proclamação da República, em 07 de junho, sobe ao poder o Partido Liberal e o Correio Paulistano explode em oposição, tornando claras as suas contradições e dificultando ao máximo o traçamento por parte desta pesquisadora de uma linha de conduta do ponto de vista político ou editorial. O Partido Liberal representava naquele momento os arautos da expectativa popular e suas teses eram muitas vezes defendidas em artigos do próprio Azevedo Marques. Os últimos governos monárquicos foram considerados desmandosos e retrógrados e a população brasileira estava muito irritada com o Império. Este, mantido apenas pelo apoio militar, vê a República ser consolidada quando tal apoio se retira, em 15 de novembro de 1889.

Foi o "conservador" <u>Correio Paulistano</u> a primeira folha a considerar o processo republicano irrevogável e a conclamar os antigos partidos a facilitarem a remodelação institucional do país, aderindo por palavras e atos. Dezessete anos antes, Américo de Campos havia cantado o ato nas páginas do <u>Correio Paulistano</u> como "uma utopia da pátria futura". A República marca outra mudança profunda nos destinos do jornal.

A partir de junho de 1890, ele foi adquirido por um seleto grupo de republicanos históricos, entre eles, o capitão Manuel Lopes de Oliveira, Victorino Gonçalves Carmilho, Jorge Ludgero de Cerqueira Miranda, Vladislau Herculano de Freitas, José Luiz de Almeida Nogueira, Carlos de Campos (editor-chefe por 25 anos), Luiz de Toledo Piza e Almeida, Wenceslau de Queiroz e Delphim Carlos. O jornal passa a ser o órgão oficial do PRP (Partido Republicano Paulista), posição deixada pela *A Província de São Paulo*. Nessa função o <u>Correio Paulistano</u>

permaneceu até 1955. A ligação com os republicanos é aprofundada no capitulo II, item 2.3.

A redação viveu talvez seus melhores momentos: Wenceslau de Queiroz era o primeiro secretário, auxiliado pelo cronista Paulo Prado, o folhetinista Ezequiel Freire e Américo de Campos Sobrinho. A presença de Paulo Prado<sup>19</sup> no jornal, 32 anos antes da Semana de Arte Moderna, nos dá as primeiras pistas da ligação entre o <u>Correio Paulistano</u> e os artistas modernistas (tema do capítulo III). A tiragem, que permanecia em 850 exemplares, subiu para 1.800 até rapidamente chegar a 8.500.

Souza (1904, p. 63, sic) nos dá uma curiosa informação: "O Correio Paulistano, por motivos íntimos que não importa revelar agora, atravessava então, em plena prosperidade econômica, uma situação financeira difficilima com cujos entraves era forçoso arcar heroicamente". Desta vez, foi o advogado Delphim Carlos quem socorreu o diário a ponto de comprometer sua fortuna, já que pouco depois da Proclamação da República, precisamente em 1º de dezembro de 1889, Azevedo Marques fora demitido de suas funções gerenciais do jornal do qual havia sido proprietário e fundador. O motivo da demissão foi dos mais simplórios: desentendimentos com um dos diretores, José Luiz de Almeida Nogueira. Os comentários do autor a respeito do episódio da partida de Azevedo Marques merecem destaque: "ao deixá-lo, foi acompanhado por sentimentos de affectuoso e grato respeito da alta sociedade paulistana e coro unânime de dolorosa e tocante

-

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> Paulo da Silva Prado (1869-1943) era legítimo representante da oligarquia paulistana dos anos de 1920-1930. Filho de Antonio da Silva Prado (ler a nota 15 na p. 23) foi o grande mecenas que possibilitou o evento modernista de 22. Ele tinha um dos pés nas rupturas que o movimento representava e outro no Departamento Nacional do Café.

sympatia do jornalismo local que abriu alas, á passagem do exhaurido vexillario<sup>20</sup>" (p. 66).

Alguns detalhes a respeito desses anos pré e pós República se fazem necessários.

Fim de 1886: a sede do jornal deixa a Rua da Imperatriz, 40, para a Rua do Imperador (hoje Marechal Deodoro). O prédio da Rua da Imperatriz havia sido comprado em 1859 por 16:000\$000 de réis e fora vendido em 1880 por 56:000\$000. Essa valorização naturalmente acompanhava o início das grandes transformações estruturais e econômicas pelas quais passaria a cidade na virada do século XIX. O comprador fora o Marquês de Três Rios, que mandou demolir o imóvel e construir um maior e mais "moderno" no qual funcionou a famosa Livraria Laemmert.

Em 1889, a sede voltou a ficar localizada na Rua da Imperatriz, mas no número 51. Foi neste local que o <u>Correio Paulistano</u> passou a ser impresso na máquina de Marinoni (figura 11). E foi nesse endereço também que Azevedo Marques viu funcionar o jornal que fundara até 1892, ano de sua morte. Pouco depois, em 1894, o jornal muda-se para a Rua São Bento, 35-C, onde depois esteve sediado o *Jornal do Commércio*.

Já em 1897 separam-se oficina e redação. Na Ladeira Dr. Falcão, 18, passou a funcionar a oficina. A redação ficou na Rua 15 de novembro, 44. Nos anos seguintes, o jornal trabalha para "apagar" problemas de adaptação entre os períodos

\_

 $<sup>^{\</sup>rm 20}$  "Exhaurido vexillario" ou "um incansável porta-bandeira".

monárquico e republicano. Levanta várias bandeiras e atua firmemente na defesa dos interesses do novo regime.

Em 1902 há nova mudança no endereço da oficina gráfica: vai para a Rua da Boa Vista, 13. A redação permanece na Rua 15 de novembro.

**Em 1904** o jornal comemora 50 anos (item 1.3 deste capítulo).

A partir de 1920 até 1922 o <u>Correio Paulistano</u> envolve-se com o movimento modernista e oferece ampla cobertura da Semana de Arte Moderna, sendo o primeiro jornal de importância em circulação na época do evento a reconhecê-lo (ler mais no capítulo III).

**Getúlio Vargas, 1930**: deste ano até 1934 o jornal foi fechado a mando do presidente e suas oficinas são incorporadas ao patrimônio do Estado. Depois, vendido para uma Sociedade Anônima e, em 1945, para João Sampaio, que elege para redator-chefe o prof<sup>o</sup> Luis Antonio da Gama e Silva.

Em 1949 a edição especial do 95º aniversário relembra a relação do jornal com o movimento modernista (ler mais no item 1.3.1 deste capítulo).

Já em 1954 o jornal publica uma edição comemorativa ao seu centenário com oito cadernos e cem páginas (ler mais no item 1.3.2 deste capítulo).

Em 1955<sup>21</sup> o Correio Paulistano foi novamente vendido e completamente

remodelado. João de Scantimburgo<sup>22</sup> fora o comprador e com ele fica até 1961; nesse período a tiragem é de 70 mil exemplares. Scantimburgo compra o jornal de Altino Arantes (1876-1965), governador de São Paulo entre 1916 e 1920, que havia adquirido os direitos do Correio Paulistano de João Sampaio. A morte do "bandeirante da imprensa paulista" está anunciada. Scantimburgo vende o jornal para o padre Victor Ribeiro Nickelsburg, nome que já fazia parte do conselho editorial, que o fecha em 1963 (ler o item 1.4 deste capítulo).

A luta de Azevedo Marques, mendicante de publicidade de porta em porta, não encontrou respaldo na seqüência de proprietários que adquiriram os direitos do jornal. Numa entrevista de Scantimburgo ao jornalista Myltainho<sup>23</sup> ele diz com rispidez não ter guardado um exemplar sequer, uma foto, um documento, sob a alegação que o jornal não lhe interessava. Tal atitude, naturalmente, trouxe lapsos importantes na reconstrução do tempo histórico do <u>Correio Paulistano</u> devido à destruição de material original.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> Neste ano termina a ligação entre o Correio Paulistano e o Partido Republicano Paulista (PRP), iniciada oficialmente em 1890. Mais sobre o assunto encontra-se no capítulo II, item 2.3.

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> Scantimburgo (1915-) foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Militante no jornalismo paulista, lecionou na Fundação Armando Álvares Penteado e na Universidade Estadual Paulista (UNESP). Foi diretor dos "Diários Associados", do "Diário do Commércio" e do "Digesto Econômico", em São Paulo, além do Correio Paulistano.

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> Em reportagem publicada na revista *Jornal dos Jornais* (vide bibliografia).

### 1.3 Cinquentenário: abram alas para a chegada do século XX

Mesmo sem o seu "exhaurido vexillario", já que Azevedo Marques falecera dois anos após a proclamação da República e sua conseqüente demissão do jornal que fundara, o <u>Correio Paulistano</u> chega a 1.904 para comemorar sua 50ª edição.

Para marcar o cinqüentenário do jornal, completado em 26 de junho, a empresa encomendou da Europa máquinas de rotação e de estereotipia, mas um problema de transporte atrapalhou o lançamento de uma edição especial. As máquinas não chegaram a tempo e o artigo comemorativo só foi publicado em 14 de julho de 1.904, na edição de número 14.698.

A edição especial saiu com oito páginas e nove colunas. Houve também uma mudança na logomarca composta por letras de contornos mais leves, sem requintados arabescos, numa tentativa de expressar a "modernidade" na qual o jornal sentia-se agora inserido. O artigo comemorativo, bem simples por sinal, tratava de marcar a importância do jornal na história da imprensa e da própria cidade, que concomitantemente com ele se desenvolveu. Este artigo é o mesmo apresentado na introdução do livro de Alberto de Souza<sup>24</sup>, fonte importante desta

Virgínia pelos seus conhecimentos em Ciências Sociais.

-

<sup>&</sup>lt;sup>24</sup> Jornalista, poeta e escritor, Alberto de Souza (1870-1927) trabalhou no <u>Correio Paulistano</u> e na *A Província de São Paulo*. Foi abolicionista convicto. Escreveu para inúmeros jornais e revistas em Santos, São Paulo e Rio de Janeiro. Recebeu o título de doutor *in honoris causa* da Universidade de

pesquisa. O livro foi publicado no mesmo ano do cinqüentenário, donde concluímos que ele foi escrito para contar a trajetória do <u>Correio Paulistano</u> justamente como parte das comemorações. Alberto de Souza colaborou durante vários anos escrevendo para o jornal. Abaixo, o artigo na íntegra:

Escrever a história do Correio Paulistano é o mesmo que escrever a história completa de nossa imprensa jornalística nos últimos cinqüenta anos; e escrever a história do jornalismo paulista nesse dilatado percurso de tempo equivale a escrever a própria história de nossa evolução intellectual, política, social e econômica. Nenhum outro orgam de nossa imprensa, periódica ou diária, jamais reflectiu tão accentuadamente, nem tão energicamente desposou, as aspirações quaesquer de nossa terra, nas diversas fases de seu desenvolvimento passado.

(Correio Paulistano, edição 14.698, 14 de julho de 1904, capa, sic)

Estampamos lado a lado as capas das edições 14.697 e 14.698 para visualizarmos as modificações na logomarca e o artigo comemorativo ao 50º aniversário do Correio Paulistano.

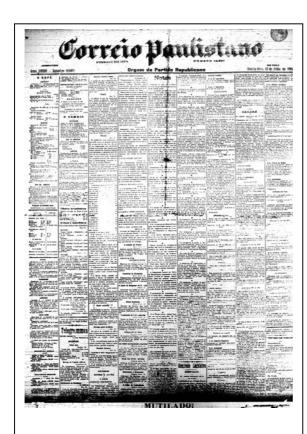


Figura 12: Correio Paulistano, edição 14.697, 13/07/1904, com o antigo logotipo.

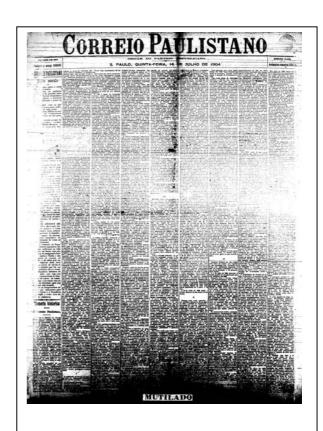


Figura 13: Correio Paulistano edição 14.698, 14/07/1904, comemorativa ao 50° aniversário, com o logotipo mais "moderno".

## 1.3.1 No 95º aniversário: "as confidências de um anfitrião da história bandeirante"

Ao comemorar a passagem dos seus 95 anos, o <u>Correio Paulistano</u> publicou ampla reportagem a cerca de sua trajetória. A matéria está assinada por Daniel Linguanotto (figura 14) e lembra que muito da história do jornal havia sido contada por Alberto de Souza na edição comemorativa aos 50 anos do <u>Correio Paulistano</u>. Segundo a reportagem de Linguanotto:

Não há episódio miúdo ou graúdo, ocorrido nos últimos 95 anos que não esteja fielmente retratado nas colunas do "Velho Órgão". Não há acontecimento algum de relevância para os destinos desta terra no qual o Correio tenha deixado de atuar de maneira preponderante. E de quantos, verdadeiramente, não terá sido ele o fator ou juiz. Ninguém conta melhor os derradeiros dias do Império e os primeiros da República. Ninguém, sobretudo, rememora São Paulo, seu irmão mais velho, com mais carinho e exatidão, pois ambos cresceram juntos, na mesma casa. Nada mais justo, portanto, do que chamá-lo de "anfitrião da história bandeirante". (Correio Paulistano, 26/06/1949, edição 28.596, domingo)

O título da matéria é "Confidências de um anfitrião da história bandeirante" e o subtítulo "O 95º aniversário do Correio Paulistano – sua vida e suas glórias – ninho de estadistas – quando os imortais engatinhavam – primazias". (anexos A, B e C)

O jornalista lembra os tempos difíceis da fundação do jornal e a coragem de Azevedo Marques de lançá-lo sem condições financeiras e sem público leitor em número suficiente. "Da torre da igreja do Colégio abrangia-se a cidade com um só

golpe de vista. Tão modesta que Santos e Campinas se julgavam a capital e disputavam entre si a honrosa prerrogativa" – escreve Linguanotto.

Algumas passagens apontadas ao longo desta pesquisa são lembradas na matéria dessa edição especial, como o caso da linha de bondes de tração animal (os elétricos foram inaugurados em maio de 1900), cujos usuários encolerizados pelas péssimas condições do transporte abarrotavam a *Secção Livre* do jornal com cartas de reclamação e pedidos de providência.

O jornalista escreve estar temerário em revelar a verdadeira tiragem do jornal naquele momento (1949), mas garante que ele já passara a casa dos 50 mil exemplares e que "seu maquinário é tão moderno quanto o das demais empresas jornalísticas do país". Na lista de pioneirismos que o jornal carrega, a matéria destaca o fato de o <u>Correio Paulistano</u> ter sido o primeiro jornal matutino a estampar clichês, bem como a contratar fotógrafos para seu corpo de redação. Até então, notícias ilustradas eram privativas dos "vespertinos escandalosos".

Linguanotto escreve: "Os leitores que conhecem o atual *Jornal do Commércio do RJ*, padrão da monótona discrição jornalística dos velhos tempos, podem ajuizar o que foram os matutinos paulistas antes da **sensacional inovação** (grifo do autor) do Correio Paulistano".



## 1.3.2 Centenário: "um século de tradição a serviço de São Paulo e do Brasil"

Podemos supor, com grandes chances de acerto, que nem em seus melhores sonhos Azevedo Marques imaginaria que sua pequena folha, inicialmente impressa por mão escrava, poderia chegar ao centenário. A edição de número 30.128, publicada em 26/06/1954, já é bastante parecida com os jornais que conhecemos atualmente. Dividida em oito cadernos foi praticamente dedicada a rememorar a história do jornal, com artigos de diversos articulistas e publicidades de parabenização das principais empresas da época anunciantes.

Na capa principal uma sobreposição de imagens da antiga São Paulo dos tempos da fundação e modernos prédios, uma flâmula com as inscrições "1854 – 1954" e o texto "um século de tradição a serviço de São Paulo e do Brasil". (anexos E, F e G)

Na capa interna uma mescla de imagens de uma edição do jornal, da bandeira de São Paulo e de uma antiga igreja (anexo D). O título principal é "Memória Histórica sobre o Correio Paulistano" e o subtítulo "As diferentes fases deste jornal – colaboradores e redatores – a evolução gráfica". Logo abaixo do título uma foto de Antonio da Silva Prado e nova menção ao livro de Alberto de Souza. (anexos H e I)

Os articulistas, nomes já conhecidos do público, ganham espaço para seus textos, cada um contando a história do jornal de um dado ponto de vista. Francisco Martins dos Santos, fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Santos publica

"De Adorno a José Bonifácio de Andrada e Silva" e lembra a passagem de personagens e o espaço aberto para teóricos e teorias. (anexo J)

Fernando Egydio escreve "Minha Passagem pelo Correio Paulistano" e descreve os companheiros que com ele dividiram as páginas do jornal. (anexo L) Um dos principais textos está assinado por Nelson Werneck Sodré "Vida Literária – um Século". Sodré, como se sabe, tornou-se um dos maiores especialistas em história da imprensa brasileira e é diversas vezes citado ao longo desta pesquisa (anexo M)

João Sampaio, que no ano do centenário é o diretor do <u>Correio Paulistano</u>, escreve:

Em 1892, quando Azevedo Marques morreu, o Correio Paulistano já era, para a época, um grande jornal. Acompanhara o crescimento vagaroso da cidade, de poucas dezenas de milhares de habitantes, a mais de setenta mil no início da era republicana [...] de então em diante a capital seguiu o desenvolvimento do Estado de São Paulo. E o nosso jornal conheceu a prosperidade, não interrompida até que sobre o país se espalharam as densas nuvens de uma revolução malograda (referia-se ao período em que Vargas mandou fechar o jornal entre 1930 e 1934).

João Sampaio lembra ainda que o <u>Correio Paulistano</u> foi o terceiro do país a completar um centenário, acompanhando o *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Commércio*. (anexo N)

No **anexo O** vemos uma publicidade já com bons recursos gráficos de uma das maiores empresas da época em São Paulo, a *Seagers do Brasil S.A*, parabenizando o aniversário do jornal.

Como não poderia deixar de ser a edição especial também relembra a primeira fase e publica antigos clichês que retratam aspectos da vida paulistana nos meados do século XIX como a carruagem, principal meio de transporte. (anexos P, Q e R). Azevedo Marques foi lembrado em ampla reportagem (anexos EE e FF).

As atividades de comemoração também foram externas à redação. Os leitores puderam participar de uma missa solene na Catedral da Sé, celebrada pelo Cardeal Mota, e de uma visita à necrópole da Consolação, quando o túmulo de Azevedo Marques recebeu uma placa alusiva à data e depositaram flores nos túmulos de Pedro Taques, Almeida Nogueira, Antonio Prado, Luiz Pizza, Herculano de Freitas, Carlos de Campos, Lacerda Franco e Vitorino Carmillo. Houve ainda uma sessão solene no Instituto Histórico e um almoço no Clube dos Proprietários de Jornais e Revistas.



Figura 15: A edição comemorativa ao centenário traz oito cadernos e textos especiais dos principais articulistas do jornal.

# 1.4 Morte sem decadência: a última edição de um arauto do jornalismo

Nascido durante a monarquia e cantando a República, berço de transformações sociais, históricas e econômicas; arauto de diversas mudanças na imprensa brasileira como a introdução dos jornais diários, os avanços na técnica de impressão, o modo de utilização da fotografia, o "bandeirante da imprensa paulista" chega a sua última edição. Conciliador, liberal, conservador, republicano...

O jornal que publicou palavras do famoso abolicionista Luís Gama, de Castro Alves, Américo de Campos, José Bonifácio de Andrada e Silva, Alphonsus de Guimarães, Pedro Taques, Coelho Neto, Werneck Sodré e tantos outros... O jornal que assinou o "Apelo de Jornalistas ao Comitê de Defesa Proletária", que articulava uma reunião entre os grevistas de 1917, patrões e governo, num tempo de recessão e fome no qual os trabalhadores em busca de trabalho tornaram-se andarilhos pelo centro de São Paulo... O jornal que registrou a passagem de Luiz Murat, Fagundes Varela, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Teodoro Sampaio, Rodrigues Alves, Campos Sales, Júlio Prestes, Vicente de Carvalho, Bernardino de Campos, Américo Brasiliense, Washington Luís... cala sua voz na edição de número 32.882, ano 110, vendida a CR\$20,00.

Na capa, abaixo da logomarca, o <u>Correio Paulistano</u> ainda trazia as inscrições: "Fundador: Azevedo Marques". A edição saiu com quatro páginas, oito colunas e tamanho Standard (o mesmo dos grandes jornais da atualidade).

A data foi 31 de julho de 1963, quarta-feira, e o último endereço a Rua Líbero Badaró. No expediente lê-se o nome de seu diretor: Péricles Eugênio da Silva

Ramos e dos membros do Conselho de Redação: Ruy Rebello Pinho, Carlos Augusto Telles Corrêa, José Carlos de Ataliba Nogueira Júnior, Francisco Izolino Siqueira, Ignácio Aragão, Monsenhor Victor Ribeiro Nickelsburg.

Não há evidências de decadência, problemas de ordem financeira ou qualquer outro sinal nas edições que antecedem as finais, que dêem conta do fato de um jornal de 109 anos estar publicando suas últimas edições. Também não foi encontrada nenhuma nota ou comunicado para justificar ao público leitor o desaparecimento do <u>Correio Paulistano</u> das bancas de jornal. Joaquim Roberto de Azevedo Marques torna-se nome de uma rua no centro de São Paulo e isso é tudo.



Figura 16: Correio Paulistano, última edição disponível, número 32.882, ano 110, 31/07/1963, capa.

Na opinião de Souza (a quem podemos considerar um grande conhecedor da trajetória do Correio Paulistano), o jornal soube transigir e ceder nos momentos de crise. "Dobrou-se com intelligente solicitude ás correntes de opinião de cada época: não lhes oppoz obstáculos". (1904, p. 69, sic). É justamente nestas palavras que encontramos respostas para uma das duas hipóteses passíveis de serem formuladas para explicar o encerramento das atividades do jornal. Em 1889, o jornal *A Província de São Paulo* deixa de ser o órgão oficial dos republicanos e passa a ser *O Estado de São Paulo*. E isso ocorre justamente quando a República é oficialmente declarada, ou seja, o jornal, que deveria ficar atrelado ao governo, segue como uma empresa autônoma.

Coube ao <u>Correio Paulistano</u> assumir a posição deixada pelo *O Estado de São Paulo* e passar a ser a folha oficial do governo republicano. O jornal age, portanto, em direção contrária a do outro jornal citado. Ao "não opor obstáculos as correntes de cada época" ficara atrelado a gostos e desgostos, mandos e desmandos de cada governo, ora vivendo períodos de largueza orçamentária ora passando por sérias dificuldades para se manter.

Um texto épico, dos tempos da grandeza helênica, com o qual Souza termina seu livro, cabe ser aqui reproduzido:

A arvore que cede esforço da corrente e dobra-se com docilidade á sua violenta passagem, conserva-se intacta – e vive. Mas, a arvore indócil que não quer vergar-se e que não cede um só instante á impetuosidade das águas, será fatalmente arrancada do solo com todas as suas raízes é arrastada para longe pela força mesma das correntezas indomáveis. (Sophocles: Antígona, Acto III, Scena I).

Tais palavras ratificam o eufemismo de Alberto de Souza com relação às posições políticas historicamente assumidas pelo <u>Correio Paulistano</u> e corroboram para a manutenção da primeira hipótese aqui levantada. Seu livro, autografado ao amigo Abimael Silveira, em 15 de fevereiro de 1907 (gentilmente cedido ao Arquivo Público do Estado de São Paulo, que possui este único exemplar), traz em diversas passagens eufemismos quanto à troca constante de posição política enquanto postura assumida pelo próprio jornal.

A outra hipótese está ligada ao golpe militar de 1964. O jornal, que havia sido empastelado por quatro anos durante a ditadura Vargas, poderia ter sido novamente fechado por razões políticas, uma vez que poucos meses separam o encerramento de suas atividades da efetivação do golpe. É possível que haja outras pistas que expliquem o encerramento do Correio Paulistano nas edições subseqüentes à edição que analisamos e tomamos por última nesta pesquisa, as quais não tivemos acesso até o fechamento da mesma (cfme nota explicativa presente neste capítulo, p. 10, item 1.1, nota 03).

Figura 17: Capa do livro do jornalista Alberto de Souza, publicado em 1904, como parte das comemorações do 50º aniversário do Correio Paulistano.

ACERVO DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SAO PAULO

ALBERTO SOUSI

### 1.5 Joaquim Roberto de Azevedo Marques: o "exhaurido vexillario".

O "incansável porta-bandeira" e fundador do <u>Correio Paulistano</u> vivia modestamente, mas provinha de uma família com vasta linhagem. O levantamento de dados foi dispendioso em tempo, mas através do cruzamento de diversas informações foi possível decifrar um pouco do que foi a vida deste grande empreendedor, capaz de lançar um jornal diário numa cidade de ainda poucas ruas...

Marques é um sobrenome de formação patronímica, aquele que vem a ser o "filho de Marcos", uma derivação do prenome paterno. É originário de Viscaya, em Portugal, onde inicialmente foi Marquiz. O cavaleiro João Marques, em 1248, escalou a muralha da cidade de Sevilha durante a invasão dos mouros. Desde os primeiros anos de povoamento do Brasil, esta família espalhou-se por diversas áreas do nosso território como Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul.

A árvore genealógica de Joaquim Roberto de Azevedo Marques, o fundador do Correio Paulistano, provém do ramo dos Marques que se fixou no Rio Grande do Sul através de João Marques, que por volta de 1730 estabeleceu-se na Colônia do Sacramento e se casou com a índia Ana Sampaio. Um dos descendentes do casal, provavelmente neto, José Gomes Marques, assinou uma declaração em 1838 na qual afirmou ser um português católico e casado com uma brasileira, apresentando no documento a heráldica de sua família. Foi este documento que permitiu o levantamento da constituição familiar dos Marques.

A união dos sobrenomes Azevedo e Marques provém de José de Azevedo Barbosa, português (filho de Gerônimo Barbosa e Maria de Azevedo), casado com

Maria Marques de Souza, também portuguesa. José e Maria deixaram em Sacramento uma vasta descendência de magistrados, jurisconsultos, médicos, engenheiros, militares e jornalistas.

Um dos netos do casal era o major Joaquim Roberto de Azevedo Marques, nascido em Sacramento em 07.06.1755 e falecido em Santos em 20.03.1827. O major freqüentou a Universidade de Coimbra e casou-se com a santista Luiza Americana dos Reis. Deste casal, nasceu Antonio Mariano de Azevedo Marques, conhecido por *Mestrinho*, proprietário de uma tipografia e de quem o fundador do Correio Paulistano era sobrinho. Foi ele quem lançou, em 1823, o primeiro jornal da Província de São Paulo, ainda manuscrito, que só pôde circular depois de uma autorização da Junta Governativa. Os leitores revesavam-se na posse da folha.

A irmã de *Mestrinho*, Ana Vitorina, casou-se com seu primo, o tenente coronel Joaquim Roberto da Silva Marques. O casal vivia em Paranaguá, vasta comarca que compreendia os Estados do Paraná e de Santa Catarina e ali nasceu o fundador do <u>Correio Paulistano</u> e primeiro tipógrafo da cidade de São Paulo, o tenente-coronel Joaquim Roberto de Azevedo Marques (18.09.1824 – 27.09.1892).

A mãe de Azevedo Marques veio para a capital de São Paulo em 1832, quando ficou viúva e com sacrifício educou os filhos. O tenente-coronel cursou Ciências Matemáticas, além da carreira militar. Eram seus irmãos: Manoel Eufrázio de Azevedo Marques Sobrinho, autor de um livro de apontamentos históricos registrado no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, José Cândido de Azevedo Marques e Roberto Maria de Azevedo Marques, que foi sócio e redator do jornal *O Commercial* (1857-1860) também impresso pela *Tipographia Marques e Irmão*, empresa fundada na seqüência do lançamento do <u>Correio Paulistano</u>. O jornal havia sido fundado por Azevedo Marques e, em seguida, entregue para a

administração do irmão. Fundou também a *Gazeta de Campinas*, empresa entregue para José Maria Lisboa administrar. Antes destes dois e do próprio <u>Correio Paulistano</u>, Azevedo Marques já havia tido outras experiências. O primeiro jornal lançado por ele carregava a logomarca de "Americano", além de haver sido também editor de "O Ipiranga".

Azevedo Marques casou-se em 1845 e teve 16 filhos e 24 netos. Os filhos são Joaquim Roberto, José Maria, João Batista, Antonio Mariano, Artur, Alfredo, Afonso, Maria Cândida, Gabriela, Júlia, Emília, Leocádia, Ana Benedita, Luiza, Henriqueta e Francisca.

Ao fundar o <u>Correio Paulistano</u> ele introduziu no ofício seus filhos e filhas. Leocádia e Henriqueta, por exemplo, eram as encarregadas das assinaturas e subscritavam à mão o endereço dos assinantes. Joaquim Roberto de Azevedo Marques Filho ajudava na contabilidade e foi um dos fundadores do Instituto dos Advogados de São Paulo (IASP). Não foi possível levantar exatamente a função ocupada por cada um na estrutura do jornal, vez que não era praxe na época os jornais trazerem expediente, com especificação de nomes e funções.

O sogro de Azevedo Marques, também seu tio, visto que ele se casara com sua prima Ana, José Gomes Segurado, era comerciante numa loja de fazendas na Rua Direita e manteve um jornal bi-semanário lançado em 1832 também com o nome de Correio Paulistano por aproximadamente um ano. Tal fato causou confusão com a data de lançamento do jornal, como apontada por SCHWARCZ (1987). Segundo esta autora, ambos os jornais seriam o mesmo, porém, baseados em outras leituras preferimos a informação de autores especializados em história da imprensa como Nobre, Sodré e Bahia, que apontam que, fora a logomarca, não houve ligação entre os jornais. Além disso, há uma diferença de vinte e dois anos

entre um e outro e não há registro da passagem do sogro de Azevedo Marques pelo Correio Paulistano ora pesquisado. Segundo Nobre, o primeiro Correio Paulistano foi um intérprete do pensamento chimango, movimento liberador do padre Diogo Antonio Feijó. Baseados ainda na edição do 100º aniversário do jornal, de 26.06.1954, de nº 30.128, compreendemos que Azevedo Marques decidira usar o mesmo nome fantasia em razão de homenagear seu tio e sogro, também um dos pioneiros da imprensa paulista.

Paralelamente às atividades do jornal Azevedo Marques carregou um emprego como secretário da Câmara Municipal. Tirou uma licença de dois meses para cuidar de sua saúde, mas faleceu no oitavo dia. É possível considerar que alguns sofrimentos colaboraram para a decadência de sua saúde. Em 1882 vendera os direitos do Correio Paulistano para Antonio Prado e ocupou no jornal apenas uma função gerencial. Em 01/12/1889, poucos dias depois da Proclamação da República, fora demitido do cargo de gerente. Em carta aberta ao público ele explicita sua dor: "Sinto um profundo desgosto. [...] Desejo, porém, que aqueles que me julgavam parte integrante da vida do Correio Paulistano, fiquem sabendo que hoje nada sou no seu estabelecimento".

Quatro anos antes de vender o jornal para Antonio Prado havia morrido um de seus mais importantes colaboradores nas atividades da empresa, seu irmão Manuel Eufrázio, o único ainda vivo. Apesar de ser o primogênito, Azevedo Marques foi o último entre os irmãos a falecer. Carregava ainda onze anos de viuvez, já que sua esposa o deixara em 1881. Durante seu enterro várias foram as homenagens, inclusive da Associação de Tipógrafos e Jornais, fundada por ele. Outras vieram do jornal que ele fundara em Santos e da *Gazeta de Campinas*, cuja administração

entregara a José Maria Lisboa, o mesmo que o deixara para juntar-se ao grupo que lançou o jornal *A Província de São Paulo* (cfme capítulo II, itens 2.3 e 2.4).

No livro do cemitério Municipal de São Paulo, posteriormente batizado por Cemitério da Consolação, encontra-se o registro:

Aos 27 dias do mês de setembro de 1892 sepultou-se num terreno perpétuo à Rua 11 lado esquerdo nº 43, o cadáver do tenente-coronel Joaquim Roberto de Azevedo Marques, com 68 anos de idade, natural de Paranaguá, viúvo. Faleceu antes de ontem, às 11 da noite, vítima de meningo encefalite. Atestado dos doutores Filadelfo e Ascendino Reis. É o que certifica o escrivão Antonio José Veríssimo. São Paulo, 27 de setembro de 1892.

(Correio Paulistano - 25.06.1854)

Azevedo Marques conseguiu publicar por conta própria o "Memorial Paulistano" (não conseguimos localizar nenhum exemplar), uma espécie de almanaque com todo tipo de informação a cerca da cidade, o primeiro, aliás. Isso em 1888. Seu grande projeto, entretanto, ficara inacabado: queria editar um livro sobre a história da imprensa brasileira.

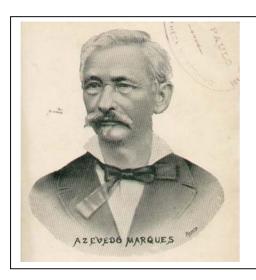


Figura 18: Esta foto de
Joaquim Roberto de
Azevedo Marques,
fundador do Correio
Paulistano, é a única
disponível e está presente
em todas as matérias e
livros que citam o jornal.

### Capítulo II

Novas idéias, velhos lobisomens e o vínculo comunicativo entre um jornal diário e o cotidiano de uma terra em construção

"Por isso esses dois periódicos (Correio Paulistano e O Estado de São Paulo) são fontes inestimáveis para o exame da vida política".

## 2.1 O contexto histórico do século XIX: idéias que atravessam oceanos

segunda metade do século XIX traz como embate principal a formação de uma nação brasileira, ainda que o modelo civilizatório venha *made in Europe*. Fundado em 1854, o <u>Correio</u>

<u>Paulistano</u> surgiu numa época e num meio cujas tendências ainda não estavam precisamente, rigorosamente definidas. "Estávamos apenas no inicio da formação de nosso caracter collectivo". (SOUZA, 1904, p. 02, sic)

Segundo ele, o momento era de luta entre "o espírito liberal do nosso povo" contra o "patente reacionarismo da política imperial"; luta sangrenta que não contou com as benesses dos representantes reais, ao contrário do que a história oficial eternizou. O Império, então, já não representa *glamour* e está de mãos dadas com a escravidão e com a manutenção do Brasil na condição de colônia, impedindo que a nação se desenvolvesse.

O contexto externo também se apresenta. A Inglaterra pressiona desde o começo do século pelo fim da escravidão, o que faz primeiro, em 1807, pelos mesmos interesses comerciais que motivaram seu incentivo no século anterior: garantir mercados consumidores para o crescente desenvolvimento do capitalismo industrial. A pressão inglesa, entretanto, só surte efeito no Brasil a partir de 1850<sup>25</sup>

\_

No mesmo ano da abolição do tráfico negreiro foi estabelecida a Lei de Terras. Durante o período colonial, a aquisição de terras se fazia mediante a concessão de sesmarias, que foi suspensa com a independência. A nova lei estipulava que a terra pública só poderia ser

com a aplicação das primeiras leis que rumavam à promulgação da Lei Aurea [farsas jurídicas como a Lei do Ventre Livre (1871), dos Nascituros e Sexagenários (1885)]. A proibição do tráfico é importante, mas não alivia as tensões internas.

A Guerra de Secessão (1861-1865), nos Estados Unidos, prova a inutilidade da escravidão, mas o ano chave foi mesmo aquele em que termina a Guerra do Paraguai (1865-1870) e não há outro advento histórico que tire o foco da escravidão. Brasil, Costa Rica e Cuba são os únicos países da civilização ocidental a admitirem o cativeiro. Agravam-se as tensões entre senhores e escravos, assassinatos, fugas, organizações em quilombos se tornam constantes e, junto à ação dos abolicionistas, dão uma dimensão de movimento social ao grito antes isolado. (SCHWARCZ, 1987)

Associações organizam caixas de auxílio, empréstimos e juntas de alforria. O Correio Paulistano publica constantes anúncios de senhores em busca de fugitivos. Defende os escravagistas num primeiro momento, quando ainda ligado à monarquia, através dos conservadores; posteriormente, adere aos abolicionistas quando os ideais republicanos tomam vulto. As plantações estão com a escala produtiva comprometida e agricultores do Oeste Paulista concedem liberdade mediante contratos de trabalho. Temem ficar com o café no pé. Metade das exportações é café; açúcar, couro, algodão e borracha formam o restante.

Se a escravidão de quatro milhões de africanos, braço de sustentação monárquica, está com os dias contados, a Guerra do Paraguai também tirara jóias da coroa imperial. Com o assassinato de Solano López, presidente do Paraguai, na batalha de Cerro Corá, chegara ao fim a guerra de cinco anos da Tríplice Aliança

adquirida mediante a compra, dificultando o acesso à terra para as pessoas de poucos recursos. Os grandes proprietários acreditavam que se a terra fosse facilmente adquirida por qualquer pessoa ficariam sem mão-de-obra. Estavam garantindo seus privilégios de proprietários e solidificando o drama da divisão de terras no Brasil.

contra o Paraguai. Financiada pela Inglaterra, a Tríplice Aliança constituída pelo Brasil, Argentina e Uruguai fizera uma guerra sem precedentes na América do Sul. Um terço da população paraguaia fora dizimada.

Este fato é de suma importância para acirrar o clima republicano, pois o custo da guerra atrai a atenção da população para os delírios de D. Pedro II e para a necessidade premente de recuperar as finanças do país. Escravidão e guerra. Guerra e escravidão. Milhares de escravos foram enviados à zona de guerra e retornavam como heróis. O Império usava o exército para sufocar as constantes revoltas dos cativos. Caxias e outros militares fizeram carreira destruindo quilombos, mas, com o fim da guerra, os soldados recusavam-se a perseguir colegas dos campos de batalha, trabalho delegado às milícias locais.

O Brasil detinha ainda outro pódio: era o único país latino a manter uma monarquia que, agora, se via às voltas com escravos heroicizados. O poder tem suas colunas de sustentação na tríade - Coroa, proprietários de terra, escravidão - porém, a passagem dos dias mostrava a ruína dessas bases. A classe imperial dominante pratica uma política imobilista: mediante todos esses acontecimentos prefere fazer de conta que nada está havendo.

A imprensa fazia campanha sistemática com a publicação de artigos de abolicionistas e contra os desmandos do imperador. Nela, já ocupavam espaço negros importantes como Luís Gama, Quintino de Lacerda e José do Patrocínio. Chegavam ao Brasil notícias da queda do Segundo Império na França e sua substituição pela Terceira República Francesa. E assim, caíam, uma a uma, as estruturas monárquicas, essas alturas sensivelmente debilitadas. D. Pedro II é duramente criticado por todos os lados e os dois partidos da monarquia – liberal e

conservador – perdem sua pouca importância. José Bonifácio de Andrada e Silva, o Moço, escreve nas páginas do <u>Correio Paulistano</u>.

O campo é cada vez mais perfeito para que a República surja. Na introdução de seu livro, Souza (1904) critica "os escuros tempos da escravidão colonial" e ressalta a vitória do "pensamento republicano em 1889". Tais palavras, escritas 15 anos depois de proclamada a República, nos lembram que esta foi a grande conquista social e política do período, apesar dos inúmeros reveses. E a convivência indiscutível do Correio Paulistano<sup>26</sup> em todo o processo: "Em suas columnas, os anceios e as duvidas, as angustias e as crenças da alma brasileira borbulhavam contradictorias e desordenadas". (SOUZA,1904, p. 04, sic)

As tais "novas idéias" que borbulhavam a alma brasileira "contraditórias e desordenadas" criticavam, além da escravidão, os privilégios dos amigos da Corte e as fortes ligações entre a Igreja e o Estado. E trazem a pergunta sobre como lidar com a sociedade de trabalhadores livres e de poder descentralizado que lhe acena com a mão.

Quando a escravidão oficialmente se vai, em 13 de maio de 1888, leva o império quase simultaneamente. Finalmente chegam os esperados "novos tempos". "Novos tempos" esses que sofreriam um dramático empecilho: a massa de negros jogada às ruas, relegada à própria sorte. Para tal, não tardam a buscar respostas nas teorias deterministas européias, que passam a "explicar" nossa realidade e a colocar o negro como um "objeto da ciência". Esses discursos deterministas proliferam na imprensa. Euclides da Cunha, por exemplo, escreve numa seção da *A Província de São Paulo* na qual cita Charles Darwin, Spencer, Huxley, Auguste

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup> Ler sobre o Partido Republicano e o Correio Paulistano no item 2.3 deste capítulo.

Comte e defende claramente a superioridade natural da raça branca, considerando a miscigenação prejudicial e o mestiço um desequilibrado.

As idéias que preenchem as páginas do <u>Correio Paulistano</u> e constroem o imaginário dessa nação em formação de caráter estão baseadas em alguns cientistas que abalaram antigas estruturas de crenças durante o século XIX. Darwin (1809-1882), Comte (1798-1857) e Karl Marx (1818-1883) não poderiam ser esquecidos, ainda que superficialmente citados.

Darwin, por exemplo, escandaliza os europeus com seu livro "Sobre a origem das espécies", colocando o processo de seleção natural em contrapartida com o texto bíblico. Era 1859 e o cientista inglês, filho de um pastor anglicano, após longas viagens e pesquisas, inclusive pela América do Sul, conclui que a história dos seres vivos não passa de uma guerra entre as várias espécies e também dentro de uma mesma espécie. Desta guerra saem sobreviventes apenas os mais fortes e mais adaptados ao meio ambiente. O abalo nas convicções não ocorreu por acaso. De repente o homem não é mais, de acordo com o darwinismo, o centro da criação, e descende de ancestrais primitivos e animalescos, tendo se tornado mais apto à vida pelo ambiente e por sua própria luta pela sobrevivência. Um caos semelhante àquele provocado pela descoberta de que não era a Terra o centro do sistema solar.

O polêmico Comte cumpre sua parte. A seleção natural deveria ter correspondência na evolução da sociedade. Rejeitando as misérias conseqüentes das duas revoluções industriais, esse pensador e seus contemporâneos criaram utopias para a sociedade, que deveria com o tempo superar ou diminuir drasticamente suas diferenças. Ele acreditava que a vida social poderia ser analisada através de um modelo científico e assim criou a Sociologia. Sua

interpretação da história da humanidade (filosofia da história) levou-o a considerá-la como um processo permanente de melhoria, passando por estágios inferiores (fase teológica e fase metafísica) até alcançar um patamar superior (fase positiva). Por isto foi denominada Positivismo a doutrina que Comte elaborou entre 1830 e 1854, com ênfase especial no conhecimento propiciado pela observação científica da realidade. Este conhecimento tornaria possível o estabelecimento de leis universais para o progresso da sociedade e dos indivíduos.

Comte, porém, abominava tanto a revolução quanto a democracia, vendo nelas apenas o caos e a anarquia. Para ele, "a ordem era a base do progresso social". Seu modelo positivista de regime foi o republicano, mas estruturado sob a forma de uma "ditadura científica". Homens esclarecidos e da máxima honestidade – verdadeiros sacerdotes do saber (tecnocratas, diríamos hoje) – aconselhariam os ditadores ilustrados e, de certa forma, comandariam as ações do Estado para integrar os mais pobres ao universo social. Além da proteção ao proletariado, figuram entre os postulados positivistas a separação entre o poder religioso e o poder civil e a universalização do ensino primário.

As idéias de Comte tiveram enorme repercussão no Brasil, principalmente em seu aspecto religioso. Em 1876, fundou-se a primeira Sociedade Positivista do Brasil tendo à frente Teixeira Mendes, Miguel Lemos e Benjamin Constant, que constituiu a origem do Apostolado Positivista do Brasil e da Igreja Positivista do Brasil, cuja finalidade era "formar crentes e modificar a opinião por meio de intervenções oportunas nos negócios públicos".

Entre essas intervenções, sem dúvida, foi importante a participação dos positivistas no movimento republicano brasileiro, embora seja um exagero dizer-se

que foram eles que proclamaram a República. Influíram, é verdade, na Constituição de 1891 e a bandeira brasileira passou a ostentar o lema comteano "Ordem e Progresso". Forneceram aos republicanos sul-rio-grandenses e aos jovens oficiais do Exército uma ideologia de mudança sem o risco da desordem. De certa maneira, estas idéias sedimentaram uma linha reformista autoritária iniciada no Rio Grande do Sul com o governo de Júlio de Castilhos (1893-1900) e continuada pelo Estado Novo (1937-1945) e pelo regime militar (1964-1984). No século XX, o entusiasmo pelo positivismo religioso decresceu consideravelmente, mas continua a existir a Igreja Positivista do Brasil, no Rio de Janeiro, que permanece atuante até os dias de hoje.

Uma vez que Comte queria educar moralmente os capitalistas e não eliminálos, suas teorias não foram tão revolucionárias quanto a de outro contemporâneo
seu. É impossível trafegar pelo século XIX sem falar sobre um dos maiores
pensadores sociais de todos os tempos. Um pensador que nos propôs um telos num
dado tempo histórico que não podemos precisar cirurgicamente já ter passado. As
idéias de Karl Marx, no entanto, só alcançaram grande ressonância no século XX,
após a revolução que criou a União Soviética. Para ele, as lutas sociais decorriam da
revolução industrial na Europa e do conflito entre o burguês e o proletário. A história
da humanidade teria sido sempre marcada pela luta de classes, cuja intensidade
variava com o tempo. Na Antigüidade Clássica, por exemplo, ela se dava pelo
permanente confronto entre os senhores e os escravos. Já na Idade Média, o
conflito entre as classes evidenciava-se no esforço dos servos e dos vilãos para se
emanciparem do domínio que os senhores feudais exerciam sobre eles.

Marx tinha uma visão otimista do destino da humanidade. Acreditava que a batalha final travada entre os capitalistas e os operários, seguramente levaria à vitória destes últimos, que representavam a maioria da sociedade. A partir de então

se constituiria um mundo ideal onde todas as diferenças de classe desapareceriam e o império da igualdade entre os homens finalmente triunfaria. "Com essa revolução social - escreveu ele ao encerrar *O Manifesto Comunista*, em 1848 - "os proletários nada têm a perder a não ser seus grilhões. E têm um mundo a ganhar".

Como cientista social, a maior contribuição de Karl Marx foi seu estudo sobre o funcionamento da sociedade capitalista, cujo primeiro volume *O Capital* (1867) foi o único publicado em vida. Iniciando pela análise da produção das mercadorias, Marx realiza uma impressionante descrição do sistema capitalista, sua evolução e suas transformações. Segundo ele, o capitalismo seria um sistema historicamente datado e, portanto, sujeito a desaparecer no tempo. Sua existência, tal como sucedera com o escravismo e o feudalismo, chegaria ao fim com uma grande crise, uma espécie de catástrofe geral da economia e das instituições que começaria nos países mais industrializados da Europa. Paradoxalmente, a concepção marxista veio a triunfar na Rússia e na China, países rurais e atrasados.

Na segunda metade do século XIX, Inglaterra, França, Alemanha, Bélgica e Itália eram consideradas grandes potências industriais. E na América, os Estados Unidos já apresentavam um grande desenvolvimento. Todos estes países exerceram atitudes imperialistas, interessados em formar grandes impérios econômicos, levando suas áreas de influência para outros continentes.

Com o objetivo de aumentarem sua margem de lucro e também de conseguirem custo consideravelmente baixo para seus produtos, matérias-primas e fontes de energia, estes países se dirigiram à África, Ásia e Oceania, dominando e explorando estes povos. Não muito diferente do colonialismo dos séculos XV e XVI, que utilizou como desculpa a divulgação do cristianismo, o neocolonialismo do

século XIX usou o argumento de levar o progresso da ciência e da tecnologia ao mundo.

O ponto culminante da dominação neocolonialista ocorreu quando países europeus dividiram entre si os territórios africano e asiático, sem o intuito de levar em conta as diferenças étnicas e culturais destes povos. De acordo com Cáceres (1988), devido ao fato de possuírem os mesmo interesses, os colonizadores também lutavam entre si para se sobressaírem comercialmente. O governo dos Estados Unidos, que já colonizava a América Latina, ao perceber a importância de Cuba no mercado mundial, invadiu o território que, até então, era dominado pela Espanha. Após este confronto, as tropas espanholas tiveram de ceder lugar às tropas norte-americanas. Em 1898, as tropas espanholas foram novamente vencidas pelas norte-americanas e, desta vez, a Espanha teve de ceder as Filipinas.

Um outro aspecto importante a se estudar sobre o neocolonialismo é a entrada dos ingleses na China, ocorrida após a derrota dos chineses durante a Guerra do Ópio (1840-1842). Esta guerra foi iniciada pelos ingleses após as autoridades chinesas, que já sabiam do mal causado por esta substância, terem queimado uma embarcação inglesa repleta de ópio. Depois de ser derrotada pelas tropas britânicas, a China foi obrigada a assinar o Tratado de Nanquim, que favorecia os ingleses em todas as cláusulas. A dominação britânica foi marcante por sua crueldade e só teve fim em 1949, ano da revolução comunista na China.

Hoje, pode-se afirmar sem erros, com a certeza dos fatos históricos decorrentes, que os colonialistas do século XIX só se interessavam pelo lucro

obtido através do trabalho que os habitantes das colônias lhes prestavam e não se importavam com as condições de trabalho, tampouco se os nativos iriam ou não sobreviver a esta forma de exploração desumana e capitalista. Foi somente no século XX que as colônias conseguiram suas independências, porém, herdaram dos europeus uma série de conflitos e países marcados pela exploração, pelo subdesenvolvimento e pelas dificuldades políticas.

Ainda contextualizando o lançamento do <u>Correio Paulistano</u> e o desenvolvimento da imprensa e da política em São Paulo e no Brasil entre os mais importantes eventos históricos do século XIX<sup>27</sup> com conseqüências no século XX, não se pode esquecer da presença marcante do modernismo no campo artístico. Esse movimento surge justamente na última década do século passado como resposta às conseqüências da industrialização, revalorizando a arte e sua forma de realização: a manual. O nome deste movimento deveu-se à loja que o alemão Samuel Bing abriu em Paris no ano de 1895: Art Nouveau. No resto da Europa difundiram-se diferentes traduções: Modernismo, na Espanha; Jugendstil, na Alemanha; Secessão, na Áustria; e Modern Style, na Inglaterra e na Escócia. (HARRISON, 2001)

Segundo este autor, com características próprias em cada um destes países as primeiras exposições internacionais organizadas nas capitais européias, contribuíram para forjar certa homogeneidade estilística. A arquitetura foi a disciplina integral à qual se subordinaram as outras artes

\_

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup> Não se pretendeu neste texto nenhuma análise histórica ou interpretação destes fatos, nem mesmo retratar "todo" o contexto social-histórico do século XIX (o que seria impossível dada a largueza de tempo histórico), mas, tão somente, contextualizar o Correio Paulistano com o período histórico no qual ele esteve inserido. O mesmo ocorre com os fatos marcantes do século XX citados.

gráficas e figurativas. Reafirmou-se o aspecto decorativo dos objetos de uso cotidiano mediante uma linguagem artística repleta de curvas e arabescos, de acentuada influência oriental.

Contrariamente à sua intenção inicial, o modernismo conseguiu a adesão da alta burguesia, que apoiava entusiasticamente essa nova estética de materiais exóticos e formas delicadas. O objetivo dos novos desenhos, então, reduziu-se meramente ao decorativo e seus temas, como que surgidos de antigas lendas, não tinham nada em comum com as propostas vanguardistas do início do movimento. Paradoxalmente, o modernismo não teria sido possível sem a subvenção de seus ricos mecenas.

Exatamente assim ocorreu com o movimento brasileiro - de traço de ascensão burguesa - e cujo um dos principais organizadores da Semana de Arte Moderna, Paulo da Silva Prado, pertencia à oligarquia do café, provedora da riqueza e dos títulos da família Silva Prado.

O envolvimento do <u>Correio Paulistano</u> com tal movimento é criteriosamente analisado no capítulo III desta dissertação.

### 2.2 A Vila de São Paulo de Piratininga: o som de um burburinho no silêncio dos matagais

Tanta efervescência social e política na virada do século XIX no Brasil e no mundo diferiam da situação anteriormente encontrada nos exatos 300 anos entre a fundação de São Paulo (1554) e a do <u>Correio Paulistano</u> (1854), quando muito pouco se modificara no modo de vida da cidade. Uma planta da (ex) Vila de São Paulo de Piratininga (figura 19) revela o que foi a cidade no período e, portanto, nos dá uma idéia de toda a Província.

Mesmo com a elevação da vila à categoria de cidade, a futura maior metrópole do hemisfério sul tratava-se, ainda, de uma aldeia colonial<sup>28</sup> – um pequeno núcleo de ruas esburacadas e escuras, casebres e matagais. Conforme Souza (1904, p.9): "nessas ruas se movimentava o espírito público, germinava a incipiente civilização paulista". O fato é que a geografia depunha a favor do desenvolvimento tardio, já que a vila estava segregada da costa marítima e da capital do Brasil (Rio de Janeiro) pela falta de estradas. No atual Parque do Anhangabaú se planta agrião e se caça lagartos. Os habitantes dormem cedo, logo ao pôr do sol e, na falta de médicos, proliferam boticas e curandeiros. A política e os jogos eram feitos nas farmácias (um dado bastante curioso sobre doenças, vícios e cura...!).

A beleza e a singularidade do relato a seguir merecem destague:

A família real portuguesa estava no Brasil desde 1808. A vila de São Paulo de Piratininga foi

elevada à cidade em 24/07/1711, mas quase nada nela se modificara por ainda mais de 150 anos. Depois da Independência (1822) tornou-se capital da Província.

Ruas tão esburacadas. Absoluta escuridão á noite. Os combustores públicos de illuminação a kerozene, collocados economicamente á distancia respeitável uns dos outros, projectavam de longe em longe, o clarão amortecido de sua luz vasquejante, no chão deserto das viellas esburacadas e sobre a frontaria caliginosa e grosseira dos velhos casarões

adormecidos na treva [...] cortava o silêncio o vulto mysterioso e lesto de um noctivago retardatário deslisava rente á parede, sob o alongado beiral dos telhados ennegrecidos, escondendo a guitarra trovadoresca nas dobras da capa fluctuante e larga. [...] ás vezes ouvia-se o grito de terror da patrulha de ronda quando encontrava numa esquina mal assombrada, o perfil esguio de um lobishomem gigantesco [...]. (SOUZA,1904, p. 09, sic)

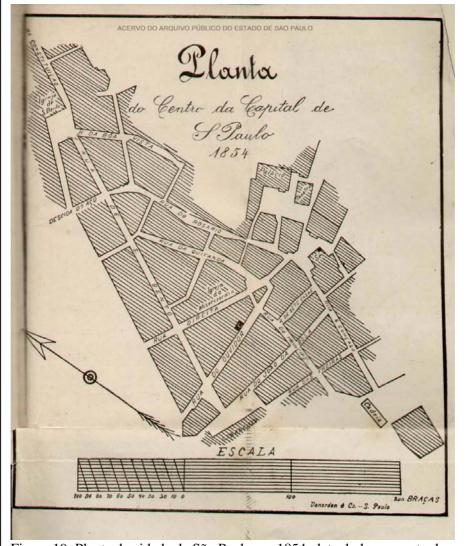


Figura 19: Planta da cidade de São Paulo em 1854, data do lançamento do jornal Correio Paulistano, quando esta já contava com 300 anos de fundação (extraída do livro de Alberto de Souza).

Estudos superiores só em Coimbra, pelo menos até 1827, quando são instaladas as duas primeiras salas de cursos jurídicos no Brasil – uma no Convento de São Francisco (construído em 1624); outra em Olinda. O único agito em São Paulo fica por conta dos estudantes abastados que gastam aqui as fortunas das fazendas de seus pais. E esse burburinho, somado à ascensão do Centro-Oeste cafeeiro, trouxe dinheiro e a conseqüente necessidade de melhorar a cidade para acolher a aristocracia. E ela, que nunca dormiu cedo (nem de olhos fechados), lotava os saraus das noites do Cassino nas apresentações de arte dramática e teatro lírico.

A Secção Livre do Correio Paulistano publica toda sorte de reclamações e exigências em relação ao serviço teatral, considerado como um verdadeiro serviço público. Os leitores exigiram, inclusive, trocar o drama (que eliminava personagens com veneno e punhal) por comédias "em nome do pensamento moderno". Houve mudanças, mas apesar da subvenção do governo e predileção do público por esse gênero de diversão, publicava a Secção que "o mobiliário era sempre o mesmo, tanto para salas nobres como para as pocilgas plebéias, os cenários eram velhos e estragados e a guarda-roupas reduzidíssima, um tanto quanto esfarpelada e safada".

A elite em tudo fora ouvida. Já no fim do século XIX e, principalmente, nas primeiras décadas do século XX, levantam-se os palacetes, as lojas de tecidos, charutarias, lojas de crédito, escolas, destilarias, fábricas de móveis e artefatos, tecelagens, cerâmicas... Segundo Gilberto Freyre (1985, p. 393) nossa aristocracia quisera se parecer com a européia modificando os próprios hábitos e costumes. Substituem violões por pianos ingleses, modinhas pela música francesa, o rapé da

Bahia ou do Rio pelo charuto Manilha ou Havana e os doces das fazendas por importados adquiridos em luxuosas confeitarias.

A ciência chega com médicos e engenheiros, a cidade recebe água, esgoto e campanhas de vacinação. Os "higienistas" interferem em tudo. Naturalmente, o luxo e a riqueza propiciados pelo café não beneficiam a todos e a preocupação com a reorganização dos espaços e a difusão das "novas idéias" deixa de fora os negros libertos, as mulheres, os pobres e os analfabetos. Paralelamente, a miséria corre pelos trilhos das recém-instaladas ferrovias tão rápida quanto as melhorias. Uma das provas de como o crescimento da cidade é projetado para atingir os interesses das elites e não como desenvolvimento social e sustentável é o caso – bastante comum – do poderoso Antonio da Silva Prado (capítulo I, item 1.2, p. 31, nota 15), que financia a construção da ferrovia Cia. Paulista cuidando para que um ramo saísse direto de sua fazenda.

O bandeirantismo alargara as fronteiras em todo o Estado de São Paulo e o café tomou praticamente todas as regiões. O alto custo de transportar as sacas fez com que, já em 1891, das 67 petições apresentadas em duas sessões da Câmara dos Deputados, 48 fossem para obter o privilégio de construir ferrovias. Eram as ferrovias que mantinham as cafeiculturas economicamente viáveis e possibilitavam a exploração das terras virgens do interior. Representavam também lucratividade certa para o investimento do capital excedente dos fazendeiros. Mas, na mesma medida em que tornavam possível a exploração de terras mais distantes também traziam à tona o agudo problema da falta de mão-de-obra, preocupação de todos os segmentos dirigentes da Província desde a proibição do tráfico em 1850.

Conforme Costa (1987) as primeiras levas de imigrantes ficaram lado a lado com os cativos nas novas regiões cafeeiras do Oeste Paulista, que domina depois

que o Vale do Paraíba perde sua importância. O Oeste, portanto, cresce com o trabalho assalariado e o Vale decresce com o serviço escravo. A diferença é que os imigrantes alemães, italianos, espanhóis e portugueses tomam outros espaços além do rural e ocupam diversas profissões e posições; já o trabalho que ninguém quer como coleta de lixo, lavanderia, cozinha e ambulante fica a cargo dos negros libertos.

Até 1895, poucos anos após a abolição e a República, sociedades não governamentais já haviam introduzido mais de 120 mil imigrantes em São Paulo. Entre os anos de 1886 e 1897 a Província/Estado recebeu 727 mil imigrantes, a maioria italiana. O Correio Paulistano e outros jornais chegaram a discutir, por volta de 1892, a introdução de imigrantes asiáticos e indianos. Os debates ocorriam também no parlamento. Houve tantas reuniões e tamanha união em torno das melhores formas de se repor a mão-de-obra, que historiadores consideram esse período como o gerador do "poderoso germe do espírito associativo das classes dirigentes para a defesa de seus interesses". O trabalho livre<sup>29</sup> mudou o complexo cafeeiro, diminuindo os custos da produção (nos últimos tempos de escravidão eram altos os custos de manutenção e impostos sobre o cativo) e proporcionando a introdução de maquinários e implementos. Com o imigrante vêm suas culturas milenares, menos expropriadas do que a cultura negra.

-

Neste momento, não se pode considerar ainda o regime de trabalho como livre ou assalariado, pressupostos do capitalismo, mas, sim, de transição entre o trabalho escravo e o livre, chamado colonato. Os colonos recebiam certa quantidade de pés de café para cultivar e entre os pés plantavam agricultura de subsistência. Pagavam para usar as terras dos fazendeiros, ao invés de os fazendeiros pagarem por seu trabalho, como no regime "livre".

O colonato resultou ainda na diversificação agrícola e no surgimento de mercado para o excedente oferecido. O "salário" ampliava o mercado corrente dos bens de consumo e desenvolvia manufaturas. Os imigrantes não-agrícolas e o êxodo durante as crises do café foram também responsáveis pela expansão urbano-industrial de São Paulo. Estes números mostram o que acontecia: a cidade contava em 1870 com 25 mil habitantes; cerca de 65 mil em 1890 e quase 240 mil em 1900. A Província passa de pouco mais de 800 mil pessoas (1872) para mais de um milhão e 200 mil (1886).

A educação, entretanto, não acompanha todo esse "desenvolvimento" e a densidade demográfica. Nesta época, o número de normalistas formadas não passava de oito e os alfabetizados, segundo relatório de 1888 apresentado ao presidente da Província, apontavam 20% da população, dos quais 0,58% com instrução secundária e 0,15% superior. Entre os que tinham diploma superior estavam os que mandavam na política: 100% dos conselheiros de Estado, 95% dos ministros, 90% dos deputados e 85% dos senadores passaram pela academia, principalmente a de Direito e de Medicina.

Para os poucos letrados desenvolvia-se a imprensa. Dados de 1883 apontam a existência de 57 jornais: 16 liberais, 6 conservadores, 5 republicanos, 4 comerciais, 2 católicos e 25 sem compromissos explícitos. Na capital, os diários eram, além do Correio Paulistano, o *Diário de São Paulo*, a *Gazeta do Povo*, o *Jornal do Commércio*, a *A Província de São Paulo* e *O Ipiranga*. Havia ainda o *Diário de Santos*, a *Gazeta de Santos* e o *Diário de Sorocaba*. (cfme. Casalecche, 1987)

Da dissidência de *A Província de São Paulo* funda-se o Diário Popular e, observa-se que, no período que antecede à Proclamação da República a diferença na imprensa é feita pelo <u>Correio Paulistano</u> (1854) e, na seqüência, pela *A Província* 

de São Paulo (1875) e pelo próprio *Diário Popular* (1884). Ao contrário destes, como vimos, o Correio Paulistano não viraria o século XX.

Se após a instalação do regime republicano e a concomitante mudança do eixo econômico, político e geográfico do país do Rio de Janeiro para São Paulo brilham as melhorias e se escondem as desigualdades, na imprensa as transformações são tanto quanto significativas.

A passagem do século (XIX) assinala no Brasil a transição da pequena à grande imprensa. Os pequenos jornais de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar à imprensa jornalística, com estruturas específicas e dotadas de equipamentos gráficos necessários à sua função". (SODRÉ, 1966, p. 364).

Em seu artigo "A Questão Nacional na Primeira República", Lucia Lippi Oliveira (1997, p. 186) destaca o papel político do Estado agindo sobre os fundamentos culturais que estão a seu dispor em cada momento histórico. "No final do século XIX, os Estados passam a agir sobre a máquina da comunicação – imprensa, cinema, rádio, ensino – inventando e inculcando tradições a fim de homogeneizar e padronizar seus habitantes [...] organizar e disciplinar seus indivíduos".

# 2.3 O "Partido dos Velhos": o jornal torna-se órgão oficial do Partido Republicano Paulista (PRP)

Até 1864, o Liberal e o Conservador eram os únicos partidos políticos no Brasil. A partir daí surge o Partido Progressista formado a base dos liberais históricos e conservadores dissidentes ou moderados, mas essa mistura não funcionou e o partido teve vida curta. Os liberais apresentavam propostas mais "avançadas" no programa dos seus Clubes Radicais. Manifestavam-se contra o poder pessoal e o moderador (do imperador), propunham sufrágio direto e universal, o fim da guarda nacional e da polícia eletiva, a temporariedade do senado, a substituição gradual do trabalho escravo pelo livre etc. Tais idéias eram incompatíveis com os conservadores, mesmo com os mais moderados.

Os partidários do progressismo acabaram por se juntar a outros liberais e formaram um novo Partido Liberal, cujo manifesto data de 1869. Era menos radical que o anterior e propunha, por exemplo, o voto direto, mas não universal. O órgão oficial dos republicanos, neste momento, é o jornal *A República* (1870-1873), dirigido por Quintino Bocaiúva, Aristides Lobo e Manoel Vieira Ferreira. Saía três vezes por semana e, às vezes, diariamente, chegando a tiragem de 10 mil exemplares num dia. Em suas páginas pregações a favor da separação entre a Igreja e o Estado; contra o castigo corporal nas forças armadas e a favor da federação. Fechou empastelado por monarquistas, cfme Chagas (2001, p. 141).

Foi *A República* quem publicou o manifesto que organizou o primeiro Partido Republicano, em 1870, cuja proposta básica era a queda da monarquia. Qualificava-a o manifesto como portadora de muitos defeitos e responsável por quase todos os males que afligiam a sociedade da época. A República seria a solução e a

democracia romperia a restrita participação que o sistema monárquico impunha. Então, com propostas consideradas avançadas e modernas, o Partido Republicano ascende ao poder com a proclamação e sua raiz mais forte é o PRP (Partido Republicano Paulista), em cuja base, entretanto, continuam os cafeicultores e o que se vê, segundo Lilia Schwarcz (1987), é uma adaptação das idéias originais "liberais" às práticas das elites brasileiras.

A história do PRP está intimamente ligada ao <u>Correio Paulistano</u>, jornal que o representou durante longos anos, desde quando se firmou a versão paulista do Partido Republicano. Dessa forma, precisamos compreender essa ligação. O movimento republicano impôs o presidencialismo, o federalismo e a ampliação do regime representativo, mas, ao limitar o direito de voto ao alfabetizado, marginalizou ampla camada popular. Mesmo com dados já do final de 1920, 80% da população brasileira vivia no campo onde predominava o analfabetismo.

O federalismo também causa grande ruptura com o sistema até então praticado, visto que os Estados independentes ficam desafogados do escorchante centralismo monárquico, entretanto, torna-se, ao mesmo tempo, uma espécie de movimento separatista, em especial em São Paulo e no Rio Grande do Sul. O republicanismo paulista era o mais organizado e combativo, bastante ligado aos interesses dos proprietários locais<sup>30</sup>. A vestimenta liberal e democrática do novo regime se esgarça quando, ao lado da marginalização das camadas populares, assumem os governos estaduais membros da elite, que pretendia ser a única com

<sup>&</sup>lt;sup>30</sup> Em 1878, entre os republicanos paulistas mais de 30% eram proprietários rurais; na Província do Rio representavam menos que 2%, enquanto que os profissionais liberais (advogados, jornalistas, professores, médicos, engenheiros etc.) formavam mais de 60% da base do partido.

representatividade. Os Estados passam a ter como donos grupos políticos, famílias latifundiárias ou até mesmo uma única família. "A autonomia das Províncias era a forma de, pela República, atingir-se a *'comunhão da família brasileira'*, tão sacrificada pela centralização." (CASALECCHI, 1987, p. 42)

Neste sistema político oligárquico criou-se uma teia de submissão e dependência entre o eleitor, o coronel, o partido e o Estado. "Descartava-se a República, como já o fizera o Império, de seu componente anárquico: o povo". (CASALECCHI, 1987, p. 13). De fato, em São Paulo mais do que no Rio de Janeiro (os dois Estados foram os maiores focos do republicanismo), cartas trocadas entre os republicanos e notícias de jornal dão conta que o povo assistiu à revolução monarquia/república bestializado, surpreso, sem saber do que se tratava. Segundo Holanda (1972, p. 360), "ao proclamar a República, Deodoro não estava muito certo de que a oligarquia monárquica pertencia ao passado e que o futuro seria da oligarquia republicana". Isso porque o marechal reconhecia entre as forças que depuseram o trono a presença forte de ambas as oligarquias.

Não à toa, São Paulo fora o lugar onde mais facilmente encontrou guarida o manifesto que pregava a República. Por aqui, acreditava-se, já em 1879, que a Província se tornaria em breve a maior potência da América do Sul. Efetivamente, porém, os partidários que fundaram o PRP em São Paulo não passavam do número de dedos das mãos. Segundo recomendações de Campos Sales (ler neste capítulo, o item 2.4, p. 69), as regras para a participação na agremiação eram: "pertencer ao mesmo meio social e estar sujeito às mesmas influências". No ano de 1872, a convenção mais famosa do PRP, a Convenção de Itu, contou com 133 "homens de posses" assim distribuídos: 78 proprietários de terra e o restante de outras profissões (12 negociantes, advogados, médicos etc), segundo Trevisan (1987).

Esta convenção apontou a necessidade da criação de um jornal próprio, idéia ratificada no Congresso do Partido, em 1874.

O <u>Correio Paulistano</u>, fundado em 1854, em apenas trinta anos já havia sido "conciliador", "conservador" e "liberal", mas desde a Convenção de Itu propagandeava o republicanismo, os atos oficiais do PRP e o congresso de 1874, data em que voltou a ser liberal. Esta lacuna foi preenchida, como veremos, pela *A Província de São Paulo*, que embora sempre tenha buscado traçar para si um perfil livre, descompromissado com este ou aquele partidarismo, contava com notórios republicanos entre seus diretores.

O acesso à grande imprensa foi de suma importância para a política praticada nesse momento. Se o PRP contava com o Correio Paulistano (apesar do flerte com os republicanos entre 1874 e 1875, torna-se seu representante oficial apenas a partir de 1890), todas as demais dissidências, apesar dos republicanos presentes, reuniam-se em torno de *A Província de São Paulo* (esta situação pode ter sido de grande importância para a permanência de um veículo e o desaparecimento do outro. Cfme. itens 2.3 e 2.4 deste capítulo).

O <u>Correio Paulistano</u> estampou em suas páginas acertos e erros, vitórias e tropeços da vida perrepista. Na primeira etapa (1889-1906) o partido que comandava o Estado de São Paulo enfrentou o movimento reivindicatório dos cafeicultores com a ameaça de um novo partido (o da Lavoura), a dissidência de 1901 e a Revolução Monarquista de 1902. A partir da década de 20, as tensões voltam a se manifestar, uma vez que a agremiação já não conseguia sustar o alarido da "oposição", acompanhado de ações concretas como a formação do Partido Democrático, cujo homem forte era Antonio da Silva Prado. Uma outra fonte

oposicionista "de peso" também fazia sua parte: anarquistas, anarco-sindicalistas e comunistas.

O poder do PRP durou da Proclamação até a Revolução de 30, dominando a política paulista durante 41 anos. Nesse período o Estado de São Paulo teve 14 governadores, pertencentes exclusivamente a elite e com interesses na cafeicultura. O PRP também elegeu quatro presidentes da República: Prudente de Morais, Campos Sales, Rodrigues Alves e Washington Luís.

Essa largueza de poderio do PRP é chamada historicamente como "República Velha" que, segundo Trevisan (1982), já nasceu velha, inovando muito pouco em relação à monarquia no trato da coisa pública e servindo para manter a política que interessava aos cafeicultores do Oeste Paulista. As mudanças que sopravam de toda a parte do mundo, contudo, forçavam a porta de entrada brasileira através da técnica, da máquina, da indústria, dos operários, das artes e do desenvolvimento das cidades e o mundo agrário das oligarquias se desvanecia. Apesar de toda a resistência, a conjuntura de idéias que floresceu no século XIX (ler item 1.1 deste capítulo) não deixaria o Brasil, quiçá São Paulo, na mesmice política da República Velha.

A República brasileira, gerada em ventre oligárquico, manchada pela escravidão, conhece, em seu primeiro período, a tentativa do imobilismo, a desesperada tentativa de freio à roda da História, a tentativa mesquinha e egoísta dos donos do poder, de manter o país agrário, rural, conveniente a seus interesses. (TREVISAN, 1982, p. 65)

Não podemos nos esquecer, já que a República Velha está em fase terminal, de analisar o contexto do Exército. Sempre chamado a defender a Pátria, o Exército passou por reformas que o modernizaram e aumentaram sua operacionalidade. Para

tal, foi necessário que o oficial estudasse e isso significou a ampliação das fronteiras da percepção da fonte dos problemas do país, do atraso que a oligarquia perrepista propunha. E mesmo antes de ocupar efetivamente o poder em 1930, ele já o havia visitado no quatriênio Hermes da Fonseca. É o período no qual os Estados "desobedientes" conhecem as "salvações", eufemismo para "intervenções".

A década do pós-guerra, 1920, representa renovações ideológicas para o mundo todo (como descrito no capítulo III, itens 3.1 e 3.2). As artes conhecem explosão antes nunca vista. A política precisa de um modo para revitalizar a ordem do capital abalada pela guerra. O liberalismo democrático, modelo de todo o século XIX, com um pacto social baseado em Constituição, eleições, oposição, discordância, revela-se lento, inadaptado para países que tenham pressa. E países em duas situações tinham pressa: os atrasados em seu desenvolvimento e os que perderam muito durante a I Guerra<sup>31</sup>.

A solução estava no Estado forte. "Ele garantiria o jeito de apressar o desenvolvimento, disciplinaria a sociedade, afastando os descontentes e os descrentes", explica Trevisan (1982, p. 66). Com o fermento da crise econômica trazida pela guerra surgiu o socialismo na Rússia e partidos de esquerda cresceram na Europa, assustando os burgueses, mas foi a crise de 1929 – iniciada nos EUA e rapidamente espalhada pela Europa – que definitivamente aprofundou a crise do capitalismo europeu e declinou as democracias parlamentares na Europa,

-

Depois da I Guerra Mundial (1914-1918), primeiro grande evento transformador da história no século XX, a Europa ficou arruinada e conheceu recessão, inflação e desemprego. Grandes impérios desapareceram e a prosperidade mudara-se para o outro lado do Atlântico. Os EUA viviam grande progresso: não sofreram destruição do seu território, dominavam a metade do ouro do mundo e suas bolsas de valores movimentavam a maior parte do capital mundial. Foi assim pelo menos até 1929, data do *crash*.

permitindo o surgimento de Estados totalitários como o fascista, conforme aponta Cáceres (1988).

Alemanha e Itália, países com afinidades com o Brasil, abrigaram as primeiras aventuras fascistas, alimentos do nazismo. E idéias atravessam oceanos, como sabemos. "Logo apareceriam teóricos que formulariam as adaptações para o país do carnaval das teorias em voga na Europa". (TREVISAN, 1982, p.68) O nacionalismo foi dessas adaptações: o caminho para apressar o uma desenvolvimento do Brasil. Quando os militares sustentam a vitória de Getúlio Vargas e depõem o último presidente do PRP, Washington Luís, terminam quatro décadas de poder de um único partido no Brasil. Enterrava-se a República Velha e seu sistema eleitoral conhecido por "bico-de-pena": voto em aberto e manipulação fraudulenta das eleições e de seus resultados. Em nome da ordem e da tradição o Estado Novo realizaria as expectativas difusas da sociedade civil, se assume como arauto da modernidade e realizador dos ideais dos anos 20 (Lahuerta, 1997). Novas agruras estariam à vista. Por conta do Getulismo, o Correio Paulistano fica da data do golpe até 1934 fora de circulação, mas retoma suas atividades e segue como representante do programa perrepista até 1955.



# 2.4 A carta de Campos Sales: o poderio econômico ameaça e cumpre

O lançamento do jornal *A Província de São Paulo*, tornado *O Estado de São Paulo* imediatamente após a Proclamação da República, poderia não ter sido fato de maior relevância na vida do <u>Correio Paulistano</u> não fossem as condições da Província e, particularmente, da cidade de São Paulo nessa época. O poderio da oligarquia republicana que ascendia ao poder (cfme. item 2.3 deste capítulo) teve peso decisivo no que viria a acontecer depois.

Manuel Ferraz de Campos Sales<sup>32</sup> e Américo Brasiliense de Almeida Melo<sup>33</sup> reuniram sócios - todos republicanos ligados à cafeicultura - e, antes de lançarem *A Província de São Paulo* tentaram comprar o <u>Correio Paulistano</u>. Desde a Convenção Republicana de Itu (1874), os partidários do republicanismo queriam um órgão de imprensa que os representasse. No "grupo dos 19" (entre os quais governadores, deputados e presidentes) os mais importantes eram, além de Campos Sales e Américo Brasiliense, Rangel Pestana, Américo de Campos, Francisco Glicério,

\_

<sup>&</sup>lt;sup>32</sup> Campos Sales (1841-1913), formado pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, foi presidente do PRP, governador da Província de São Paulo, deputado provincial, ministro da Justiça e senador constituinte. Residindo na Europa, atuou como colaborador do Correio Paulistano. Foi um dos quatro presidentes da República eleitos pela oligarquia cafeeira do PRP. Concebeu a chamada "política dos governadores".

Américo Brasiliense (1833-1896), formado pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, foi o 3º governador de São Paulo e o 1º presidente do Estado. Também presidiu as Províncias da Paraíba e do Rio. Vereador, deputado provincial, ministro do STF, promulgou a 1ª constituição do Estado de São Paulo e abandonou esse mandato. Doutrinou a abolição. Libertou todos os escravos recebidos no inventário de seu sogro. Foi chefe do Partido Liberal e importante republicano do grupo campineiro.

Martinho Prado Jr., Cerqueira Cezar, João Tibiriçá, Almeida Prado, João Tobias de Aguiar e Castro e Rafael de Barros. Rangel Pestana e Américo de Campos eram os que detinham o maior capital, daí o nome da empresa de cotistas ser Pestana, Campos & Cia. Esta composição, entretanto, seria algumas vezes alterada. Para alcançar o intento de comprar o Correio Paulistano encarregaram Rangel Pestana de iniciar as "negociações". Foi então no dia 20 de outubro de 1874 que o "botica", como era chamado o Correio Paulistano entre seus leitores, recebeu uma carta de Rangel Pestana endereçada a Azevedo Marques:

#### Amigo Sr. Joaquim Roberto (de Azevedo Marques)

Creio que o Sr. deve saber que está em via de execução a fundação do jornal há certo tempo a esta parte projetado. O capital está quase todo levantado e os comanditários acham-se de acordo quanto às condições do jornal e o modo de o dirigir. Há, seguramente, um mês que sou instado para entrar na emprêsa. Atendendo as condições do jornal, ao valor dos cavalheiros que fazem parte da sociedade, as vantagens que me oferecem são boas.

Antes, porém, de tomar qualquer responsabilidade ligando meu nome à nova emprêsa, eu desejo saber se o meu amigo quer entrar em negócio para a cessão do seu Correio Paulistano e estabelecimento à sociedade que pretende ter aí na capital um jornal seu.

Conquanto alguns comanditários opinem que nenhum acôrdo se poderá dar para êsse fim, por julgarem o meu amigo muito exagerado no preço do seu estabelecimento e jornal, contudo eu desejo ouví-lo a respeito antes de dar de minha parte uma decisão definitiva.

Quer me parecer que se o amigo for cordato no seu pedido a compra se fará. Opino pela compra não tanto por considerá-la de grande vantagem para a sociedade, por julgar que possa ela fazer com isso um grande negócio, como por considerações que todos nós devemos pesar bem para prevenirmos desgostos futuros.

O jornal há de aparecer de uma ou de outra forma, e ainda que me obstine a não fazer parte de sua direção, êle se fundará e com reais elementos de vida; eu o julgo garantido por dois anos, tempo bastante para êle ganhar circulação, oferecer lucros. Assim, se o meu amigo quiser diga-me por quanto se dispõe a ceder o Correio Paulistano e o estabelecimento para eu poder me haver a respeito para com os comanditários. (NOBRE, 1950, p. 55, sic)

De tão incisiva, a carta de Rangel Pestana foi acompanhada pela minuta de um contrato de compra e venda. Astutamente, ele destaca a luta que se travaria entre dois diários disputando o mesmo público e não deixa de citar o poderio econômico do grupo, lembrando que quase todo o capital necessário para o lançamento de um novo jornal já havia sido levantado. E chega a ser ameaçador quando afirma que o interesse na compra nem era para obter grande vantagem, mas para evitar "desgostos futuros"; que o jornal haveria de aparecer de "uma forma ou de outra" e que sua circulação estava garantida pelos primeiros dois anos "tempo bastante para ele ganhar circulação, oferecer lucro".

A situação de Azevedo Marques tornara-se preocupante. Ele não ignorava o poderio econômico e intelectual do "grupo dos 19", todos eram grandes fazendeiros de São Paulo e Campinas e hábeis em se organizar de maneira prática. Este grupo sabia que, na luta que travava a favor de seus interesses, a arma mais eficiente era a imprensa.

A minuta enviada conjuntamente com a carta tinha a seguinte redação:

Damos pelo estabelecimento e jornal 26 contos, cedendo nós o prelo sem o valor e entregaremos aquele (o prelo) nos primeiros dias de janeiro.

Faremos contrato de locação do prédio ficando nós autorizados a fazermos as obras necessárias, e damos por ele 150\$000 por mez. A emprêsa do Correio Paulistano ficará nos pertencendo desde 1º de dezembro. As assinaturas em dívidas serão nossas e as que estiverem já pagas serão respeitadas e enviaremos a folha a esses assinantes.

Não nos responsabilizamos por dívida alguma da atual empresa. Manteremos o contrato que o jornal tiver para publicação de anúncios e editais. (NOBRE, 1950, p. 59, sic)

Azevedo Marques refletiu durante alguns dias, certamente pesou as dificuldades que viriam, mas ele não havia perdido o espírito altivo de vinte anos antes, quando lançara um jornal diário numa cidade escura e esburacada. Em 28 de outubro de 1874, um mensageiro entregava a Rangel Pestana a resposta de Azevedo Marques na qual o mesmo se mostrava sensivelmente magoado com a pretensão dos republicanos campineiros (o "grupo dos 19" sediava-se em Campinas, cidade participante do Centro Oeste cafeeiro) e afirmava que o Correio Paulistano dava seis contos de réis anuais de lucro. Dizia também que já sabia do futuro jornal pela "despedida que me fez o Sr. José Maria de Lisboa para administrar colossal empresa" (Lisboa era administrador do Correio Paulistano, bem como da Gazeta de Campinas, estava há muitos anos com Azevedo Marques e o deixou para juntar-se aos empreendedores do futuro jornal). Leia um trecho da resposta:

Ora, já se vê que não posso vender meu estabelecimento senão por um preço cuja importância possa me dar aquele rendimento, e como se infere da sua carta que a grande comandita acha 'a priori' exagerada a minha pretensão, não podemos fazer negócio. E, conquanto alguém possa enxergar em alguns tópicos de sua carta uma verdadeira ameaça, eu

morrerei no meu posto, ficando à grande e rica comandita a glória de haver morto a empresa do Correio Paulistano. (NOBRE, 1950, p. 60, sic)

A resposta considerada desaforada apressou a saída do jornal *A Província de São Paulo*, cujos primeiros redatores foram Rangel Pestana<sup>34</sup> e Américo de Campos<sup>35</sup> (também ex-Correio Paulistano). A previsão de saída era 01 de janeiro de 1875, mas o primeiro número atrasou saindo apenas a 04 de janeiro. Embora tenham trabalhado excessivamente, o atraso fora provocado pelo próprio <u>Correio Paulistano</u> que negava elementos, informações e pessoal treinado.

O grupo superou as dificuldades e agiu com precaução: embora formado por republicanos, evitou o choque direto com os conservadores e só assumiu posição francamente a favor da República em 1884, quase dez anos depois do lançamento do jornal. A partir desta data foi considerado órgão oficial do PRP até a Proclamação da República, função a partir daí ocupada pelo <u>Correio Paulistano</u> até 1955 (lembramos que ele havia sido porta-voz do PRP no período entre 1872 e 1874, quando se ligou aos conservadores depois de não aceitar vender o jornal para os republicanos até finalmente tornar-se o órgão oficial do PRP por quase setenta anos).

Julio Mesquita entra na *A Província* a convite de Alberto Sales (irmão de Campos Sales, também tornado sócio), em 1885. Ele era genro de Cerqueira Cezar, um do "grupo dos 19" e em apenas sete anos tornou-se o único proprietário do

-

<sup>&</sup>lt;sup>34</sup> Rangel Pestana (1839-1903) foi advogado, jornalista e professor. Deputado provincial, senador e deputado federal. Sua participação foi fundamental na formação do jornal *A Província de São Paulo*.

<sup>&</sup>lt;sup>35</sup> Sobre Américo de Campos ler o capítulo I, item 1.2, p. 30, nota 13.

jornal. Por desentendimentos com Alberto Sales, Américo de Campos e José Maria Lisboa haviam deixado o jornal, contrariados, para fundar o Diário Popular.

Quando Mesquita, Cerqueira Cezar e Prudente de Moraes rompem com o então presidente do Brasil, Campos Sales, e com o governador de São Paulo, Rodrigues Alves, ocorre a primeira dissidência republicana. Campos Sales e seus correligionários firmam-se em polêmicas através do <u>Correio Paulistano</u>. Os dissidentes respondem pelas páginas do concorrente. Em 1926, o jornal *O Estado de São Paulo* apóia a fundação do Partido Democrático, em "oposição" (na verdade, apenas outra vertente) ao PRP<sup>36</sup>, que se manteria no poder até o fim da República Velha, conforme vimos no item anterior.

Bem antes disso, a *Província/Estado* introduziu novidades que foram aos poucos absorvidas pelo <u>Correio Paulistano</u>. Uma delas foi a venda de exemplares nas ruas, um verdadeiro escândalo social. "Agora vendem jornal como se fosse tomate ou batata", queixavam-se as pessoas pelas ruas da cidade. Quem conhecia esse método de vendas, já praticado na Europa, era o francês Bernard Gregoire, descendente de ciganos que ofereceu tal serviço ao jornal para aumentar seus ganhos. O resultado todos conhecem. Com o tempo os demais jornais também passaram a ser vendidos pelas ruas; depois, fixaram os primeiros pontos de venda; em seguida, montaram as bancas destinadas somente aos jornais e logo veio o enriquecimento dos empresários do setor, que se tornou um dos mais lucrativos da economia moderna.

<sup>&</sup>lt;sup>36</sup> O PRP e o PD e o envolvimento de alguns modernistas com estes partidos são temas melhor abordados no capítulo III.

### Capítulo III

Movimento modernista: o jornal dos oligarcas pretende ser moderno, vanguardista e polêmico

"O poema, descritivo, de inspiração urbana, mais lírico do que romântico, quando mostrado, furtiva e acanhadamente, aos amigos, era pretexto de zombarias.

Ao lê-lo ou ouvi-lo perguntavam, invariavelmente, da métrica e da rima...".

Depoimento de Oswald de Andrade sobre a reação ao seu poema "Último passeio de um tuberculoso pela cidade, de bonde".

(BRITO, 1971, p. 30)

# 3.1 Da Europa em guerra para São Paulo: por aqui, modernistas inspirados pelo progresso

"Mais vale dois a sentir, que a multidão a aplaudir."

(Mário de Andrade, Jornal de Debates, 1921, sobre Anita Malfatti)

buscamos contextualizar na história de São Paulo (cfme. capítulo II, item 2.2), o período que compreende o lançamento do <u>Correio Paulistano</u>. Da mesma forma, inserimos neste trabalho alguns dos mais importantes acontecimentos históricos do século XIX (cfme. capítulo II, item 2.1) em razão de entendermos o vínculo entre os meios produtores e a cultura produzida pelos próprios mecanismos de comunicação. Neste capítulo, para discutirmos as implicações da cobertura feita pelo <u>Correio Paulistano</u> da Semana de Arte Moderna e a polêmica suscitada pela imprensa é preciso

conhecer, primeiramente, o processo social-histórico no qual se fundamentou a cultura modernista no Brasil.

Falamos anteriormente como ia se expandindo extraordinariamente São Paulo no início do século XX. A cidade é um canteiro de obras, as construções aparecem rapidamente e os bondes elétricos facilitam a locomoção. As pessoas sofrem forte sensação de progresso. E as artes, todas elas, estavam ainda no ritmo da influência lusitana e colonizadora, divergente do momento vivenciado.

O contexto nesse ponto extrapola o perímetro da cidade e remonta aos acontecimentos mundiais do período entre-guerras, que traz à Europa uma profunda crise econômica, social e moral. Segundo Alambert (1992, p. 08), "os liberais sentem-se derrotados, a Revolução Russa e a barbárie da Primeira Guerra mergulham os liberais e seu projeto de esclarecimento num paradoxo". Tal paradoxo é a perda completa da idéia de um progresso contínuo e inevitável, nos moldes positivistas.

O nacionalismo (logo descambando para o fascismo) vem como resposta à necessidade de reorganização de forças após a Primeira Guerra, especialmente entre as nações que perderam, e se torna fato marcante nas artes e na cultura. Os primeiros anos do modernismo europeu são marcados por uma visão de mundo sombria e pessimista. Os países vencedores da I Guerra (EUA, França, Inglaterra e Itália) exercem forte influência cultural sobre os países economicamente dependentes e buscam afastá-los de culturas opostas as suas. Procuravam saída para o duro golpe que o capitalismo burguês sofria a partir da primeira revolução comunista.

No Brasil, embora os artistas buscassem as novas técnicas na Europa, não adotam os temas trágicos oriundos da guerra e da desorientação na ordem do

capitalismo, inflamados pela crença na "nova civilização" emergente de um país agrário e atrasado para a riqueza industrial e cosmopolita prometida pela metrópole paulistana. Aproximando-se as comemorações do Centenário da Independência, o sentimento anti-lusitano ganhas fortes contornos e não por acaso os modernistas desembocam no nacionalismo do indianismo e do verde-amarelismo. Eles, a bem da verdade, nem conheceram a pacata cidadezinha dos tempos da fundação do Correio Paulistano. Têm entre trinta e quarenta anos na época da Semana de Arte Moderna, mas, ainda assim, mantém-se numa clara contradição: apesar do dinamismo urbano de São Paulo, alavanca do país, a sociedade está fincada em elementos patriarcais e conservadores ligados ao mundo agrário e a intelectualidade recém-formada vive a imitar os padrões franceses e ingleses.

Ao mesmo tempo em que nas duas primeiras décadas do século XX o café ainda forma 75% das exportações; entre 1890 e 1920, a população brasileira cresce de 14 para 30 milhões de pessoas e São Paulo também dobra sua demografia. A baixa no preço do café traz parte dos lucros para a cidade (cuja função agora não é somente acolher a aristocracia, mas servir de investimento ao capital excedente) e chegam a energia elétrica, as máquinas importadas e muitas obras viárias, além de grandes indústrias fomentadas pela demanda surgida durante e após a Primeira Guerra. Ford, linha de ônibus, os primeiros veículos a gasolina... Em 1922, surgem novas linhas postais, telegráficas e telefônicas, fala-se em rádio (a primeira com boa recepção é instalada em 1925). Em São Paulo se concentram 33% da população industrial do país e o aparato das máquinas fundamenta o discurso "futurista" dos modernistas.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>37</sup> O Futurismo foi um movimento intelectual artístico italiano liderado pelo poeta Marinetti, que visava ligar a arte à nova civilização tecnológica, com o qual Oswald de Andrade teve contato já em 1912. Alguns modernistas, como Mário de Andrade, rechaçaram esse rótulo porque o movimento

Melhor nos falam esses versos de Oswald de Andrade (Poesias Reunidas. RJ, Civilização Brasileira, 1978): aproximou-se do fascismo de Mussolini. Marinetti tornou-se homem fundamental na política do

ditador com o passar do tempo e o Futurismo uma base de sustentação do fascismo. Menotti del Picchia declarou ter sido obrigado a assumir a qualidade de futurista, porque o termo fora impingido

aos modernistas.

### **Aperitivo**

A felicidade anda a pé

Na Praça Antonio Prado

São dez horas azuis

O café vai alto como a manhã de arranha-céus

Cigarros Tietê

Automóveis

A cidade sem mitos

Assim como os versos de Sérgio Milliet (Poemas Análogos. São Paulo, Niccolini & Nogueira, 1927):

### São Paulo

Dos violoncelos dos viadutos sobe a sinfonia da circulação São Paulo!

A Rua São João cheira a café

Confundem-se os estilos nessa riqueza sem cultura

agricultura

agricultura

Que loucura!

Longínquo o desafio dos trens e das usinas O sol faz brilhar multicor a bandeira das ruas Inevitável associação de idéias:

Bandeirantes!

Mas para que conquistas?
Spaghettis nacionalistas
Avassalaram nosso Ipiranga
Ironia dos "Independência ou morte"!



Nem tudo é euforia para a burguesia, porém. Como já vimos, a cidade cresce para atender a grupos dominantes e ignora uma massa sem direitos. Entre 1915 e 1929 acontecem 107 greves organizadas por grupos anarquistas, incluindo a histórica de 1917, que envolveu 70 mil operários. No mesmo ano da Semana há aproximadamente 138 mil operários, um terço imigrante, e se funda o Partido Comunista, esquentando os debates de esquerda. Brito (1971) nos lembra que o trabalho operário é um elemento novo no quadro das sociedades e que impõe reivindicações. O imperialismo e o capitalismo enfrentam o socialismo e um proletariado indisposto a se sujeitar às mesmas leis que o sujeitavam na terra que depois de quatro anos de guerra tornara-se um caos monstruoso. A realidade operária, entretanto, não aparece entre as preocupações dos artistas nesse primeiro momento.

Não nos esqueçamos que os modernistas vivem sob a República Velha ou Primeira República (1889-1930) - a rígida ordem oligárquica fundamentada na política café-com-leite. Segundo frase conhecida de Lima Barreto, "a oligarquia paulista era a mais odiosa do Brasil, a mais feroz". O Correio Paulistano, por ocasião da grande greve, publicava que os líderes dos trabalhadores eram "aventureiros, que a pretexto de defender ideais liberais, concertavam na treva planos sinistros de desordem e até de revolução...". Entretanto, as críticas aos velhos republicanos que culminaram nos levantes de 1922 e na chamada Revolução de 1924 obrigaram os modernistas a olhar para a realidade operária que se escancarava.

Somente depois da Semana de Arte Moderna foi fundado o Partido Democrático em oposição ao "partido dos velhos", o PRP, aquele representado pelo Correio Paulistano (cfme capítulo II, item 2.3). O Partido Democrático concentrava jovens oriundos de famílias "quatrocentonas" como os Mesquita, os Camargo, os

Prado e os Vergueiro. Era, portanto, a burguesia quem queria liberar o regime político e estava na base do "novo partido" que atraiu, aí sim, modernistas como Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Paulo Duarte, Rubens Borba de Morais e outros. É preciso lembrar que Oswald militou no PRP. Observamos que a maioria dos nossos "reformadores" não foi tão dinâmica na política quanto nas artes, nada injustificável perante a defesa dos interesses das famílias ricas e poderosas das quais os artistas eram oriundos.

No artigo "Os Intelectuais e os anos 20", Milton Lahuerta (1997, p. 97), aponta: "tanto que a atividade política, quando ocorria, ainda se dava nos moldes dos partidos oligárquicos". E Renato Perissotto, ao escrever o artigo "Classes Dominantes, Estado e os Conflitos Políticos na Primeira República em São Paulo" (1997, p. 67), acrescenta: "não havia grandes diferenças entre o PRP e o PD". E se não havia diferença fica claro que os intelectuais foram "convidados" a participar do processo, ou seja, a construir a nação por meio do Estado que com ela queria se confundir.

A curiosa mistura entre a tentativa de romper o limiar do passado, de criticar os rumos das artes e da política, com o financiamento da Semana de Arte Moderna por oligarcas do café, nos é revelada por Alambert (1992, p. 43).

"A Semana foi resultado de um empreendimento econômico em que se associaram Paulo Prado, Alfredo Pujol, Oscar Rodrigues Alves, Numa de Oliveira, Alberto Penteado, Reneé Thiollier, Antonio Prado Júnior, José Carlos de Macedo Soares, Martinho Prado, Armando Penteado e Edgard Conceição, todos muito ricos e ligados às famílias tradicionais e a grupos econômicos do Estado".

A "marginalidade" da Semana de 22 fica, portanto, comprometida, inclusive, pela presença de dinheiro público<sup>38</sup>. Enquanto a nova burguesia cafeeira (aquela do Oeste Paulista) consome peças francesas, as formas rígidas e tradicionais da poesia parnasiana e óperas italianas, bem populares em São Paulo por causa da imigração,

os trabalhadores circulam pelos teatros de revista onde ouvem a posteriormente chamada "música popular", como o famoso "Corta Jaca" de Chiquinha Gonzaga. O samba é marginal e está fora dos salões "cultos". Bailes no Palácio dos Campos Elíseos e chá das cinco na Mappin Stores; Automóvel Clube para os cafeicultores, Círculo Italiano para os Matarazzo e seus amigos imigrantes; futebol no Hipódromo da Móoca e moradia nas mansões das Avenidas Paulista e Angélica... No ano da Semana de Arte Moderna há 14 cinemas, inclusive com roteiros de Menotti del Picchia, e seis teatros sendo o Municipal, palco do evento, o mais importante.

Os jovens modernistas freqüentam seu circuito e, sem excluir totalmente os demais, se concentram nos cafés do chamado "triângulo modernista" (ruas Direita, São Bento e 15 de Novembro), na livraria *Garrauax* (onde encontravam os livros importados com informações sobre a arte e a política européias) e nas redações de jornais que ficavam por ali. Na Rua Líbero Badaró, bem perto, estão a *garçonnière* de Oswald de Andrade e a redação do <u>Correio Paulistano</u>. No número 111 desta rua aconteceu a exposição de Anita Malfatti, que suscitou a matéria avassaladora de Monteiro Lobato<sup>39</sup>.

\_

Mário de Andrade abordou profundamente esta questão nos textos "A elegia de abril", escritos para a revista Clima, em 1941, ao desancar a geração de 22, na qual se incluía, por sua indiferença para com a época social na qual viviam.

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> O artigo de Lobato conhecido por "Paranóia ou Mistificação" foi publicado em 20/12/1917 no "Estadão" e celebrizou ao mesmo tempo em que traumatizou Anita. Entre muitas outras coisas ele

Também a tradicional livraria *O Livro*, onde Di Cavalcanti expõe suas primeiras pinturas a óleo e o poeta Guilherme de Almeida faz um recital para a nata da sociedade cultural, é um constante ponto de encontro para saraus, exposições e discussões intelectuais. Depois da Semana de Arte Moderna a livraria foi palco até mesmo de brigas entre os considerados modernistas e os passadistas:

Aconteceu hoje, pouco antes de 17 horas, no interior da Casa Editora O Livro, na Rua 15 de novembro, uma cena de pugilato entre dois conhecidos literatos. Mais tarde, o delegado da polícia central tomou conhecimento, tendo o fato provocado grande escândalo. O Sr. M. del Picchia, sentindo-se ofendido com artigo publicado nesta *Folha* pelo Sr. Assis Cintra, e encontrando o conhecido homem de letras naquela livraria, resolveu tomar satisfações. No entanto, o autor do artigo não esteve pelos autos e arrumou-lhe algumas bofetadas, recebendo, em troca, ligeiros arranhões.

(Folha da Noite. São Paulo - 27/03/1922)

Menotti del Picchia escreveu uma carta ao jornal para explicar sua versão sobre o incidente ocorrido na livraria *O livro*:

## "Entre literatos"

Minha surpresa aumentou quando vi a notícia deturpada por outro vespertino local. Há dias, casualmente, encontrei-me na Casa Editora O Livro com dois senhores empenhados na defesa de um livro acusado de plágio, sobre o qual, por engano, escrevera umas palavras de elogio. Como um desses dois senhores me houvesse atacado por esta Folha, atribuindo-me o que não fiz, julguei meu dever pedir explicações que me

dizia que a forma dela enxergar a arte era anormal, psicótica e seus trabalhos semelhantes aos desenhos que ornam as paredes internas dos manicômios... (cfme Brito, 1971, p. 52).

devia. Os dois senhores, em altos brados procuraram mostrar minha pseudoculpa, no caso. Reagi com toda energia e dignidade, sendo obrigado a dar uns socos num deles, o qual, em reação natural, procurou como pôde se defender. Soube mais tarde, pela notícia desta Folha, que meu adversário fora dar queixa à polícia.

É o que me cumpre, Sr. Redator, declarar a bem da verdade. Pela publicação destas linhas, sou gratíssimo.

(Folha da Noite. São Paulo. Menotti del Picchia - 29/03/1922)

Foi ainda nesta livraria que Graça Aranha, autor de Canaã, intelectual respeitado e membro da Academia Brasileira de Letras, símbolo do tradicionalismo e do passadismo, se junta aos modernistas, dando peso e certa credibilidade aos novos. Ele foi apresentado ao grupo pelo fazendeiro, industrial e escritor Paulo Prado - um dos patrocinadores e grande mecenas da Semana de Arte Moderna.

No dia seguinte ao recital de Guilherme de Almeida na livraria, o <u>Correio</u>

<u>Paulistano</u> publica um artigo de mesmo nome do livro recém editado do poeta "Era
uma vez". A beleza do texto merece ser apreciada:

A obra é fluida e leve como um aranhol de ouro, onde as frágeis mariposas da moda, as sentimentais elegantes da época se prendem fascinadas na deliciosa espontaneidade lírica de suas rimas aparentemente frívolas, mas profundamente psicológicas e humanas. Há dor sorridente, há ironias mascaradas de galanteios, há alegrias disfarçadas em arrufos nesse poema de amor mundano e galante, atual e sensacional, onde se renova a malícia das batalhas amorosas, em requintes palacianos de frases inteiramente fúteis, mas pérfidas e profundas. A vida moderna, com seus "confort", com seus táxis, com seus telefones! — oh! Os terríveis, os maldosos, os líricos telefones! — contagiou o lirismo vivo e brilhante desse livro escrito com lágrimas e com sorrisos, emoções acalcadas no artificialismo mundano, onde a crueldade da vida redobra de violência diante da necessidade de urbanizá-la, civilizá-la, elegantizá-la... *Era uma* 

vez é um poema novo para nosso ambiente, um grito de libertação ousado, uma revolta espontânea e corajosa contra o carrancismo, a velharia, o "vieux-jeu" pomposo dos metros processionais, das fórmulas hieráticas e macabras como esquifes e catafalcos..."

(Correio Paulistano. "Era uma vez". Helios – 26/06/1921)

Outra livraria que anotava a presença dos modernistas era a italiana do "Tisi", ponto de distribuição das obras de Marinetti e seus congêneres. Passeiam ainda pelas reuniões literárias na casa de aristocratas e de D. Olívia Penteado, cujas paredes dos salões foram pintadas por Lasar Segall, pintor russo radicado no Brasil. Outros pontos eram o ateliê de Tarsila do Amaral e a casa em que ela viveu com Oswald, ambos no bairro de Santa Ifigênia, e a casa de Mário de Andrade, na Rua Lopes Chaves, na Barra Funda, bem mais modesta. Mário era um dos poucos que trabalhava para viver.

## Na Rua Aurora eu nasci

Na Rua Aurora eu nasci Na aurora de minha vida E numa aurora cresci.

No Largo do Paiçandu Sonhei, foi luta renhida, Fiquei pobre e me vi nu.

Nesta Rua Lopes Chaves Envelheço, e envergonhado Nem sei quem foi Lopes Chaves.

Mamãe! Me dá essa lua, Ser esquecido e ignorado Como esses nomes da rua.

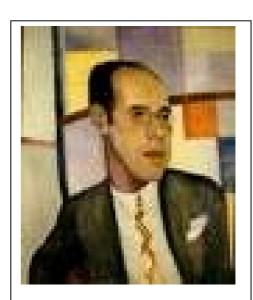


Figura 21: Mário de Andrade por Lasar Segall, 1927.

(Mário de Andrade, Poesias Completas, EDUSP, 1987).

O modernismo, como se sabe, dividiu-se em outros movimentos como o Pau-Brasil, o Antropofágico, o Integralista, o Verde-amarelista; alguns membros se separaram como Oswald e Mário, outros foram esquecidos ao longo da história, que para sempre carregaria as marcas deste movimento, como Juó Bananére. De qualquer forma, não pretendemos nos aprofundar no movimento modernista, já extenuadamente estudado e que não é o objeto deste estudo, mas acreditamos que a contextualização histórica que a ele levou, bem como à fundação do <u>Correio Paulistano</u>, 68 anos antes da grande festa, se confunde com a própria história do jornal e nos ajuda a montar o quebra-cabeça de um tempo em que intelectuais, artistas e escritores eram também os jornalistas.



Figura 23: (esq. para dir.) Victor Brecheret, Di Cavalcanti, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade e Helio Selinger.

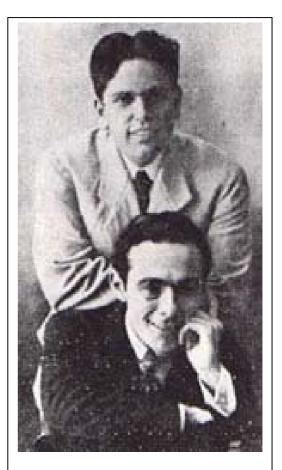


Figura 22: Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida.

# 3.2 Luxo e cultura nos anos de 1920: A "Paulicéia Desvairada" desponta

[...]

"Garoa do meu São Paulo,

- Costureira de malditos –

Vem vindo um rico, vem um branco,

São sempre brancos e ricos...

Garoa, sai dos meus olhos.

(Mário de Andrade. Poesias Completas, EDUSP, 1987, última estrofe)

A década de 1920 trouxe modificações estruturais em todo o mundo e é considerada como o berço do Brasil moderno. É a década do pós-guerra, da industrialização, das organizações operárias, do modernismo... Os dois anos que antecederam a Semana de Arte Moderna, em especial, marcaram o desenrolar dos acontecimentos que precipitariam na ruptura cultural-histórica representada pelo modernismo brasileiro. Artistas, intelectuais e escritores congregaram-se em torno da formação de um grupo que, através da imprensa e de reuniões constantes, planejava balançar as velhas estruturas da cultura paulistana e quiçá brasileira. É a partir da Semana de 22 que o modernismo se torna uma forma de representação da cultura nacional, embora também nessa ruptura o "elemento anárquico – o povo" (cfme. expressão de Trevisan, 1982) permaneça na lateralidade.

"É por isso que entre os intelectuais inspirados no modernismo, ainda que haja uma pretensão de rever o racismo e de criticar a retórica do academicismo,

permanecem um culto à erudição e um sentimento de ser parte da elite tal qual eram cultivados nos salões aristocráticos". (LAHUERTA, 1997, p. 97). Mesmo os modernistas mais radicais, preocupados em construir a cultura nacional, quando "foram ao povo" o fizeram de forma a encontrar matéria-prima autêntica a qual pretendiam dar forma intelectual.

Lucia Lippi Oliveira (1997, p. 190) acrescenta que mediando a luta ideológica entre os conservadores monarquistas e os progressistas republicanos situava-se ainda a presença da intelectualidade científica que, com princípios evolucionistas assentados sobre a desigualdade das raças, é extremamente pessimista com relação aos destinos da nação, comprometidos, segundo ela, pela miscigenação das raças (ler mais no capítulo II, item 2.1).

A questão da identidade nacional, ainda bastante confusa, como já apontada no item 1.1 deste capítulo, depois da I Grande Guerra trouxe aos brasileiros um sentimento de que já não era possível apenas copiar os modelos europeus, desvalorizados com o fim da *belle époque* e pela idéia que a América seria, agora, o espaço da nova civilização e do futuro.

Mesmo que aparentemente sem um objetivo definido sobre o tipo de evento que pretendiam realizar, faz sentido acreditar que a Semana de Arte Moderna foi cuidadosamente projetada por pelo menos dois anos, porque os modernistas queriam um evento concomitante ao Centenário da Independência. Um trecho de um artigo de Oswald de Andrade ao *Jornal do Commércio* fornece a prova: "Cuidado, senhores da camelote<sup>40</sup>, a verdadeira cultura e a verdadeira arte vencem sempre. Um pugilo pequeno, mas forte, prepara-se para fazer valer o nosso centenário". No mesmo artigo Oswald conclama os amigos a apresentar a cultura e

a arte como expressões da real independência do Brasil. "Mas independência não é somente independência política, é acima de tudo independência mental e independência moral".

Outra informação nos revela Mário da Silva Brito (1971), considerado um dos maiores especialistas em modernismo brasileiro, ao relatar que Victor Brecheret, antes de partir para a Europa, em 1921, deixou trabalhos a serem expostos numa manifestação de arte moderna que seus amigos planejavam.

Desde 1920, os jovens modernistas escrevem ativamente na imprensa, espaço utilizado para polemizar com os academicistas e divulgar suas idéias. Além de Helios e Plínio Salgado, no Correio Paulistano, e Oswald, no Jornal do Commércio, Mário de Andrade também publica no Jornal do Commércio a famosa série de artigos intitulada "Mestres do Passado", criticando a "literatura passadista" e causando grande celeuma. Reneé Thiollier é o diretor deste jornal e participa do comitê organizador da Semana de Arte Moderna, usando sua influência para obter patrocínio do governo.

Um ponto que havia desafiado esta pesquisadora durante a elaboração do projeto desta pesquisa foi o de descobrir a verdadeira identidade de Hélios (anexo S). Quem seria ele? Um jornalista tão à frente de seu tempo? E por que o Correio Paulistano fora capaz de assumir postura contrária a toda a imprensa conservadora da qual ele próprio fazia parte? Como se comportaram os barões do café, que mandavam na política e no Correio Paulistano, mediante tais matérias?

Numa pesquisa minuciosa pelas páginas do Correio Paulistano identificamos Helios assinando a coluna Chronica Social também por M. e, outras vezes, publicando textos, mesmo que fora do espaço da coluna, com a assinatura

<sup>&</sup>lt;sup>40</sup> Alusão aos *camelots du roi* (jornaleiros do rei, em francês), no caso, reacionários. Jornal do

completa: *Menotti del Picchia*. Os autores Mário da Silva Brito (1971) e Francisco Alambert (1992) confirmam que Helios era realmente ninguém menos do que o escritor e ensaísta Menotti del Picchia - um ativo participante do movimento modernista e da Semana de Arte Moderna!

Uma pista reveladora, mas um tanto quanto desanimadora, afinal outros modernistas escreviam regularmente nos jornais. Num tempo em que literatura e jornalismo viviam um casamento cheio de paixão e amizade, a maioria dos modernistas, pelo menos os ligados à literatura, conquistaram espaço cativo na imprensa. E a pergunta permanecia: por que apenas ele se manifestava favoravelmente à nova arte na grande imprensa?

Menotti del Picchia, quando articulista do <u>Correio Paulistano</u>, já é um nome nacional, celebridade aprovada pela aceitação de seus livros, como *Juca Mulato*, e se torna o porta-voz público dos modernistas. Transmite aos jornais o pensamento do grupo, defende todas as inovações, dá notícias dos planos de seus companheiros. Um ano antes da Semana de Arte Moderna os renovadores estão no auge da polêmica e até já aceitam a classificação de "futuristas". "Fazem mais: passam a impor a palavra, dividem o terreno entre os que os acompanham e os que os combatem. Agora somente há futuristas e antifuturistas". (BRITO, 1971, p. 132). O autor acrescenta que os "modernos" são encaixados por seus opositores a qualquer custo no grupo de futuristas, uma vez que o termo passou a designar tudo o que lhes pareça "diferente ou inusitado" (p. 161). "É necessário somente que o artista se afaste um milímetro dos padrões convencionais vigentes" (p. 162).

Menotti, às vezes, referia-se de modo irônico ao Futurismo de Marinetti e seus adeptos, mas, ao final de 1920, a ele adere completamente. A seguir um trecho de um texto do articulista:

#### "Futurismo"

"Que é futurismo? Aí está um nome pavoroso, que arrepia a pele ao conservador pacífico, bolchevismo estético, agressivo e iconoclasta, lembrando um camartelo sonoro a estilhaçar a espinha vertebral da ordem e do bom senso. [...] Eu, que fui um encruado perseguidor desses revoltados, só em ouvir o nome de Marinetti sentia ânsias de estrangulamento e minhas mãos crispavam-se como tenazes. [...] Hoje, amansei minhas cóleras. Sem admitir-lhe as loucuras, sem aplaudir-lhe as aberrações, admirei-lhe as belezas. [...] Como se vê isso não é um bicho de sete cabeças, que nos pintaram os primeiros e barulhentos futuristas. É uma coisa séria, raciocinada, honesta...

(Correio Paulistano. "Futurismo". Helios - 06/12/1920)



Num artigo intitulado "Uma palestra de arte", Menotti del Picchia desculpa-se por não ter defendido Anita Malfatti na ocasião de sua exposição de pinturas (1917). "Confessa ter caído no visgo de Lobato e, preso por ele, ter julgado com o critério do articulista, toda a arte da autora de *O Homem Amarelo*". (BRITO, 1971, p. 66)

#### "Uma palestra de arte"

Não vi a primeira exposição de Malfatti; não posso, pois, julgar se nessa ocasião lhe cabia a descalçadeira; entretanto, a que hoje se apresenta me leva à convicção firme de que, por mais bizarras que fossem suas obras, não poderiam ser ausentes de qualidades e sérias virtudes. Lobato me parece cruel e exagerado na formidável catilinária que pespegou na nossa brilhante patrícia. Anita é uma mulher singular que, quando não tivesse outro mérito, teria o de haver rompido, com audácia de arte independente e nova, a nossa sonolência de retardatários e paralíticos da pintura. Aqui fica, apagada e rouca, minha palavra de penitência e defesa; digo-a por um dever de honestidade e de justiça, porque essa arte, por sugestão e por mal conhecê-la, eu também, como muitos, berradamente a neguei.

(Correio Paulistano. "Uma palestra de arte". Helios - 19/11/1920)



Figura 25: "O Homem Amarelo".



Figura 26: Anita Malfatti, foto de 1912.

Tal polêmica não ocorreu com a exposição do pintor russo Lasar Segall, realizada em 1913<sup>41</sup>, aprovada por toda a imprensa, inclusive pelo <u>Correio</u> Paulistano.

## "Exposição Lasar Segall"

Às quatro horas da tarde de hoje, no salão da Rua de São Bento, 85, acontece o vernissage da exposição do jovem pintor – Lasar Segall. Amanhã, às três horas, com a presença do representante do Sr. Presidente do Estado, secretários, cônsules, artistas e imprensa, realizar-se-á a inauguração.

A exposição, estamos certos, fará sucesso em São Paulo, pois trata-se de um artista de uma muito interessante técnica, ainda quase não conhecido em nosso meio, e que possui indubitavelmente qualidades que se afirmam promissoramente, permitindo que se possa julgá-lo um artista de futuro. Limitamo-nos, assim, a noticiar a inauguração, reservando-nos para mais devagar dizer sobre o valor do pintor russo, que ora nos visita".

(Correio Paulistano. Registro de Arte. "Exposição Lasar Segall". Helios - 01/03/1913)



Figura 27: "A família enferma", obra de 1920.

Figura 28: Lasar Segall.

4

<sup>&</sup>lt;sup>41</sup> Houve muita discussão sobre quem teria inserido a arte moderna no Brasil, se Lasar ou Anita. Para Mário de Andrade, por exemplo, o russo teve apenas a primazia cronológica sendo que a engenhosidade da inovação coube à Anita.

Menotti também participou do lançamento público do nome de Vitor Brecheret ao publicar artigos sobre o escultor no Correio Paulistano. O primeiro deles, intitulouse "Arte Nova" e data de janeiro de 1920. Ao longo de dois anos foram inúmeras as publicações assinadas por Menotti que exaltavam o escultor do Monumento às Bandeiras (a escultura está assentada em frente ao Parque do Ibirapuera/São Paulo). No final deste ano, ele também publica uma série de artigos que sugeriam a Monteiro Lobato que se penitenciasse pela severa crítica à Anita Malfatti, o que jamais acontecera. Lobato, entretanto, a essa época, já admitia a necessidade de rompimento com o "autoritarismo clássico" e foi bastante benevolente com a obra de Brecheret.

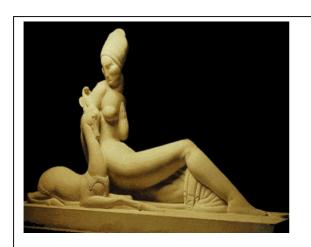


Figura 29: Escultura de Brecheret "Diana".

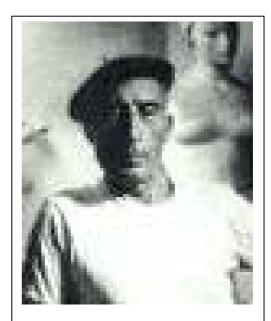


Figura 30: Vitor Brecheret, autor do famoso "Monumento às Bandeiras".

Sobre o êxito de Brecheret num concurso realizado em Paris entre quatro mil concorrentes de todo o mundo, Menotti escreve:

#### "Brecheret"

## Essa vitória dá o que pensar. Pelo menos dá que pensar nisto:

- 1º) que há muitos cérebros atrasados entre nós.
- 2º) que estes cérebros representam a maioria.
- 3º) que em matéria de arte estamos nos tempos da pedra lascada.
- 4°) que há um pequeno grupo, o tal caluniado grupo "futurista", que parece enxergar mais do que os outros.
- 5°) que o nosso governo sem pertencer a esse grupo sabe fazer justiça aos artistas de valor.

(Correio Paulistano. "Brecheret". Helios – 14/06/1921)

Nem precisaríamos lembrar que o quinto item foi incluído porque Menotti era governista, sendo redator político do <u>Correio Paulistano</u>, a época ainda órgão oficial do PRP. As crônicas de Menotti também se ocupavam de uma forte preocupação com o excessivo nacionalismo sustentado pelo lema "o Brasil é dos brasileiros". Em maio de 1920, sob o título "Nacionalismo Perigoso", ele pergunta em que sentido se usava a palavra *brasileiro*. "Em São Paulo, por exemplo, são brasileiros e eminentemente patriotas, prontos a morrer pela nossa terra, todos os filhos de estrangeiros que nasceram por aqui. E, note-se, não são poucos…".

São incontáveis os artigos de Menotti que causam celeuma e lançam no calor das discussões pela imprensa os nomes dos modernistas. É no <u>Correio Paulistano</u> que ele reproduz um trecho do romance "Os Condenados", de Oswald de Andrade, acrescentando tratar-se de "uma de nossas mais belas revelações".

Nesta edição, sobre Oswald, ele publica:

#### "Oswald de Andrade"

A glória incubada de Oswald de Andrade refulgia, cegante até ontem, apenas nas rodas de seus íntimos. Residia, inédita, na sua formidável obra – das maiores que tenho notícia – em páginas de sangue e de lágrimas, reveladoras de uma das nossas mais agudas e ressonantes sensibilidades.

(Correio Paulistano. "Oswald de Andrade". Helios – 21/04/1921)

É ele também quem revela a poesia de Agenor Barbosa (cfme. Brito, 1971, p. 216), afirmando que o autor é certamente "entre os novos de São Paulo, dos maiores poetas, dos mais atuais, dos mais sentidos... avanguardista, bandeirante do credo novo". E publica várias poesias de Agenor em seguidas edições. Outros artigos escritos por ele e publicados na revista *Papel e Tinta*, que dirigia juntamente com Oswald de Andrade, davam conta de um Brasil que tinha "uma função social no mundo do pós-guerra" e pregavam uma idéia bastante lisonjeira, otimista mesmo com relação ao futuro do país.

Ainda no ano de 1921, Menotti participa de um banquete oferecido em sua homenagem. Oswald é o escolhido para discursar em prol do amigo. Em seguida, Menotti publica no artigo "Na maré das reformas", uma lista de princípios que norteariam os artistas modernos. Mesmo com tanto barulho, o grande acontecimento deste ano envolveu outros pilares do modernismo e foi o lançamento por Oswald de Andrade da poesia de Mário de Andrade no *Jornal do Commércio*. Este passou verdadeiras agruras pela notoriedade ganha depois do artigo de Oswald "O meu poeta futurista", mas o fato é que depois disto Mário passou a exercer liderança no

grupo, juntamente com Oswald e Menotti. A série de artigos "Mestres do Passado" faz com que os parnasianos fervam de raiva e os modernistas ardam em alegria!

Afinal, quem são os modernistas que se preparam para a Semana de Arte Moderna? Os poetas são Mário, Menotti, Guilherme de Almeida, Agenor Barbosa e Plínio Salgado. Oswald e ainda Menotti são romancistas. Na crítica, sustentando a polêmica estão Mário, Oswald, Menotti, Cândido Mota Filho e Sérgio Milliet. A pintura tem como expoentes Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Vicente do Rego Monteiro e John Graz. Vitor Brecheret é o grande nome da escultura. Armando Pamplona prefere cinema. Antonio Moya é o arquiteto. Sobre ele, escreve Menotti:

## "Um arquiteto"

[...] mas sua tortura de criar desborda, ansiosa, de fato, no desejo iluminado da criação nova, dando então aos seus projetos um alto senso subjetivo, fazendo que se reflita nos blocos do conjunto, nos detalhes mínimos, a significação do prédio, dando-lhe assim uma alma, um sentido que se percebe pela impressão que a mó arquitetônica nos causa...

(Correio Paulistano. "Um arquiteto". Helios – 20/07/1921)

Os nomes citados são alguns dos principais que encenariam a Semana de Arte Moderna, chamados por Mário de Andrade por "Dragões do Centenário". É também numa crônica de Menotti, através do <u>Correio Paulistano</u>, que o nome de Graça Aranha aparece pela primeira vez ligado aos modernistas. Ele publica, ainda, em outubro de 1921, um extenso artigo intitulado "A bandeira futurista", no qual

relata a viagem de Oswald, Mário e Armando Pamplona ao Rio de Janeiro para arregimentar novos companheiros.

#### "A bandeira futurista"

[...] Anteontem partiu para o Rio a primeira bandeira futurista. Mário Moraes de Andrade – o papa do novo credo – Oswald de Andrade, o bispo, e Armando Pamplona, o apóstolo, foram arrostar o perigo de todas as lanças, morriões, guantes, lorigas, inclusive murzelos e rocinantes, do parnasianismo ainda vitorioso na terra do defunto Sr. Estácio de Sá. Bela coragem! Eu, que sou também bandeirante desse grupo galhardo, sigo-os com os olhos cheios de amor, inveja e susto... A façanha é ousada!...

(Correio Paulistano. "A bandeira futurista". Helios – 22/10/1921)

No Rio de Janeiro há um grupo de peso, embora até então não organizado, a se juntar aos modernistas, também defendendo suas idéias pelos jornais: Manuel Bandeira, Renato de Almeida, Villa-Lobos (já reconhecido), o poeta e crítico Ronald de Carvalho, Ribeiro Couto, Álvaro Moreira e o futuro historiador Sérgio Buarque de Holanda. Os dois últimos e Sérgio Milliet, Guilherme de Almeida, Paulo Prado, além do próprio Oswald, colaboram nas páginas de *A Cigarra*, a maior revista da época em São Paulo, ao lado de medalhões "passadistas" como Coelho Neto, Olavo Bilac, Monteiro Lobato, Vicente de Carvalho e Osório Duque Estrada. Já não disputavam espaço, ganharam-no.

Em novembro de 1921, Menotti continua sua saga e escreve no artigo "A vitória de um patrício", também publicado no Correio Paulistano, que "Brecheret é a

grande vitória do futurismo paulistano. É a consagração do grupo novo. É a morte da velharia, do arcaísmo, do mau gosto. É o triunfo da mocidade de Piratininga, que é a mais bela e a mais forte de nossa querida Pátria!"

Na edição especial do 95º aniversário do <u>Correio Paulistano</u> (ler no capítulo I, o item 1.3.1) publica-se a declaração de Oswald de Andrade que destaca o importante apoio do jornal não só na cobertura do evento, mas também ao grupo "antropofagista", "Anita", "verde-amarelista", que foram liderados por Cassiano Ricardo e Plínio Salgado, ex-redatores **(anexos T, U e V)**.



Figura 31: A imprensa na década de 1920.



Figura 32: Comissão organizadora da Semana de 22: (esq. p/dir - cima p/baixo). Pettinati, jornalista italiano, um anônimo, Renée Thiollier, Manuel Bandeira, Afonso Schmidt, Paulo Prado, Graça Aranha, Manoel Vilaboin, Goffredo da Silva Telles, Couto de Barros, Mário de Andrade, Cândido Mota Filho. Sentados: Rubens Borba de Morais, Luís Aranha, Tácito de Almeida, Oswald de Andrade.

## 3.3 Debates pela imprensa: modernistas são defendidos na "Chronica Social", coluna de Menotti Del Picchia

"Seremos lidíssimos! Insultadíssimos! Celebérrimos.

Teremos nossos nomes eternizados nos jornais e na História da Arte

**Brasileira.**" (Trecho de uma carta de Mário de Andrade a Menotti del Picchia, publicada no Correio Paulistano em 23/02/1922)

"Carroceiro hespanhol cai do vehiculo"; "bancário prensado no bonde por carroça no Largo do Arouche". Há mais, bem mais do que notas como estas, hoje curiosas, no Correio Paulistano em fevereiro de 1922. O jornal coloca seu último facho de luz sobre um acontecimento à frente de sua época e "fura" (como se diz no jargão jornalístico) importantes concorrentes como O Estado de São Paulo, o Diário Popular, a A Gazeta, o Jornal do Commércio e a Folha da Noite<sup>42</sup>. Tal ocorre numa época em que ele permanecia órgão oficial do tradicionalista Partido Republicano Paulista (PRP) e a República brasileira era dominada pelos mesmos barões do café imperiais.

Alguns autores chegam a chamar o Correio Paulistano de órgão oficial dos modernistas, tal o apoio dado ao movimento, particularmente, à Semana de Arte

Paulo, em 1960.

-

 <sup>&</sup>lt;sup>42</sup> - O *Diário Popular* foi comprado pelo *O Globo* em 2002 e rebatizado como *Diário de São Paulo*,
 que atualmente publica um encarte com o antigo nome (não foi utilizado como fonte nesta pesquisa).
 A *A Gazeta* comemorou o centenário da marca em 2006, vinculada ao Grupo Gazeta, mas não circula mais. O *Jornal do Commércio* ainda circula em quatro grandes capitais, incluindo São Paulo e Rio. A
 Folha da Noite, junto com a Folha da Manhã e a Folha da Tarde formariam o jornal *Folha de São*

Moderna, ocorrida nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922. Esta afirmação, entretanto, não é verdadeira, visto que o <u>Correio Paulistano</u> constituía-se num jornal diário, "independente", à época da Semana de Arte Moderna contava já com 68 anos de fundação. Oficiais mesmo foram as várias revistas surgidas ao longo do movimento em todo o país, em especial a "Klaxon" (maio de 1922), lançada na esteira do sucesso do evento, mas que edita apenas oito números **(figura 34)**.



Figura 33: Catálogo da exposição da Semana de Arte Moderna.

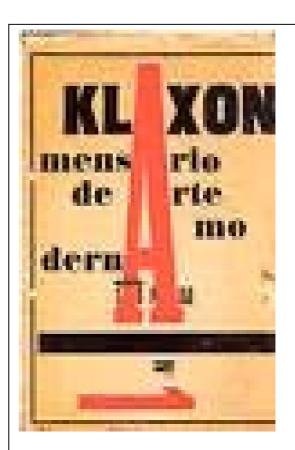


Figura 34: Capa da Revista Klaxon, nº 01, de 15/05/1922, lançada na seqüência da Semana de 22.

Em comparação com matérias publicadas pelos demais grandes jornais que cobriram a Semana de Arte Moderna, a postura do <u>Correio Paulistano</u> foi completamente diferenciada. O *Estadão* chama os modernistas de "horda de

bárbaros" e publica a seguinte nota: "as colunas da Secção Livre deste jornal estão à disposição de todos aqueles que, atacando a Semana de Arte Moderna, defendam nosso patrimônio artístico".

Não fez diferente Assis Chateaubriand nos *Diários Associados*<sup>43</sup>. Segundo nos relata Morais (1994), quando *Chatô* foi procurado pelos escritores Alcântara Machado e Graça Aranha e pelo deputado Vilaboin para abrir espaço em seus jornais para a cobertura da Semana de Arte Moderna, disse que o evento não ia abalar coisa alguma, seria no máximo "uma semana de secos e molhados". Ele não queria se indispor com barões do café, magnatas da indústria, conservadores e todos os tipos que bajulava para enriquecer e fazer crescer meteoricamente sua cadeia de jornais. *Chatô* alegou, ainda de acordo com Morais, que jamais encontraria ouro andando atrás de "um bando de desocupados que pretendem escandalizar exatamente o mercado a que se dirige o meu sonhado jornal". Somente três anos depois da Semana de Arte Moderna, Chateaubriand escreveria que só mesmo a metrópole de Francisco Matarazzo e Pereira Ignácio poderia demonstrar tal entusiasmo pela arte moderna e construiria museus para acolher a expressão artística antes tão atacada...

\_

<sup>&</sup>lt;sup>43</sup> Os Diários Associados foram uma das maiores cadeias jornalísticas brasileiras. Dirigida por Assis Chateaubriand, o Chatô, lançara, entre outros, o Diário de São Paulo, em 1925, a TV Tupi e a revista O Cruzeiro. Atualmente, o grupo ainda detém importantes marcas em todo o país, como o Jornal do Commércio do Rio, Diário de Pernambuco, Correio Braziliense, Estado de Minas, além de rádios e tvs.

Também o Jornal do Commércio faz coro com a turma do contra:

#### "Enterro dos Vivos"

A Semana de Arte Moderna está para acabar. É pena porque, com franqueza, se do ponto de vista artístico aquilo representa o definitivo fracasso da escola futurista, como divertimento foi insuperável. Acredito que estejam satisfeitos os organizadores dessa desopilante hebdômada precursora do Carnaval, visto como indiscutivelmente conseguiram realizar a melhor parte de seu programa: fazem barulho provocando escândalo em nosso meio. Bem analisado, uma porção desses talentosos cavalheiros, que com sua brincadeira transmitiram ao nosso Municipal emoções semelhantes às que deve ter experimentado por ocasião do terremoto, estariam incluídos em uma corrente que, aliás, não é uma novidade em estética, sendo ao contrário, conhecida em todos os tempos: a dos ruidistas.

Receio, no entanto, que o escarcéu provocado pelo movimento futurista tenha ultrapassado a expectativa de seus autores. Assim também, muitas piadas que se originaram, em virtude deste cataclismo, tendo embora alguma graça, ofendem. Ouvi, por exemplo, da boca de uma senhora inteligente que, de resto, falava com a maior naturalidade: "Desculpa-se. São umas crianças que estão fazendo arte." Um outro — original e mais perverso — afirmava que o Sr. Graça Aranha persistia em fazer mal às artes.

Houve quem asseverasse que, de tudo quanto está exposto, como obra futurista, o melhor é o Jejuador Urbano, o qual, em época em que há tendência para comer, adota um critério diametralmente oposto, tornando-o quase inédito.

Esta, sim, é a verdadeira escola do futurismo, pois fornece ao homem um meio tão eficaz para lutar contra a crescente carestia da vida. A verdade, portanto, consiste para mim em que o paciente jejuador "no seu confortável caixão, pode considerar-se um futurista *enfoncé*".

(Jornal do Commércio. São Paulo. "Enterro dos Vivos" - 18.02.1922)

Antes do Jornal do Commércio, a A Gazeta já publicara:

Um grupo de distintos cavalheiros da nossa sociedade vai tentar a organização de um sarau futurista que será, sem dúvida, o maior escândalo artístico de que se tem notícia, em São Paulo. Cogitam de reunir pintores, escultores, músicos, poetas, enfim, todos os artistas "futuristas", para, no Teatro Municipal, em exposições e conferências com um programa cuja duração será de uma semana, fazerem a propaganda da nova escola artística. Ao que nos parece, esse fato vai provocar enorme sensação, visto que essa plêiade de rapazes compreende a arte futura de uma maneira bastante revolucionária para poder agradar ao nosso público. O futurismo é, entre nós, a fantasia mais gostosa possível em arte, é a extravagância elevada a impertinentes exageros e tem provocado a mais sincera reprovação. Na Itália, Marinetti, o arrojado propagandista deste gênero de arte nova, teve o desprazer de se fazer vaiar, nas tentativas que realizou; suas conferências terminavam, invariavelmente, em verdadeiras assuadas.

Nós, que pensamos que a grande arte deve ser compreendida por todos, esperamos, cheios de curiosidade, a realização desse certame e prometemos, desde já, a nossa crítica severa contra a iniciativa.

(A Gazeta. São Paulo – 30/01/1922)

No dia seguinte, a *A Gazeta* continua sua campanha contrária aos modernistas (observar o pseudônimo que assina o texto):

## "Os 12 Apóstolos"

O mês de fevereiro do ano do Centenário prepara-se, com trejeitos e disfarces carnavalescos, para se tornar memorável nos meios literários e artísticos do país. Doze cavalheiros – 12, como os apóstolos que

acompanharam o melancólico rabino da Galiléia -, enfartados de velhas manifestações de arte, sequiosos de novidades e de novos ideais artísticos, irão pregar, entre a algazarra com que se festeja Momo e os preparativos da próxima eleição, o grande Verbo, revelador da Suprema Verdade. São Paulo, diante da revelação suprema, tremerá em seus alicerces.

Homens de boas intenções, os doze apóstolos, armados de bisturis, esvurmarão as mazelas da literatura e da arte. Diante do brilho de seu estilo e das verdades que serão ditas, ruirá por terra todo o edifício levantado pelas gerações anteriores, e os representantes da velha arte, transidos de medo e de vergonha, correrão, pressurosos e tímidos, a pedir esmola de um pouco de talento. [...] Os 12 Apóstolos são, porém, humanos. Mais tarde, movidos pela piedade, postos de lado os ressentimentos de peleja, enferrujadas as armas de combate, os primeiros de um largo gesto de generosidade e filantropia, darão um pouco de seu talento aos que não o tem e fabricarão a personalidade para todas as Madalenas arrependidas. Então, já estarão práticos neste mister, prática adquirida, agora exercitando-se com seus prosélitos. [...] E, depois, venham dizer que o futurismo é uma coisa séria, coisa, aliás, em que nem os seus próprios apologistas acreditam. Em todo o caso, aguardaremos os acontecimentos e regozijemonos com as novidades com que vai ser enriquecido o Carnaval de 1922 com a Semana Futurista.

(A Gazeta. São Paulo. Nota de Arte. "Os 12 Apóstolos". Cândido – 31/01/1922)<sup>44</sup>

A Folha da Noite, após o primeiro dia de apresentações, bate com golpes fatais:

O fato de terem sido muito anunciados despertou muita curiosidade, sobretudo porque se esperava ouvir nestes festivais coisas apavorantes, nunca ditas, nunca ouvidas nem sequer imaginadas. Os próprios

\_

<sup>&</sup>lt;sup>44</sup> Segundo Neide Rezende (1993) Cândido seria o próprio Mário de Andrade. A questão é melhor abordada na continuidade do texto.

promotores da Semana propiciavam que iam fazer revelações espantosas, estupidificantes. Pois nada disso. Concorria para isso certo ar misterioso, revolucionário, que aparecia nas crônicas de um ou outro modernista dessa capital. Mas estes "reformadores" passaram a gozar da reputação de idiotas.

Mas, entre as idéias dos reformadores e dos pretensos artistas, há um abismo profundíssimo... "são frutos verdes de espíritos cretinos" (alusão à crônica de Villa-Lobos, de quem disseram ter o olhar de quem sabe amar os homens)... Villa-Lobos é grande compositor e possui um temperamento artístico excepcional. Ao engano de apreciação, essas tendências estariam melhor num capítulo de psicopatologia. Com tudo isso, formou-se em torno da Semana de Arte Moderna uma atmosfera injustificável. Os ideais estéticos propostos pelo Sr. Graça Aranha e por Ronald de Carvalho representaram um esforço honesto e uma grande iniciativa.

Mas, isso, de homem que sabe amar homem, isto estamos plenamente convencidos, isto é desonesto...

(Folha da Noite. São Paulo – 14/02/1922)

E no dia seguinte, críticas ainda mais severas (devido ao artigo ser excepcionalmente longo vamos reproduzi-lo somente em parte. Trata-se de um dos poucos que foram assinados pelos seus respectivos autores):

#### "A Teratologia Futurista"

Não é só um problema de estética, mas deve ser estudado como fenômeno de patologia mental. Todas as extravagâncias do futurismo originam-se de um verdadeiro estado de espírito mórbido. O desejo incontido de "chamar a atenção" e a ingenuidade de certos espíritos desprovidos de qualquer preparo, o desequilíbrio de alguns cérebros e o

verdor da mocidade são os principais motivos e o que caracteriza os adeptos desta escola.

Futurismo e Teratologia são expressões sinônimas. Os espíritos fracos que por incapacidade mental não alcançaram o verdadeiro sentido da arte e atingiram a espiritualidade dos grandes gênios atiram-se ao futurismo na ilusão de serem "incompreendidos", pois todo futurista se julga um gênio iludido pela pretensa vaidade.

Qualquer um deles se julga superior a um Shakespeare, Goethe, etc [...], no entanto, no fundo, grande número de futuristas é cabotino, sem consciência de seus atos e, atendendo a um desejo de exibição, confiantes de que, por se dizerem futuristas, atingiram a glória. [...] Todas as artes são subvertidas às contorções mais horrorosas. É o domínio da aberração...

(Folha da Noite. São Paulo. "A Teratologia Futurista". Mário Pinto Serva – 15/02/1922)

Ainda na Folha da Noite encontramos a seguinte publicação:

Foi, como se esperava, um notável fracasso, a récita de ontem da pomposa Semana de Arte Moderna, que melhor e mais acertadamente deveria chamar-se Semana de Mal – às artes. O futurismo tão decantado não é positivamente de futuro... No presente, diante da ignorância de tal semana por parte da sonolenta sociedade, ainda é possível que dê alguma coisa; depois, porém, de conhecer a droga, ninguém penetrará a botica em que foi transformado o Municipal, agora muito em voga com o caso do Sr. Nilo, que foi representado pelo poderio dos futuristas... Mas, no recital cabotiníssimo de ontem, tudo foi derrocado ou quase tudo. Pondo-se de parte a nossa excepcional patrícia, quem interpretou sob protestos, aliás, trechos do pré-homem, o resto foi um atestado eloqüente e incisivo da morbidez teratológica de que nos falou ontem Pinto Serva.

A sonolenta sociedade paulista foi sacudida duas vezes do seu torpor de atraso: uma, para vibrar com Guiomar Novaes, e outra, com mais intensidade ainda, quando soube repelir o cabotinismo.

124

De tudo quanto vimos e observamos do tal futurismo, metidos sempre no nosso atraso mental, deduzimos que os modernistas possuem uma coisa: topete, muito topete, e tanto assim que já se anuncia para amanhã mais uma exibição teratologista.

(Folha da Noite. São Paulo - 16/02/1922)

A saraivada de ofensas, humilhações e vexações públicas aos artistas da Semana de Arte Moderna não teve limite. Estas matérias e trechos de matérias de jornais da época são apenas algumas evidências. Uma delas, contudo, também deixa claro que os jornais falavam sobre um movimento revolucionário, ainda que sem poder avaliar o vanguardismo do acontecimento e seus desdobramentos, apontando que aquele momento entraria definitivamente para a história da arte, da cultura e da própria cidade em expansão.

Tal evidência está na *Folha da Noite*, em 27 de fevereiro de 1922: "de todos os pontos do interior e até do Rio de Janeiro chegam notícias do efeito que produziu nas rodas intelectuais e acadêmicas o fragoroso fiasco dos revolucionários bolchevistas da celebérrima Semana...".

Em O Estado de São Paulo encontramos na secção de cartas:

Ex.mos Srs. Membros do Comitê Patrocinador da Semana de Arte Moderna – Saudações

Em virtude do caráter bastante exclusivista e intolerante que assumiu a 1ª festa de Arte Moderna realizada à noite de 13, no Teatro Municipal, em relação às demais escolas de música das quais sou intérprete e admiradora, não posso deixar de aqui declarar o meu desacordo com este modo de pensar.

Senti-me sinceramente contristada com a pública exibição de peças satíricas alusivas à música de Chopin. Admiro e respeito as grandes manifestações de arte independente das escolas a que elas se filiam, e foi de acordo com este meu modo de pensar que, acedendo ao convite que me foi feito, tomarei parte num dos festivais de Arte Moderna.

Com toda consideração, Guiomar Novaes.

(O Estado de São Paulo - 15/02/1922)

No Correio Paulistano o tom era outro. Duas colunas tratavam dos assuntos de arte e cultura: A Chronica Social e a Registro de Arte. A primeira trazia os artigos mais completos e era assinada por Menotti del Picchia (Helios). Ainda assim, referências à Semana de Arte Moderna propriamente somente foram encontradas quase às vésperas do evento. Apesar deste burburinho de dois anos de preparativos para a Semana de 22, ou melhor dizendo de debates das idéias modernistas contra as consideradas passadistas, analisando as edições do ano de 1921, encontramos na de primeiro de janeiro, na coluna Chronica Social, costumeiramente publicada na página 04, uma brevíssima referência ao evento de comemoração ao Centenário da Independência. Menotti publica um texto exaltando os dramas da vida com o título "Acto de Apotheose", mas não faz referência ao desejo dos artistas de unir a realização da Semana de Arte Moderna ao Centenário. Os demais títulos das matérias da coluna são "núpcias", "necrologia" e "formaturas". As propagandas vendem licores Matarazzo e divulgam o Hotel Victoria. Donde concluímos que há artigos sobre o modernismo e os modernistas ao longo de todo o ano de 1921, mas não há referências no Correio Paulistano quanto ao planejamento de uma Semana de Arte Moderna nos moldes como se realizou o evento.

A edição nº 21.011, de 01/01/1922, tem 10 páginas e textos corridos em 8 colunas. As fotos (clichês) aparecem em uma ou outra página, mas somente em matérias sobre assuntos governamentais ou internacionais. Também não faz referências à Semana de Arte Moderna, mas nos chamou a atenção. Neste momento, a redação está localizada na Praça Antonio Prado. O "lança-perfume Pierrot. O melhor de todos. Com venda na Rua São Bento" é a principal propaganda. As reportagens dão conta de assassinatos de esposas por maridos com a honra enxovalhada e acrescentam: "situação communissima, portanto, nesses tempos de desbragada depravação moral". Não pudemos deixar de observar na mesma edição, uma notícia em que a mulher é a assassina do marido, neste caso, porém, ela é tratada por alguém com gênio irascível e nada se fala sobre honra.

Na edição de 21/01/1922 nossa atenção foi despertada pelo título "Acontecimento Sensacional" e esperávamos ali encontrar a primeira notícia sobre a Semana de Arte Moderna. A matéria tratava, contudo, de um incêndio ocorrido na Casa Mappin (uma tradicional loja localizada por muitos anos no centro antigo de São Paulo, depois falida). O Centenário é anunciado, mas ainda não há nenhuma referência ao evento modernista, portanto, também ao longo de todo o mês de janeiro do ano da Semana de Arte Moderna, à exceção de uma mínima nota publicada em 29/01/1922 anunciando o futuro acontecimento. Continuamos nossa procura e já em 06/02/1922, praticamente a uma semana do evento modernista, a principal notícia dá conta de um noivo que atira na noiva e tenta o suicídio porque foi surpreendido com ela dentro de um hotel.

Segundo Brito (1971, p. 175), "a Semana de Arte Moderna pode ter sido idealizada às suas vésperas. Alguém pode ter sugerido sua realização como um espetáculo marcante, embora o desejo de concretizar algo culturalmente significativo

viesse de longe". A incansável procura nas microfilmagens ganha alento no dia seguinte. Observem que encontramos a primeira referência importante<sup>45</sup> ao evento a apenas uma semana da estréia no Teatro Municipal. Na *Chronica Social*, publicada desta vez na página 05, o título:

## "Semana de Arte Moderna" (anexo X)

Os "futuristas", estes endiabrados e protervos futuristas de São Paulo, escola mental da nossa gloriosa terra de avanguardistas - vão realizar umas esplêndidas noitadas de arte durante a semana próxima (não especifica ainda a data). Será uma semana histórica na vida literária do país. A sua frente estão nossos consagrados, aplaudidos em todo o país, como Graça Aranha, Guiomar Novaes, Brecheret, Ronald de Carvalho, Villa-Lobos, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, uma dezena de outros, dos quais o mais nanico, o mais opaco, o mais insignificante é Helios. (O trecho a seguir foi lido com lupa e compreendido pelo contexto, pois determinadas palavras estavam praticamente apagadas). Pelo lado social... a Semana de Arte Moderna...será o maior acontecimento da temporada...reunindo a fidalguia de figuras tradicionais como Paulo Prado, "Omar Rodrigues Aires", Reneé Thioller e outros de veia aristocrática. Como se vê o "futurismo paulista", que a horda nacionalista andou... deverá acontecer no teatro máximo da cidade.

São Paulo no mundo do pensamento, como em todos os ramos da criatividade humana é ainda o Estado que dá nota e dita o figurino no país.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>45</sup> Em torno de dezembro de 1917 há referências no Correio Paulistano à obra de Anita Malfatti, destacando que ela "se distanciava consideravelmente dos métodos clássicos". É deste ano o artigo publicado no Estadão em que Monteiro Lobato a critica severamente, mas, a partir daí, a "má" fama da pintora congrega em torno dela muitos dos artistas que mais tarde promoveriam a Semana de Arte Moderna. Nos anos de 1920 e 1921 há artigos sobre artistas modernistas, conforme já inseridos no trabalho, porém, sem referências à Semana de Arte Moderna especificamente.

É na sua terra miraculosa e fecunda que todas as tentativas andazes encontram apoio e florescem. Este gesto de aliança entre a escola social paulista e seu esco mental é o gesto mais belo para a afirmação de sua alta estatura e segurança absoluta do seu predomínio espiritual em todo país.

Eu que sempre me bati encarniçadamente pelo triunfo do "futurismo paulista" registro o sensacional acontecimento comovido e jubiloso. Há um pouco do meu... esforço. A essa vitória da justa causa. Oxalá os outros se contaminem das nossas idéias e se incorporem na geração nova futurista, acabando-se de vez com as velhas vestes que adoram o deus parnasiano que já morreu.

(Correio Paulistano. Chronica Social. "Semana de Arte Moderna". Helios - 07/02/1922)

Depois de um silêncio de quatro dias, no sábado, a dois dias da estréia, a Chronica Social publica:

#### "Semana de Arte Moderna"

São Paulo – berço de um futurismo social, industrial, econômico – é o berço do futurismo cultural. (Seguem-se dezenas de linhas quase ilegíveis que, pelo contexto, exaltam São Paulo). [...] Daí surgiu em São Paulo um futurismo artístico tão sadio tão moderno... como o mais evoluído de todo o resto do mundo. Prova disso, vai estar no municipal na próxima semana, um grupo de artistas prepara uma curta temporada de Arte Moderna: escritores, poetas, pintores, músicos, escultores.

Será um grande acontecimento para a vida mental e uma festa de grande repercussão para São Paulo, porquanto a ela estão ligados os nomes dos mais genuínos representantes da mais fina aristocracia paulista.

(Correio Paulistano. Chronica Social. "Semana de Arte Moderna". Helios - 11/02/1922)

É domingo, 12/02/1922, a Semana de Arte Moderna será aberta no dia seguinte:

## "Futurismo no Municipal"

O futurismo nacional, filho legítimo de São Paulo, vai ter sua consagração, em São Paulo. Pela primeira vez ninguém foi profeta em seu país. Quando pelos jornais Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Helios iniciaram com grande celeuma e escândalo sua batalha contra os parnasianos, ninguém supunha que a vitória integral do futurismo paulistano surgisse tão rapidamente. A chegada ao Brasil de Graça Aranha – um grande nome nacional – sua atuação incansável, seu admirável esforço, deram ao movimento paulista um privilégio definitivo: era a aliança da mocidade vanguardista com o que havia de mais representativo e de valor na mentalidade consagrada do Brasil.

A bandeira futurista partida para o Rio, em que Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Armando Pamplona foram os Anhanguera, os Borba Gato, Amadores Bueno da nova estrada, conquistou para a causa, e o campo de atuação do futurismo paulistano alargou-se. Abrangeu o coração do país. Enquanto essa "brava gente" pela magia da sua obra, reunia novos [...] eu recebia as mais envaidecedoras adesões de fúlgidos espíritos [...]. O que a princípio parecia uma atitude cabotina e despertava o riso da complacente e a graçola desopilante dos passadistas, transformou-se de repente, numa reação séria, agressiva, violenta, pandemônica, definitiva. O futurismo, a princípio aparentemente "blague", fez-se depois incontestável ameaça. Ao crescer do incêndio na chama tíbia do intelo, não acenderam, displicentemente, os passadistas, o charuto da ironia.

Atiraram a água de suas mangueiras furadas. O fogaréu tomou vulto [...] o salve-se quem puder [...] os passadistas abriram o compasso das pernas em fuga, deixando no campo da batalha o parnasianismo, hostes que lhe opôs a última e encruada resistência.

Hoje, ninguém mais discute o "futurismo". Todos aceitam e aplaudem. A Semana de Arte Moderna, no Municipal, vai ser um grande êxito. Tudo

130

está preparado para que essa semana marque uma época definitiva na história do pensamento do Brasil.

Mais uma vez se justifica o lema do brasão da cidade dos bandeirantes: "non ducor, ducol" (conduzo, não sou conduzido, do latim).

(Correio Paulistano. Chronica Social, p. 05. "Futurismo no Municipal". Helios - 12/02/1922)

Ainda no domingo, 12/02/1922, encontramos na mesma edição:

#### "Semana de Arte Moderna"

A Semana de Arte Moderna continua a despertar o entusiasmo em nossas rodas artísticas e culturais. A primeira récita, que se realiza amanhã, no Municipal, será o início de uma série de espetáculos que, pelo seu cunho artístico, promete ficar memorável em nosso meio. As poucas poltronas que ainda restam para a Semana de Arte Moderna podem ser procuradas no Automóvel Club.

(Correio Paulistano. Registro de Arte, p. 06. "Semana de Arte Moderna" - 12/02/1922)

Finalmente é chegado o dia da estréia. A coluna *Chronica Social* não fala a respeito da Semana de Arte Moderna, mas, sim, do comentado baile nos Campos Elíseos ao qual compareceu a nata da sociedade. O <u>Correio Paulistano</u>, contudo, aborda o evento na coluna *Registro de Arte*:

## "Semana de Arte Moderna" (anexo Y)

Realiza-se hoje o primeiro festival da Semana de Arte Moderna. O vivo interesse que tem despertado em nosso meio o movimento dos "novos" ainda agora se afirmando numa ruidosa semana artística, certamente concorrerá para que ao Teatro Municipal acorra enorme assistência. O espetáculo de hoje, revelando quatro expressões de arte distintas – literatura, pintura, escultura e música – certamente constituirá a demonstração prática de valores, de tendências e temperamentos. (O texto segue com a programação do dia).

(Correio Paulistano. Registro de Arte, p. 06. "Semana de Arte Moderna" – 13/02/1922)

Na terça-feira, 14/02/1922, a *Chronica Social* continua abordando a realização do baile nos Campos Elíseos, que mereceu uma enorme foto na capa da edição seguinte. Não há nenhuma referência à Semana de Arte Moderna, que estreou um dia antes. Novamente, é a coluna *Registro de Arte* a fazer a cobertura do evento:

#### "Semana de Arte Moderna"

Pela primeira vez tivemos ontem em São Paulo um festival propositadamente revelador de um fenômeno estético do momento. A Semana de Arte Moderna ontem iniciada – sejam quais forem as opiniões a respeito – é a primeira expressão de um movimento artístico tomando como centro irradiador a terra paulista, colaborando ilustres intelectuais do Rio. Nunca nossos artistas se congregaram em hostes, estabelecendo programas transcendentais, ligando num mesmo dia pintura, escultura, música e poesia. Essas formas de expressões emotivas andaram sempre, senão divorciadas, pelo menos quase interdependentes, sob esse ponto de vista, a Semana de Arte Moderna é digna de nota. Sob o ponto de vista

dos valores estéticos o primeiro festival pouco revelou no tocante à literatura, que não passou no terreno das demonstrações práticas de composições recitadas pelos aplaudidos poetas Graça Aranha e Ribeiro Couto, que se seguiram à conferência do primeiro. O autor de "Estética da Vida" falando sobre a emoção estética na Arte Moderna, expôs os traços gerais do movimento. Essa conferência foi também ilustrada pelo maestro Ernani Braga, que executou um trecho de Poulenc e de outro compositor do grupo dos "seis".

À conferência de Graça Aranha seguiu-se uma parte de música de câmara constituída por composições do maestro Villa-Lobos: uma sonata e um trio. Embora revelando tendências modernas, não raro o maestro Villa-Lobos se torna prolixo no desenvolvimento dos vários temas. Difícil, porém, se torna formular opinião definitiva sobre o valor do jovem maestro pelos dois trechos dessa primeira parte, não só por se tratarem de composições de 1915 e 1916, como também pelo fato de, numa única audição, não se poder ajuizar com segurança um trabalho musical. (O texto segue comentando o restante da programação apresentada na noite anterior, mas apenas elencando-a, sem emitir opiniões sobre as apresentações).

(Correio Paulistano. Registro de Arte, p. 02. "Semana de Arte Moderna" – 14/02/1922)

No segundo dia de apresentações, quarta-feira, 15/02/1922, a *Chronica Social* comenta o primeiro dia do evento e reforça o chamado ao público para lotar o Teatro Municipal. A coluna publica, pela primeira vez, foto de Menotti del Picchia, aqui não reproduzida pela qualidade, já muito prejudicada, do próprio original.

## "A segunda batalha" (anexo W)

Feriu-se, segunda-feira, no Teatro Municipal, entre a cultíssima e aristocrática platéia de São Paulo, e o grupo escarlate dos "futuristas", a primeira batalha da Arte Nova. Não houve mortos e feridos. Acabou num

triunfo. Graça Aranha, Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto, Villa-Lobos, os heróis já lendários da primeira refrega, saíram da justa apoteoticamente, coroados de aplausos. Hoje, entra em combate um novo contingente de forças: é brilhante e tem antecipadamente garantida sua vitória, pois leva como segura "mascote" o apoio dessa glória universal que é Guiomar Novaes.

O programa promete coisas do arco-íris: começará por uma palestra de Helios, que apresentará o grande romancista Oswald de Andrade; depois, esse terrível criador da "Paulicéia Desvairada", que é o erudito e pacífico Mário de Andrade; depois Álvaro Siqueira, Agenor Barbosa, Luís Aranha, Plínio Salgado. (O texto segue explicitando outras partes do programa e rasga elogios à Guiomar Novaes).

[...] É verdade que a gloriosa artista está visceralmente em desacordo com as irreverências dos futuristas para com os mestres que ela adora. Isto não a impede de achar altamente intelectual e galhardo o movimento dos avanguardistas, que estão afirmando no Municipal a existência de uma arte profundamente autônoma, moderna e nacional<sup>46</sup>.

[...] São Paulo super esteta encherá as poltronas e frisas do Municipal, hoje à noite, pois, como a da primeira batalha, estamos certos de que ornarão a platéia todas aquelas aristocráticas flores da aristocracia patrícia, que transformaram segunda-feira o nosso teatro máximo numa admirável "corbeille" de elegância, de beleza e de espírito...

(Correio Paulistano. *Chronica Social*, p. 04. "A segunda batalha". Helios - 15/02/1922)

Na mesma data, encontramos na coluna *Registro de Arte*, publicada na página 06, uma matéria com o título "Semana de Arte Moderna" relatando toda a programação do último dia do evento, que seria em 17 de fevereiro. A matéria vem com um clichê de Guiomar Novaes. Tanto a foto quanto o texto estão de tal maneira ilegíveis que não foi possível sua reprodução, sequer do texto em parte.

<sup>&</sup>lt;sup>46</sup> Ler na página 123 a carta de Guiomar Novaes publicada no "Estadão" comentando o assunto.

No dia seguinte, já após a segunda apresentação, na quinta-feira, 16/02/1922, o <u>Correio Paulistano</u> publicou o texto abaixo acompanhado por foto de Menotti del Picchia, também sem condições adequadas de reprodução (anexo Z):

#### "Semana de Arte Moderna"

Realizou-se ontem, no Teatro Municipal, o segundo festival da Semana de Arte Moderna, que atraiu numerosa e seleta assistência. O nosso companheiro de trabalho, dr. Menotti del Picchia, abriu o espetáculo pronunciando uma brilhante conferência<sup>47</sup> que causou excelente impressão no auditório. Ele expôs clara e nitidamente os ideais das novas gerações paulistas, desfazendo dúvidas e traçando um programa de máxima liberdade dentro da originalidade, sem exageros nem preconceitos escolares. A bela conferência de Menotti foi aplaudidíssima. (O autor do texto, sem assinatura, e não se sabe se foi o próprio Menotti, explica que não publicará a conferência nesta edição por falta de espaço. Na seqüência citou prosas e versos recitados por Oswald, Sérgio Milliet, Mário de Andrade, Agenor, Pamplona e Ribeiro Couto das obras de Plínio Salgado, Ribeiro Couto e Manuel Bandeira).

[...] Durante esses recitativos, uma parte da assistência começou a portarse inconvenientemente. (O texto prossegue comentando o restante da programação, sem emissão de opiniões).

(Correio Paulistano. *Registro de Arte*, p. 02. "Semana de Arte Moderna" - 16/02/1922)

Ainda em 16/02/1922, na *Chronica Social*, o jornal publica um de seus artigos mais provocantes:

-

<sup>&</sup>lt;sup>47</sup> Reproduzimos a conferência de Menotti del Picchia proferida durante a Semana de Arte Moderna na página 135. No Correio Paulistano ela foi publicada na íntegra em 17 de fevereiro de 1922.

### "O Combate" (anexo AA)

Noitada de glória e de guerra a de ontem no Municipal. Jamais São Paulo voltou, com tanto interesse, sua atenção para coisas de arte, como nesta trabalhada semana.

A corte de "gente nova", se de parte de alguns indivíduos gaiatos e desconhecidos empoleirados na galeria, recebeu não urbanas manifestações de desacato, de parte de toda platéia culta de São Paulo a mais entusiasmada simpatia.

Houve quem cantasse como galo. Houve quem latisse como cachorro. Cada um, porém, fala na língua que Deus lhe deu. Firme e serena a hoste avanguardista afrontou o granizo e recebeu com a cabeça altiva os aplausos que coroaram sua galharda afirmação de independência estética. A quem vaiaram? Graça Aranha, escritor universal, membro da mais alta corporação literária do país. Guilherme de Almeida – poeta dos maiores que temos tido, "enfantgaté" dos nossos salões que acaba de dar-nos mais uma maravilha do seu comovente lirismo em "Era uma vez". Ribeiro Couto - várias vezes coroado pela academia, poeta, um dos maiores críticos nacionais e uma das celebrações mais completas e admiradas do país. Villa-Lobos, gênio musical incontestável, ídolo da capital da República, vitorioso no estrangeiro. Paulina d'Ambrósio, extraordinária artista cuja mágica arte tem sido sempre acompanhada por apoio e apoteóticas ovações. Oswald, que Afrânio Peixoto, um dos maiores romancistas do Brasil de todos os tempos, sagrou como um dos mais humanos, profundos, seguros estetas do nosso tempo. Mário, senhor de uma cultura pasmosa, poeta coruscante, crítico, esteta. E mais: Renato de Almeida, Agenor Barbosa, Plínio Salgado, Sérgio Milliet, Mário Aranha, Cândido Mota Filho, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira. Para que citar mais?....

[...] Portanto, da noitada de ontem ficam, apenas, os aplausos da aristocrática e brilhante platéia que atulhava as frisas e poltronas do Municipal.

Não há, pois, que negar que a batalha de ontem foi de glorioso triunfo. Com o tempo, os mais retardatários denegridores do belo combate de espírito travado no país, aderirão penitenciados ao movimento, cujas bases serenas, claras, na minha pequena palestra procurei definir.

(Correio Paulistano. *Chronica Social*, p 04. "O Combate". Helios – 16/02/1922)

Finalmente, é chegado o último dia de apresentações, sexta-feira, 17/02/1922. Na coluna *Chronica Social*, na página 04, Menotti não fala sobre o evento, mas publica uma crônica cuja temática é o modernismo. Na página 02, sai a publicação da conferência de Menotti del Picchia durante a Semana de Arte Moderna, o que não havia sido feito na edição anterior por falta de espaço:

### **Arte Moderna**

### "A conferência de Menotti del Picchia no Municipal" (anexo BB)

Pela estrada de rodagem da Via Láctea, os automóveis dos planetas correm vertiginosamente. Bela, o cordeiro do Zodíaco, perseguido pela Ursa Maior, toda dentada de astros. As estrelas focam o "jazz band" de luz ritmando a dança harmônica das esferas. O céu parece um imenso cartaz elétrico que Deus arrumou no alto para fazer o eterno reclamo da sua onipotência e da sua glória. Este é o estilo que de nós esperam os passadistas, para enforcar-nos um a um nos finos baraços dos assovios das duas vaias. Para eles somos um bando de bolchevistas da estética, correndo a 80 HP rumo da paranóia. Somos o escândalo com duas pernas, o cabotinismo organizado em escola. Julgam-nos uns cangaceiros da prosa, do verso, da escultura, da pintura, da coreografia, da música, amotinados na jagunçada do Canudos literário da Paulicéia Desvairada... Que engano! Nada mais ordeiro e pacífico, que este bando de vanguarda, liberto do totemismo tradicionalista, atualizado na vida policiada, violenta e americana de hoje. Ninguém respeita mais o "casse-te-te" do guarda-cívico da esquina que esse pugilo de facínoras aparentes, ainda que em mãos fumegantes do sangue de Homero, Virgílio, Dante, Camões, Victor Hugo, sobretudo Zola e os neo-gregos, com Heredia à frente.

É que, se assassinamos, sem pena, papões inatuais, lhes beijamos com reverência os túmulos, amando-os com a alma localizada na hoste dos epitáfios das suas carneiras. Aos nossos olhos riscados pela velocidade dos bondes elétricos e dos aviões, choca a visão das múmias eternizadas

pela arte dos embalsamadores. Cultivar o helenismo como força dinâmica de uma poética do século é colocar o corpo seco, enrolado em bandas, de um Ramsés ou de um Amnésis, a governar a República democrática, onde há fraudes eleitorais e greves anarquistas.

[...] A nossa estética é de reação. Como tal é guerreira. O termo "futurista" com que erradamente a etiquetaram, aceitamo-lo porque era um cartel de desafio. Na geleira de mármore de carrara do parnasianismo dominante, a ponta agressiva dessa proa verbal estilhaçava como um aríete. Não somos, nem nunca fomos futuristas. Eu, pessoalmente, abomino o dogmatismo e a liturgia da escola de Marinetti. Seu chefe é, para nós, um precursor iluminado, que veneramos como um general da grande batalha da Reforma que alarga seu "front" em todo o mundo. No Brasil, não há, porém, razão lógica e social para o futurismo ortodoxo, porque o prestígio do seu passado não é de molde a tolher a liberdade da sua maneira de ser futura. Demais, ao nosso individualmente estético repugna a jaula de uma escola. Procuramos cada um atuar de acordo com nosso temperamento, dentro da mais arrojada sinceridade.

[...] Que é a nossa arte? Senhores, chorai a morte da mulher "leit-mortif" das jeremiadas líricas. Até ontem, poetas cabeludos falsos como brilhantes pingos d'água só descantavam ELA. ELA era o que Marinetti chamava de a mulher fatal. Para eles – idiotas!- não havia automóveis, corsos, sapateiros martelando solas, ministros vendendo pátria a varejo no balcão internacional de conferências e tribunais de arbitragem. [...] Ela fazia carnívoros pensantes despencarem do viaduto do chá em "loopings" imprevistos. [...]

E a mulher? Fora a mulher fetiche, a mulher-cocaína, a mulher oncomania, Peternelle Madame. Queremos uma Eva ativa, bela, prática, útil no lar e na rua, dançando o tango e datilografando uma conta corrente: aplaudindo uma noitada futurista e vaiando os tremelicantes ridículos poetaços de inçadas de termos raros como o porco-espinho de cerdas. Morra a mulher tuberculose lírica! No acampamento da nossa civilização pragmatista, a mulher é a colaboradora inteligente e solerte da batalha diuturna e voa no aeroplano, que reafirma a vitória brasileira de Santos Dumont, e cria o mecânico de amanhã, que descobrirá o aparelho destinado à conquista dos astros!

(Correio Paulistano, p. 02. "A conferência de Menotti del Picchia no Municipal" – 17/02/1922)

Ainda na mesma edição, datada de 17/02/1922, a coluna *Registro de Arte* publica na página 04.

Realiza-se hoje, no Teatro Municipal, o terceiro e último festival da Semana de Arte Moderna, com o concurso do distinto compositor patrício Villa-Lobos. No saguão do teatro continuará a exposição de pintura e escultura. Esse sarau promete atrair grande concorrência, não só pela modicidade dos preços das entradas como por ser o último da série.

(Correio Paulistano. Registro de Arte, p. 04 – 17/02/1922)

Após o último dia do evento, o <u>Correio Paulistano</u> publica na coluna *Registro de Arte* três notas: a primeira, sem título, trata sobre Di Cavalcanti; a segunda, sobre a Semana de Arte Moderna (as duas são reproduzidas abaixo); a terceira, anuncia para os próximos dias um recital de Ernani Braga, comprometido em tocar Schumann, Chopin, Liszt e Villa-Lobos.

Di Cavalcanti é um bizarro temperamento de artista. Suas figuras constituem a fixação das linhas e movimentos mais originais dos seres e das coisas. Essas linhas e movimentos que refletem a própria fisionomia das almas, são as procuradas pelo jovem pintor que assim surpreende na natureza aquilo que nos passa despercebido. Nestes "Fantoches da Meia Noite", precedidos de um rápido e sugestivo prefácio de Ribeiro Couto, Di Cavalcanti apanhou o espírito ignorado das cousas moventes na sombra. [...] Os "Fantoches da Meia Noite" foram editados pela Casa Monteiro Lobato e Cia<sup>48</sup>.

-

Editora Nacional.

<sup>&</sup>lt;sup>48</sup> Monteiro Lobato fundou a Editora Monteiro Lobato e Cia., lançando inúmeros escritores até então desconhecidos e melhorando a qualidade das publicações existentes. Esta empresa foi da maior importância para o desenvolvimento editorial brasileiro. Depois de falido, voltou ao ramo com a Cia.

#### "Semana de Arte Moderna"

Com o festival de ontem, preenchido exclusivamente com composições da lavra do maestro Villa-Lobos encerrou-se a série de saraus da Semana de Arte Moderna. Bem mais concorrido que os anteriores, o sarau de ontem teria deixado melhor impressão não fora a atitude de hostilidade assumida sem razão, valha a verdade, no começo e no fim do concerto, por uma parte diminuta da assistência. Felizmente, essa atitude foi francamente condenada pela grande maioria, que obrigou ao silêncio os demais.

As composições do maestro Villa-Lobos, de épocas e gêneros diferentes, produziram, em conjunto, ótima impressão, devendo salientar-se, porém, a "Sonata Segunda" para violino e piano, trabalhada com felicidade e onde não escasseiam lindas frases musicais. Apesar de uma ou outra extravagância e de umas tantas preocupações de modernismo, a melodia de Villa-Lobos revela, desde logo, um temperamento e um talento dignos de nota, em que não falta também certa originalidade, como se evidenciou no quarteto simbólico para flauta, saxofone, celeste e piano.

Tanto à Villa-Lobos como a seus intérpretes e principalmente com Paulina de Ambrósio, Ernani Braga e Maria Emma, a assistência premiou com farta messe de aplauso.

(Correio Paulistano. Registro de Arte, p. 02 – 18/02/1922)

Também no dia 18/02/1922, com fortíssimas críticas às vaias recebidas no Municipal e comparando as manifestações a ladridos e cacarejos (adjetivos inspiradores ao título desta dissertação), a *Chronica Social* revela ao leitor o seguinte texto:

### "A Vitória" (anexo CC)

Com o triunfo de ontem terminou a gloriosa Semana de Arte Moderna. Que ficou dela? De pé – germinando – a grande idéia. Dos vencidos, alguns latidos de cães e cacarejos de galinha...

Eu jamais supus, da alta educação do nosso povo, que pudesse haver quem chegasse a descer à triste condição de um animal para manifestar seu ódio. Essa humilhante situação, eleita por alguns "rates", que deram suas demissões de homens, foi bem o escalão da própria mentalidade.

De um lado, artistas de fama diziam versos, recitavam trechos de prosa, enchiam o ambiente de harmonias. De outro lado, alguns indivíduos, que chegaram a envergonhar o gênero humano, por dele conservarem apenas o "aspecto", ladravam e cacarejavam. Cães só produzem mordeduras, galinhas ovos, em vez de pensamentos, ladridos. Em lugar de idéias, omeletes... Foram esses os que deram por morta a causa gloriosa da Reforma. É ridículo. Causa pena.

E quem eram os artistas contra os quais ganiam os despeitados? Homens finos, de educação, que não perderam a linha de cavalheiros. Como tais, deviam ter merecido maior respeito, principalmente tratando-se em parte, de gloriosos hóspedes cariocas e, de outra parte, de paulistas que conquistaram para o pensamento de São Paulo, um lugar de exceção honrosa nos ambientes culturais do país.

Batalha intelectual que foi, só admitia, ao ser ferida, armas intelectuais. Responder com dentadas a dissertações de ordem estética, ladrar, ganir, ulular, uivar, rosnar, quando o espírito voa, sereno, no céu claro da beleza, tudo isso dá uma tristíssima amostra de quanto pode o desespero dos vencidos, que não têm coragem humana de contradizer os que, em público, assumam a responsabilidade das suas idéias.

Soubessem esses animais – porque não dizê-lo, se só pelas vozes dos animais se manifestaram esses covardes – quanta dor acalcada em vigílias de ânsia havia nas palavras daqueles moços heróicos, expostos ao calvário da assuada selvagem; soubessem quanto amor a esta terra, que

procuraram exaltar nos seus versos; soubessem da esperança do laborioso sacrifício, do desesperado afã da perfeição e teriam reservado seus cacarejos para a própria inércia e os ladridos para a própria ignorância.

Não faz mal. Tiradentes foi enforcado porque sonhou com a República entre os régulos. Wagner foi vaiado, bem como um seu crítico admirador em São Paulo, só porque tentara abrir novos horizontes à música. Rodin foi escarnecido só porque dera uma camartelada genial na frieza acadêmica.

Em compensação – e essa é a consagração da nossa idéia – tudo o que São Paulo tem de mais culto, mais aristocrático, mais fino, tudo que nesta terra não ladra, não gane, não cacareja, não morde, aplaudiu com calor os libertadores da Arte, sagrando seu esforço e fazendo frutificar, gloriosamente, o seu exemplo!

(Correio Paulistano. São Paulo. "A Vitória". Helios – 18/02/1922)

O <u>Correio Paulistano</u> publica em 19/02/1922, na coluna *Chronica Social*, na página 04, uma nota com foto cujo título é: Dr. Azevedo Marques. Relata a passagem do aniversário do Ministro das Relações Exteriores sem, contudo, fazer a ligação entre ele e o fundador do jornal, Joaquim Roberto de Azevedo Marques, provavelmente tio do então ministro.

No dia 22/02/1922, a coluna *Registro de Arte*, na página 05, divulga um recital de Ernani Braga, um dos participantes da Semana de Arte Moderna, cujas apresentações incluiriam repertório de Villa-Lobos. A ligação do artista com os modernistas não é citada na nota.

Em nossa busca às matérias de datas posteriores ao encerramento da Semana de Arte Moderna, encontramos publicada no Correio Paulistano uma carta de Mário de Andrade ao cronista Helios. Aparentemente, pelo conteúdo da carta, ela não deveria ser aberta ao conhecimento público e não se sabe se Helios teve a autorização do amigo para fazê-lo<sup>49</sup>. O fato é que a correspondência tornou-se pública. A exultação de Mário desperta certa comoção... "Escrevera-me o Mário Morais de Andrade, o delicioso artista de "Paulicéia Desvairada" e o incorrigível "blagueur" da fronda da Arte Nova" – publica no cabeçalho da coluna Menotti del Picchia.

### "Uma carta" (anexo DD)

Carta muito particular, que tal? Conseguimos enfim, o que desejávamos, celebridade. Soube que o X.Z. estava um pouco atemorizado com os insultos que temos recebido. Consola-o tu. Realmente, amigo, outro meio não havia de conseguirmos a celebridade. Era só assim: aproveitando a cólera dos araras. Somos todos os pseudofuturistas uns casos teratológicos. Somos burríssimos. Idiotas. Ignorantíssimos. Compreendes que, com todas essas qualidades, só havia um meio de alcançar a celebridade: lançar uma arte verdadeiramente incompreensível, fabricar o Carnaval da "Semana de Arte Moderna"... e deixar que os araras falassem.

Caíram como araras. Gritaram. Insultaram-nos. Vaiaram-nos. Mas o público já está acostumado com descomposturas, não leva a sério. O que

-

<sup>&</sup>lt;sup>49</sup> Mário deixou centenas de cartas trocadas com amigos, personalidades da arte e da cultura. Explicitou o desejo de que fossem abertas somente 50 anos após sua morte, para preservar intimidades. Hoje, depois de um belíssimo trabalho de Antonio Cândido e sua equipe, todo o acervo do escritor, inclusive suas cartas, estão disponíveis no museu do Instituto de Estudos Brasileiros, na USP.

143

fica é o nome e um sentimento de simpatia que não se apagam mais da memória do leitor.

Estamos célebres! Enfim! Nossos livros serão comprados! Ganharemos dinheiro! Seremos lidíssimos! Insultadíssimos! Celebérrimos! Teremos nossos nomes eternizados nos jornais e na História da Arte Brasileira. Agora calemo-nos, amigo Helios: não há necessidade de escrever. Estamos célebres, amados e detestados. E tudo isso por quê? Porque os araras caíram na armadilha. Insultaram-nos. Somos bestas, doentes, idiotas. Ignaros. Tudo isso é verdade, amicíssimo. Mas como os jornais o disseram e o público não acredita, toda gente imagina que somos perfeitíssimos de corpo e alma, inteligentes, honestos e eruditos.

Que araras, amigo Helios, que araras!

(Correio Paulistano. São Paulo. Chronica Social, p. 05. "Uma carta". Helios – 23/02/1922)

Ainda na mesma edição em que se encontra publicada a carta de Mário de Andrade localizamos na página 04, uma carta de Menotti del Picchia a um jornalista do *Jornal do Commércio*. Decidimos incluir aqui trechos da carta, bastante extensiva, porque seu conteúdo revela muito da polêmica que ocorria pela imprensa entre "modernistas" e "passadistas". Nesta data, a coluna *Registro de Arte* fala sobre o recital de Ernani Braga e não traz outras notas.

#### Carta aberta ao Sr. Oscar Guanabarino

Mestre do Passado. Vale! (do latim, "adeus, passe bem"!)

Não me zanguei com teu rodapé iracundo que franjou com cegante relâmpago de cólera os dois "Jornaes do Commércio", carioca e paulista. Caiu do céu... É que até agora os adversários da Semana de Arte

Moderna, esse "terremoto estético" que abalou o país, a atacaram com tal estilo, tais solicismos, tal português, que acabaram perdendo a amizade de Rodrigues Lobo e outros clássicos menores.

Ficaram no limbo literário, como essas alunas sem batismo, que o inferno rejeita, o céu não acolhe e o purgatório manda à fava... bradando em nome do classicismo, expressaram-se em língua de cangaceiros... Tua descida à arena, velho Mestre do Passado, foi providencial.

- [...] Somos expoentes de duas gerações diversas: uma que morre outra que surge. O nosso adeus seja de amigo, sem lágrimas, mas sem ressentimentos. Confesso-te, orgulhosamente, que o novato Menotti, que tua generosidade madura acolheu com tanto carinho, é o que teve a raciocinadíssima coragem de afirmar suas convicções estéticas na já célebre noite no Municipal.
- [...] Tu velho Mestre do Passado pressentindo o golpe fatal que esse movimento glorioso dará a tua galharda combatividade, já inútil agora que os crentes adoram o novo sol da Beleza, que reponta da outra banda do teu mundo, nem leste minhas palavras, no afã guerreiro de combatê-las! Acusaste-me de "futurista" atordoado pela apavorante significação desse termo reacionário, quando, nessa mesma palestra que combatias, eu declarava em alta voz a quem me ouviu e em letra de forma a quem me leu, que rejeitava o "futurismo", toda a sua liturgia e todos os seus dogmas.
- [...] Admiro qualquer obra em que haja talento. Mas o que é repetição, imitação, maneirismo é negação de talento. Até hoje se procura imitar os clássicos pela razão ingênua de que eram "bons" e faziam "vernáculo e estilo da literatura!". Mas, se toda vida talharmos nossa bela, plástica, sonora língua, pelos moldes clássicos, teremos realizado a pálida decepção da monotonia estafante! Assassinaremos a personalidade...
- [...] A arte deve acompanhar as instituições do tempo... [...] E a revolução literária, vitoriosamente iniciada na "Semana de Arte Moderna", foi o princípio sistematizador da Reforma. A tua reação, Guanabarino, foi uma prova de afirmação corajosa que ela representou. A reforma existia, obscura, intuitiva, na consciência de todos os "novos". A batalha do Municipal não a criou; não fez mais do que a denunciar.

Não te zangues por isso, porém, revolve tuas memórias. No teu tempo – há quantos anos? – não terás tido uma atitude igual a nossa com os "velhos" de então. *Hodie um, cras tibi...* Adeus!

(Correio Paulistano, pg. 04. São Paulo. "Carta aberta ao Sr. Oscar Guanabarino". Menotti del Picchia – 23/02/1922)

O texto acima encerra a série publicada no Correio Paulistano cuja temática central fosse a Semana de Arte Moderna no ano de 1922 entre janeiro e 1º de março, período utilizado como parâmetro desta pesquisa.

Uma vez que outros modernistas ocupavam espaço na imprensa desde a exposição de Lasar Segall, em 1913, passando pela exposição de Anita Malfatti, em 1917, e principalmente, nos dois anos que antecederam à Semana de 22, uma pergunta não pode deixar de ser feita. Por que só Menotti manteve postura favorável às idéias em questão? Em jornais mais conservadores como *O Estado de São Paulo*, houve certo cerceamento aos jovens modernistas. Outros jornalistas realmente não afetos à Semana (havia uma lista grande deles), tomaram espaços muito maiores para publicar seus textos contra a nova arte. Mesmo porque pesavam as razões financeiras, pois, a exemplo de Assis Chateaubriand, temiam o rompimento com a aristocracia tradicionalista.

Quanto a Menotti del Picchia dois pontos podem ser fortemente considerados: Apesar de o Correio Paulistano ser órgão oficial do PRP e estar ligado à oligarquia do café e a fortes industriais, Menotti gozava de uma reputação capaz de transpor essas barreiras. Era um nome muito forte na estrutura de poder do jornal e, intelectual já reconhecido, dispunha de ampla liberdade para decidir o que seria ou não publicado. O outro ponto dá-se em torno do trânsito entre ele e medalhões como Graça Aranha e o fazendeiro e industrial Paulo Prado. Menotti circulava entre os

donos do dinheiro e do poder que, como mostrado, arregimentaram os recursos para a realização da Semana de Arte Moderna.

É preciso considerar-se ainda a idéia de uma "guerra de informação" para dar notoriedade ao evento. Sobre isso, encontramos pista em Francisco Alambert (1992), ao relatar que alguns jornais da época publicaram que as agitações no Teatro Municipal foram provocadas por pessoas que acabaram ligadas ao movimento, ou seja, uma insinuação de que os opositores mais ferrenhos presentes ao evento foram "plantados" pelos organizadores ou por eles "cooptados".

No mesmo sentido, há mais uma informação em Neide Rezende (1993) acusando Mário de Andrade de polemizar consigo mesmo n´A *Gazeta*: numa coluna denominada "Pró" defendia o modernismo; em outra, "Contra", sob o pseudônimo de Cândido, rebatia-o (leia o texto publicado na página 119).

Depois da Semana de Arte Moderna, os artistas e intelectuais concentraramse no plano de espalhar a nova forma de arte através de revistas de conteúdo
exclusivamente modernista lançadas em várias partes do Brasil. Só em São Paulo
havia, além da *Klaxon* (figura 34), a *Revista de Antropofagia*, *A Onda*, *Papel e Tinta*, *Terra Roxa e Outras Terras*. No Rio de Janeiro, uma subsidiária da *Papel e Tinta*, a *Árvore Nova*, *Estética*, *Movimento Brasileiro*, *Terra do Sol*. A figura 35 nos dá um
panorama da imprensa modernista especializada em todo o país.

# O Modernismo nos estados EXPANSÃO DO MODERNISMO NO BRASIL ATRAVÉS DAS REVISTAS MODERNISTAS O Todo Universal (1923) Flaminaçu (1928) 1927 Manifesto Regionalista (1926 Arco e Fiecha (1928) AM Electrica (1928) TO A Revista (1925) MT Leite Criôlo (1928) GO Terra Roxa c Outras Terras (1926) MS MG SP Terra de Sol (1928) 1927 Movimento Brasileiro (1928) Madrugada (1925 Estética (1924) Arvore Nova (1922) 1928 1922

Figura 35: A expansão do Movimento Modernista no Brasil através da imprensa especializada.

## Conclusão

## **Correio Paulistano:**

arauto, conservador, liberal, modernista

Chegaram a me confundir as mudanças de postura política do Correio Paulistano, em especial se considerarmos o fato de que o jornal já resistia há mais de meio século antes de se formar a noção de jornalismo como empresa lucrativa, integrante do sistema capitalista como outra qualquer. No início, à época em que foi fundado, basicamente o único tipo de jornalismo que congregava os jornais existentes era o partidário político ou o acadêmico. O conceito de jornalismo independente, defensor de interesses coletivos e difusos, porta-voz de setores diversos da sociedade era ainda muito incipiente.

É bem verdade que outros Estados, como Rio de Janeiro e Pernambuco, estavam bem mais adiantados na imprensa diária, mas em São Paulo a situação era bastante diferente e a cidade mantinha-se praticamente como uma aldeia colonial. Ao ser lançado, o Correio Paulistano não foi visto pelo seu idealizador como um meio de subsistência ou uma empresa lucrativa. Então, por que o jornal mudou suas roupagens com o soprar dos ventos?

Escolho este como um dos pontos centrais para o estabelecimento da trajetória do jornal dentro da imprensa paulista e aponto algumas conclusões. Fora preciso bem mais do que um bico-de-pena e um lampião para lutar contra o escorchante centralismo do governo monárquico. Os jornalistas resistiram bravamente ao cerco imperial produzindo - à despeito de toda dificuldade – até mesmo folhas manuscritas, que obrigavam os leitores a compartilharem o jornal de mão em mão, uma vez que o número de cópias, naturalmente, era pequeno.

Houve também várias tentativas de se abrir gráficas tanto para a impressão de jornais quanto para livros, mas tais iniciativas foram sempre destruídas pelo poder da força da guarda imperial. É também deste tempo o primeiro registro de assassinato de um jornalista em razão de suas atividades profissionais.

Quando o Correio Paulistano veio à luz, estava vigorando a política de conciliação proposta pelo imperador para arrefecer os ânimos entre os partidos e evitar a disputa política dos cargos, portanto, mesmo que o jornal não se vinculasse a nenhum partido específico, não poderia ampliar seu leque de discussões. Vale lembrar que as dificuldades foram tamanhas que, entre 1855 e 1858, Azevedo Marques fora obrigado a suspender as edições diárias e tornar o jornal bi-semanário. Ele pedia publicidade de porta em porta, mas um detalhe só descoberto pela análise minuciosa das edições do jornal, ausente da literatura, é que a publicidade era gratuita. E mesmo assim, só a partir da terceira edição ela aparece e não como mais do que pequenos comunicados. Os poucos comerciantes locais não se interessaram nem mesmo pela inserção gratuita de seus anúncios, porque não confiavam nem na publicidade nem que um jornal diário vingaria.

Sem publicidade e sem leitores – a instrução era artigo raríssimo numa sociedade rural e escravocrata, Azevedo Marques terminou por se ligar as estruturas do poder quando passou a publicar os atos oficiais da Assembléia Provincial. Tal dependência custou-lhe ficar sem o papel florete, importado, sempre que a Assembléia era dissolvida pelo imperador ou quando por qualquer questão de desavença com os donos do poder o "contrato" era sumariamente suspenso. Somente nas ocasiões em que o governo provincial estava em dia com os cofres do jornal, este experimentava períodos de estabilidade e progresso.

Apesar disso, Azevedo Marques comprava brigas contra o poder como a que travou entre seu jornal e o presidente da Província José Tavares Bastos, que reagia com todo tipo de truculências, como recrutar funcionários do Correio Paulistano para a Guerra do Paraguai. Esse vai e vem seguiu-se até o surgimento de *A Província de São Paulo*, obrigando o Correio Paulistano a fechar um contrato com o Partido

Conservador para fazer frente aos chefes republicanos do jornal concorrente. A relação com os conservadores terminou com o poderoso Antonio da Silva Prado comprando os direitos do Correio Paulistano, em 1882. Já neste primeiro momento, acredito, enterram-se importantes perspectivas para a vida futura do jornal. Apesar de Azevedo Marques continuar na redação por mais alguns anos, sua direção passa a ser eminentemente política.

Estas mudanças de posição política estão intrinsecamente ligadas, segundo minha avaliação, ao fechamento do jornal. Ao ser proclamada a República, o Correio Paulistano assinou contrato com o Partido Republicano e seguiu a ele atrelado por quase setenta anos. Mesmo acompanhando o desenvolvimento dos demais grandes jornais da época, editado em grande formato, com oito cadernos e mais de cem páginas, ser o órgão oficial do partido que representou quarenta e um anos de poder consecutivo no Brasil, de 1889 a 1930 (com vários retornos após esta data), arriscava toda e qualquer "independência" do jornalismo por ele praticado.

A comparação com a *A Província de São Paulo* é inevitável. Quando a República se estabelece, o jornal que até então representava os republicanos se desvincula destes e segue como uma empresa autônoma. Muda sua razão social para *O Estado de São Paulo* e firma-se como uma das maiores empresas jornalísticas de todos os tempos. Vale frisar que, quando a *A Província de São Paulo* surgiu, o jornal de Azevedo Marques já estava estabelecido há vinte e um anos.

Já o Correio Paulistano, ao ocupar o espaço deixado pelo seu concorrente, faz o caminho inverso e se atrela ainda mais afuniladamente ao governo. Outra nuance se põe dentro desta mesma questão: depois de 1930, com a deposição do último presidente seqüencial do Partido Republicano Paulista por Getúlio Vargas, o Correio Paulistano foi empastelado e suas oficinas incorporadas ao patrimônio

público. A intervenção durou quatro anos. Quando finalmente o jornal voltou a circular, continuando a ser o veículo de comunicação do Partido Republicano, naturalmente, explodiu em oposição ao governo. Neste momento, aponto, ele deixa de ser um jornal de "situação" para se tornar de "oposição", o que não altera em nada sua condição de "dependência". Sua ligação com o PRP só terminaria em 1955, época em que o conceito de empresa jornalística já estava estabelecido. E tal conceito entende um jornal enquanto empresa autônoma, capaz de sobreviver pela auto-sustentação e pela *pseudo* idéia de independência não só financeira quanto política e editorial.

## Um salto de vanguarda

O conservadorismo político foi quebrado pelo vanguardismo cultural? Eis outro aspecto para o qual não posso me furtar em apontar algumas teses. Por que o Correio Paulistano foi o único jornal a cobrir favoravelmente a Semana de Arte Moderna? Esta foi uma pergunta que me fiz desde a confecção do projeto. Porque a Semana de Arte Moderna foi tudo o que dela se diz depois e não durante sua ocorrência. Este é o fato. Ao momento de sua realização o evento foi considerado não mais do que uma atividade artística restrita à elite cultural, sem nenhum apelo dentro das camadas mais populares. Um evento excêntrico e fechado, isolado mesmo. Analisando as edições do Correio Paulistano entre 1920 e março de 1922 ficou claro, como demonstrado no corpo do trabalho, que quase às vésperas dos saraus nem mesmo o Correio Paulistano falava sobre a Semana de Arte Moderna.

E ao contrário do que se pode imaginar não houve espaço privilegiado no jornal para o tema, restrito às colunas que tratavam exclusivamente de arte, cultura

ou eventos sociais – a *Registro de Arte* e a *Chronica Social*. Jamais se publicou uma linha sequer na capa ou com grande destaque, nem mesmo no dia do evento ou após a estréia.

Nada disso, naturalmente, fere a importância do evento, tão pouco do movimento modernista, cujas raízes e implicações para o Brasil moderno estão hoje mais do que conhecidas e reconhecidas. A análise aqui feita é exclusivamente sob o ponto de vista jornalístico. Neste sentido, o tratamento dado ao acontecimento pelos demais jornais de igual importância foi o mesmo: espaço restrito às colunas de arte e eventos.

Ainda assim, o tom diferenciado do Correio Paulistano mereceria uma explicação e ela está na presença imprescindível de Menotti del Picchia, como já amplamente discutido no capítulo III. As presenças de Paulo Prado, desde muito antes da Semana de Arte Moderna (lembramos que o jornal pertenceu a Antonio da Silva Prado), e de Ribeiro Couto, desde 1917, também merecem o devido apontamento.

Por último e não menos essencial, levantamos que entre os líderes dos modernistas literatos, Menotti era o único que, à época da Semana de Arte Moderna, tinha acesso à grande imprensa e, no caso dele, mais do que isso, desempenhava um papel importante na redação. Oswald de Andrade circulou pela redação do Correio Paulistano no período entre 1922 e 1924, porém, depois do evento. Escreveu para o *Jornal do Commércio*, entre 1917 e 1922, contudo, não recebeu grande espaço para divulgar a Semana de 22, já que o jornal assumiu postura publicamente contrária. Mário de Andrade também escreveu para o *Jornal do Commércio*, mas somente no ano de 1921.

Em *A Gazeta* registra-se a passagem de Oswald apenas em 1918, época em que ocasionalmente compartilhou a redação com Mário de Andrade. Ambos e outros modernistas publicaram esporadicamente ou não na imprensa por muitos anos após a Semana de Arte Moderna.

Ao iniciar este trabalho, carregava comigo um pensamento de Nelson Werneck Sodré (1966) sobre o diferenciado comportamento do jornal em relação aos modernistas. Ele, que chegou a ser colunista do Correio Paulistano, escreveu: "por paradoxal que pareça – e só na aparência foi isso paradoxal - o Correio Paulistano acolheu o movimento modernista, sendo órgão tradicional do PRP, que mandava no Estado e no país". E, agora, ao concluir, analisando o modernismo à luz de ter sido mais um traço da ascensão burguesa, estou convicta de que tal aparência paradoxal foi desmontada e toda sua ilusão desfeita.

## Referências Bibliográficas

ABRAMO, Cláudio. **A Regra do Jogo**. O Jornalismo e a ética do Marceneiro. Org. Cláudio Weber Abramo. São Paulo, Cia das Letras, 1988.

ALAMBERT, Francisco. **A Semana de 22**. A Aventura Modernista no Brasil. São Paulo, Scipione, 1992.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**. São Paulo, Ibrasa, 1972.

BAITELLO, Norval. **A Era da Iconofagia**. Ensaios de Comunicação e Cultura. São Paulo, Hacker, 2005.

------ As núpcias entre o nada e a máquina. **Revista Científica de Información y Comunicación**. Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 2005.

-----. Dada-Berlim: des/montagem. São Paulo, Annablume, 1994.

BAUDRILLARD, Jean. **A Transparência do Mal**: ensaios sobre os fenômenos extremos. São Paulo, Papirus, 1990.

BELLO, José Maria. **História da República – 1889-1954**. Síntese de 65 anos de vida brasileira. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1959.

BRITO, Mário da Silva. **História do Modernismo Brasileiro**: antecedentes da Semana de Arte Moderna. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.

BUCCI, Eugênio. Sobre Ética e Imprensa. São Paulo, Cia. das Letras, 2002.

CACERES, Florival. História Geral. São Paulo. Editora Moderna, 1988.

CAPELATO, Maria Helena. **Os Arautos do Liberalismo**. Imprensa Paulista 1920-1945. São Paulo, Brasiliense, 1989.

CASALECCHE, J.Ênio. **O Partido Republicano Paulista:** 1889-1926. São Paulo, Brasiliense, 1987.

CHAGAS, Carlos. *O Brasil sem Retoque 1808 a 1964.* A História contada por Jornais e Jornalistas. Rio de Janeiro, Record, 2001.

CYRULNICK, Boris. Os Alimentos do Afeto. São Paulo, Ática, 1995.

-----. O Murmúrio dos Fantasmas. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

CONTIER, Arnaldo Daraya. **Imprensa e Ideologia em São Paulo – 1822-1842**. São Paulo, Vozes, 1979.

COSTA, Emília Vioti. **Da Monarquia a República**: momentos decisivos. São Paulo, Brasiliense, 1987.

DUARTE, Paulo. História da Imprensa em São Paulo. São Paulo, ECA/USP, 1972.

FLUSSER, Vilém. A História do Diabo. São Paulo, Anablume, 2005.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento Urbano. Tomos I e II. Rio de Janeiro, José Olympio, 1985.

GADINI, Sérgio Luiz. **A Cultura como Notícia no Jornalismo Brasileiro.** Rio de Janeiro. Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003.

HARRISON, Charles. Modernismo. São Paulo, Cosac Naify Edições, 2001.

HILLMAN, James. Cidade & Alma. São Paulo, Nobel, 1993.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1982.

JÚNIOR, Caio Prado. História Econômica do Brasil. SP, Círculo do Livro,1984.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**: novas teorias sobre o mundo contemporâneo; trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

LOPES, Dirceu Fernandes; SOBRINHO, José Coelho; PROENÇA, José Luiz (organizadores). **A Evolução do Jornalismo em São Paulo**. São Paulo, EDICON: ECA/USP, 1996.

LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da (organizadoras). A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno. São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1997.

MAESTRI, Mário. Uma História do Brasil: Império. São Paulo, Contexto, 2001.

MARTINS, Antonio Egídio. **São Paulo Antigo – 1554-1910**. São Paulo, Imprensa Oficial, 1973.

MORAIS, Fernando. **Chatô: o Rei do Brasil**. A vida de Assis Chateaubriand. São Paulo, Cia das Letras, 1994.

MORIN, Edgar. **O Paradigma Perdido**: a natureza humana. Lisboa, Publicações Europa-América, 2000.

NOBRE, José Freitas. **História da Imprensa de São Paulo**. São Paulo, Edições Leia, 1950.

PROSS, Harry. La Estructura Simbólica Del Poder. Barcelona, G. Gili, 1980.

REZENDE, Neide. A Semana de Arte Moderna. São Paulo, Ática, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em Branco e Negro.** Jornais, Escravos e Cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo, Cia das Letras, 1987.

SOBRINHO, Alexandre José Barbosa Lima. **O Problema da Imprensa**. Rio de Janeiro, Annuario do Brasil, 1923.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. RJ, Civilização Brasiliense,1966.

SOUZA, Alberto de. **Memória Histórica sobre o Correio Paulistano**. São Paulo, Typographia a Vapor Rosenhain & Meyer, 1904.

SUBIRATS, Eduardo. A Cultura como Espetáculo. São Paulo, Nobel, 1989.

TREVISAN, Leonardo. A República Velha. São Paulo, Global, 1982.

TRIVINHO, Eugênio. **O mal-estar da teoria**: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

------ Velocidade e Violência: dromocracia como regime transpolítico da cibercultura. In PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **A incompreensão das diferenças**: 11 de setembro em Nova Iorque. Brasília: IESB, 2002, p.257-272 (série comunicação).

------ Cibercultura, sociossemiose e morte: sobrevivência em tempos de terror dromocrático. Fronteiras; estudos midiáticos-Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos/RS, São Leopoldo, vol.V, n.2, p. 97-124, dez. 2003.

----- Comunicação, glocal e cibercultura: "bunkerização" da existência no imaginário mediático contemporâneo. Fronteiras: estudos midiáticos-Revista do Programa de Pós-Graduação da Unisinos/RS, São Leopoldo, abr. 2005.

------ **Dromocracia, cibercultura e transpolítica**: contextualização sociodromológica da violência invisível da técnica e da civilização mediática avançada. São Paulo: 2004, 27 p. A ser publicado em breve.

------. A cidade na civilização mediática avançada. Glocalização, dromocratização e transpolitização da experiência urbana contemporânea. In: Simpósio Internacional "Interfaces das Representações Urbanas em Tempos de Globalização", UNESP e SESC. Bauru/SP: 23/08/2005.

VIANNA, Helio. **Contribuição Histórica a Imprensa Brasileira – 1812-1869**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1972.

VIRILIO, Paul. **Guerra Pura**: a militarização do cotidiano. São Paulo, Brasiliense, 1984.

-----. Velocidade e Política. São Paulo, Estação Liberdade, 1996.

## **OUTRAS FONTES**

BARATA, Carlos Almeida Bueno; CUNHA, Antonio Henrique. **Dicionário das Famílias Brasileiras.** São Paulo, Ibero-Americana, 1999

### **SITES**

- <a href="http://www.almanackpaulistano.nom.br">http://www.almanackpaulistano.nom.br</a>. Acessado em 20.01.07.
- <a href="http://www.edukbr.com.br">http://www.edukbr.com.br</a>. Acessado em 20.01.07.
- <a href="http://www.portalartes.com.br">http://www.portalartes.com.br</a>. Acessado em 25.01.07.
- <a href="http://www.faap.br">http://www.faap.br</a>. Acessado em 28.01.07.
- <a href="http://www.camposonline.com.br">http://www.camposonline.com.br</a>. Acessado em 30.01.07.
- <a href="http://www.novomilenio.inf.br/santos">http://www.novomilenio.inf.br/santos</a>. Acessado em 23.01.07.

### CONSULTAS A JORNAIS MICROFILMADOS

- ✓ Arquivo Público do Estado de São Paulo
- ✓ Biblioteca Municipal de São Paulo "Mário de Andrade"
- ✓ Centro Cultural de São Paulo
- ✓ Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

### ARTIGOS EM PERIÓDICOS

CORDEIRO, J.P. Leite. Centenário de O Correio Paulistano. **Revista do IHGSP**, São Paulo, n. 53: p.75-78, 1956.

FREITAS, Afonso A. de. O Correio Paulistano em 1831. **Revista do IHGSP**, São Paulo, n. 16: p.393-399, 1915.

SILVA, Myltainho Severiano da. Vida e Morte de um Jornal Luctador. **Jornal dos Jornais**, São Paulo, maio de 2000, p. 16-24.

## PERIÓDICOS CONSULTADOS

- ✓ Correio Paulistano
- ✓ O Estado de São Paulo
- ✓ Jornal do Commércio
- ✓ A Gazeta
- ✓ Folha da Noite